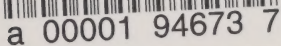


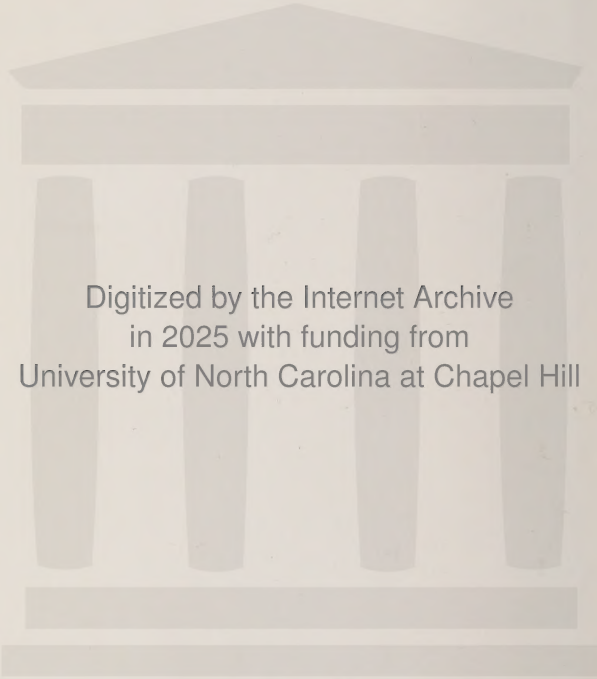
THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL



ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

DT611
.S7
1929

[illegible]



Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

África Portentosa

por

GASTÃO SOUZA DIAS

SEGUNDA EDIÇÃO



SEARA NOVA

PRAÇA LUÍS DE CAMÕES, 46, 2.º

LISBOA

1322/

ÁFRICA PORTENTOSA

*Desta edição fêz-se
uma tiragem especial de 50 exemplares numerados,
em papel couché.*

DD

GASTÃO SOUZA DIAS

C

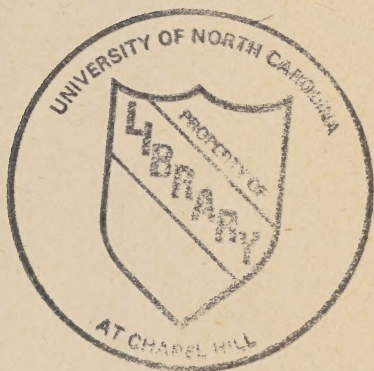
África Portentosa

DT 611

.57

1929

2.^a EDIÇÃO



SEARA NOVA
LISBOA
MCMXXVIII

À sagrada memória de meus pais

Aos meus filhos

« O povo que mais coloniza é o primeiro: se o não é hoje sê-lo há amanhã. »

LEROY BEAULIEU

De la colonisation chez les peuples modernes.

« Desde o principio da colonização, as leis e os costumes foram o laço que uniu todos os habitantes de Portugal — os da Europa e os das colónias — numa causa comum de honras, consanguinidades e interêsses. »

Alvará de 2 de Abril de 1761.

« Portugal, au lieu d'éloigner systématiquement les indigènes de sa route, pour se plier aux exigences d'une assimilation impraticable, a, au contraire, fait des naturels de ses possessions des collaborateurs, des amis, réalisant ainsi une oeuvre admirable, à laquelle, de toutes parts, il est rendu la justice qu'elle mérite. »

A. L. ALMADA NEGREIROS.

Les organismes politiques indigènes

« Para nós o Negro não é um simples instrumento de trabalho, destinado a desaparecer um dia e a ser substituído pelo Branco: é um elemento estável, duradouro e indispensável na obra de civilização que temos a realizar em África. Como tal, o problema da sua civilização impõe-se nos como uma necessidade indeclinável. »

A. F. NOGUEIRA.

A Raça Negra.

I

CARTA

A JOÃO PINA DE MORAIS

QUANDO há tempos lhe escrevi, eu já previa amargamente que « a onda assaltaria a África tranqüila » e se espalharia pela dôce terra africana. E eis que a minha triste previsão saíu infelizmente um facto!

Acabado o perigo do negro, terminadas as sangrentas campanhas do Humbe, Cuamato e Cuanhama, em que os nossos maiores tantos anos andaram empenhados, começaram os brancos a dividir-se e, indiferentes ao exemplo que fornecem aos sêres inferiores, mantidos sôb o seu domínio e protecção, implantaram nêste largo solo da África todos os desalentos, tôdas as dúvidas que alastram e subvertem a pobre Europa cansada.

Aqui mesmo, nesta terra, que é larga e aberta, jardim que podia ser um recanto de paz, de convalescença e repouso, os portuguezes, vítimas de um mal sem remédio que os inquieta e inferioriza,

olham o futuro como uma negra sombra em que não reluz um raio de claridade.

Não sabem por que duvidam: a vermina da dúvida tomou-os, sem que apareça uma voz que os anime, uma inteligência que lhes demonstre a pavorosa inanidade das suas incertezas. Pelo contrário, todos parecem empenhados em agravar o momento, em igualar a descrença que campeia por essa Europa dementada. Como é que a pobre humanidade se deixa assim tomar pela epidemia derrotista, e não pode permanecer indiferente aos ventos aziagos que de tão longe sopram, através dos montes, através dos mares?

E todavia agora, implantado finalmente o nosso domínio, mais que nunca deveríamos dar as mãos alegremente para a obra construtiva, reunir-nos para consagração do nosso progresso, para acabamento da nossa acção civilizadora, agrupando-nos como irmãos que somos, na organização da nossa defesa.

Da nossa defesa, disse. Porque, enquanto lutamos com o negro, enquanto não completamos a obra de pacificação, poucos estranhos puseram entraves ao nosso esforço, poucos cubiçaram o nosso perigoso bem.

Mas, agora que a hora da paz chegou por fim e o solo foi cortado de estradas e aberto pelo arado, agora as cubiças de estranhos desenham-se nitidamente no horizonte e as ameaças concretizam-se mais e mais. E, quando elas se efectivarem, encontrar-nos hemos desunidos!

ÁFRICA PORTENTOSA

Na verdade, à espera que abrámos as nossas portas, já estão as raças dominadoras. Até aqui tinha-se o seu desígnio manifestado por solicitações; agora já falam da nossa incapacidade; amanhã entrarão pela violência, invocando o direito do leão caçador. Os alemães pretendem instalar-se e, em breve, quando a Alemanha tiver restabelecido as suas relações com os outros povos e da Grande Guerra apenas restarem os ódios impotentes da França isolada, vê-la hemos, tornada de novo um forte povo, entrar em Angola, abrindo caminho brutalmente, como é próprio da sua tradicional maneira de actuar; os italianos, que de há muito agasalham o desígnio do estabelecimento nos planaltos de Angola, hão-de entrar pacificamente, mas em número tão avultado que abafarão facilmente a nossa frágil civilização; os americanos, procurando fazer o que os ingleses fizeram aos boers no Cabo, isto é, transformar em industrial e mineira a actividade do branco, para cuja direcção não estamos evidentemente preparados, hão-de arrancar-nos, como já vão tentando com as suas missões protestantes, o prestígio de que gozamos perante o negro.

Mas o grande perigo, o perigo fatal, contra o qual temos de estar preparados dentro de poucos anos, é o perigo da União Sul-Africana. As várias tentativas para definir a fronteira do Sul de Angola falharam até agora. Para se acordar nesse elementar dever entre nações indiferentes, qual

seja o de marcar com nitidez os limites das suas terras, já a União põe condições. Os alemães obrigaram-nos, pela conferência de Berlim de 1885, a recuar a fronteira do Cabo Frio para o Cunene, não parando aí a sua cubiça: contestações cavilosas surgiram sôbre a localização das cataractas do Ruacaná, de onde, pela letra do tratado, devia partir para leste o paralelo de delimitação.

Expulsa a Alemanha do Sudoeste Africano, a União patrocinou tôdas as suas exigências, dando porém a perceber que, para solução amigável do assunto, deveríamos deixar canalizar para os desertos da Damara água do Cunene.

A missão Roma Machado, encarregada de proceder, juntamente com uma missão sul-africana, à delimitação definitiva, teve de retirar em face das exigências dos nossos modernos vizinhos... De então para cá, tal trabalho não foi retomado e um silêncio pesado e ameaçador caíu sôbre o assunto.

Mas, a somar a essas estranhas pretensões, os murmúrios giram como faíscas de lume num céu tempestuoso, dizendo — *vox populi, vox Dei* — que a União olha a nossa Baía dos Tigres como sendo uma excelente porta aberta sôbre o mar!...

Acrescente-se a êstes preságios a transformação no sentido nacionalista da política do grande estado africano, e vêr-se há quão negros se estão pondo para nós os dias do futuro e quanta necessidade temos de abafar as nossas mútuas desinteligências para em breve nos acharmos, no dia so-

ÁFRICA PORTENTOSA

lene da nossa afirmação, capazes de a produzir bem clara e eloqüente, sagrando definitivamente um esforço de séculos! Para isso aproximemo-nos o mais possível de Portugal. A fórmula deve ser assim expressa: unificação da moeda, unificação do exército, unificação da instrução.

Não se trata de apurar culpas, nem de saldar contas velhas; pelo contrário, em nome da própria existência, e salvação, trata-se de esquecer, de perdoar, de unir e fortalecer. Aqueles que pecaram — e devíamos ter sido todos nós — que se penitenciem a dentro da sua consciência, que procurem a reconciliação com os seus irmãos, o esquecimento dos êrros cometidos e das violências praticadas. Sejâmos um só homem, querendo definir a nossa origem comum, o nosso ideal de povo expansivo e civilizador.

Quando o povo tenta uma obra como aquela a que nós há séculos animosamente metemos ombros, e não tem em si o poder de evitar para as novas terras alcançadas a expansão das rixas intestinas, êsse povo lançou-se cegamente numa aventura de frágil sucesso, que só servirá para comprometer a vitalidade do organismo de origem.

Pergunta-me Vossê o que há sôbre tentativas de emancipação de Angola... Olhe, amigo, eu tenho uma confiança quási dogmática no instinto que os portugueses sempre manifestaram a res-

peito da sua conservação como entidade colectiva. Na manutenção da independência temos revelado um génio adivinhador, que nos tem levado a tudo arriscar nos momentos decisivos, no difícil caminho da nossa segurança. Essa qualidade tão preciosa há de fatalmente continuar a existir na alma dos filhos de Portugal que para aqui vieram lutar e criar.

Não lhe falo já na ingratidão que significaria tal tentativa para com uma pátria que se tem sangrado no esforço de fazer prosperar as suas colónias, não só realizando dentro delas as campanhas necessárias ao seu alargamento, mas por elas sacrificando, na última luta gigantesca do mundo, o melhor da sua mocidade e ainda depois mandando-lhes as energias e os capitais necessários ao seu progresso.

O exemplo do Brasil, diz-se, é eloquente para animar tôdas as esperanças...

Mas o Brasil dera a Portugal — que aliás dêle não soube servir-se — um proveito compensador das suas canseiras. E, para com as colónias africanas, só tem havido da parte de Portugal um sacrifício permanente, sem que a hora da compensação legítima começasse.

Por outro lado, a emancipação, que se faz individualmente quando o ser está em condições de gerar, realiza-se colectivamente quando a nova nação está em condições de defesa.

Ora Angola não tem exército, não tem sobre-

A F R I C A P O R T E N T O S A

tudo marinha. Não tem criado ainda cidades nos planaltos — Malange, o Huambo e o Lubango são cidades em começo —, a sua vida máxima é no litoral e por isso sujeita a qualquer golpe de mão. Uma vez tomadas essas cidades marítimas, actualmente indefesas, ficaria comprometida a independência da colónia.

Quando em 1641 os holandeses tomaram Loanda, a queda da cidade correspondeu à perda quasi total da colónia, onde apenas os núcleos de Massangano e Muxima continuaram portugueses. Sete anos depois Salvador Correia retomou Loanda e imediatamente a colónia, reocupado o litoral, veio ao nosso domínio.

Quere dizer: Angola não está em estado de defesa. Uma vez separada da metrópole, tem de contar com todos os inimigos que a cubiçam de olhos ávidos. Tem de contar com os alemães, tem de contar com os italianos, tem de contar com os americanos e sobretudo com a União Sul-Africana, seu inimigo implacável, leão de garras aceradas, pronto a cair velozmente sobre a rez inerme...

¿ Quem virá então defender a pobre Angola, cuja existência se não escudará já no prestígio histórico de um grande país colonial? ¿ Quem virá lutar nos seus mares, onde por séculos tremulou a bandeira de Portugal? ¿ Quem virá trazer, como tantas vezes, o seu sangue moço para a defesa ardente de um largo ideal de civilização?

Ninguém virá; a pobre Angola abandonada

passará da precária liberdade que passageiramente entreviu, à escravidão mais negra e mais rude! E, desde o Zaire ao Cunene, onde durante séculos ressoou a língua portuguesa, nunca mais ninguém ouvirá uma palavra do sacrossanto e doce idioma!

Já o não convido, meu amigo, para se aventurar até estas terras distantes: convém deixar passar uns tempos, à espera que o bom senso penetre de novo o cérebro dos homens e a esperança se aninhe de novo nos seus corações. Quando então se retomar o caminho abandonado, fazendo cada um do trabalho uma regra de conduta e da solidariedade uma arma vigorosa, então tornarei a oferecer-lhe a minha casa, para que venha ver como os seus irmãos, tirados para fora dêsse monstruoso círculo infernal de almas enraivecidas, sabem construir em perfeita comunidade fraternal, em juvenil e exaltada fé de *bien faire*.

Amanhã a dúvida estará morta, porque nem nós somos capazes de abatimentos prolongados, nem as causas de descrença são profundas ou irremediáveis. Os grandes perigos desenham-se e os perigos vão unir-nos!

E então, quando a próxima união se restabelecer, mostrar-lhe hei com orgulho isso que aí está: terra imensa pacificada, as estradas abertas, os terrenos arroteados, as povoações construídas, as comunicações montadas, a assistência estabelecida,

A F R I C A P O R T E N T O S A

as escolas em pleno trabalho, as instituições indígenas contrárias à humanidade substituídas, o trabalho tornado livre, os impostos lançados de uma forma eqüitativa, o contacto das raças regularizado pelo maior e mais amplo espírito de tolerância — a civilização enfim, transformando benèficamente a terra e o homem !

A terra encontramos-la virgem e fecundamo-la ; o homem encontramos-lo nu, desprotegido, e vestimo-lo e amparamo-lo. As fomes, as guerras, as epidemias, tudo terminou : e hoje o branco interna-se nos escusos sertões mais afoutamente do que se caminhasse por estradas de Portugal.

Isto lhe quero eu mostrar. A onda de desalento vai passar. E, enquanto não passa, vou recolher-me e concentrar-me, para lhe poder mandar as impressões que os meus olhos forem recebendo, as coisas velhas e novas que os meus ouvidos forem escutando. Recolhidas e ordenadas, eu lhas oferecerei, procurando dar-lhes interêsse e beleza, para que se tornem atraentes e de fácil leitura. Procurarei descrever o esforço do missionário, do militar e do colono, os mais poderosos agentes de progresso a que o génio da raça confiou a obra de transformação da terra. Se do meu trabalho ressaltar com evidência êsse esforço, quer dizer, se êle for uma demonstração eloqüente da nossa capacidade, não perdi o meu tempo, pois que, escrevendo a consagração dos que sofreram e criaram, nada mais fiz do que carrear a minha pedra,

ainda que leve, para o grande monumento a erguer às mortas gerações que na África deixaram uma obra positiva, tão grande e tão nobre, que o homem de hoje a não percebe e portanto não ama.

Nada valerão em mérito literário, nem isso me preocupa fundamentalmente, as páginas que lhe hei de mandar. Ao escrevê-las, uma só intenção me anima: servir a terra a que pertença, pronunciando apenas palavras de fé e confiança, para contribuir, ainda que com pequena parcela, para a obra de amor que é absolutamente necessário realizar em tôda a terra portuguesa.

Para longe azedumes e diatribes! A sementeira de desalento em que andamos empenhados já produziu suficientes tempestades para que enfim procuremos o caminho novo que devemos trilhar.

Adeus, amigo! O tempo tudo sana e compõe. Amanhã Angola será de novo a colónia em marcha para um destino largo. E até lá procuremos trabalhar em silêncio e humildemente, cada um na sua esfera, sem vaidades, sem mal compreendidos orgulhos, com os olhos postos naquele ideal amplo que sempre nos conduziu e amparou na senda da nossa agitada vida nacional.

Seu do coração

G. S. D.

África Ocidental Portuguesa.

Lubango. — Março de 1924.

II

NOTAS DE VIAGEM

AO DR. ADALBERTO TEIXEIRA

NAQUELA hora, quando o navio soltou o mugido doloroso da despedida, as miragens de felicidade que nos impeliam à abalada empalideceram e murcharam. Quanta gente ficava em terra, para quem a saúde ia como resposta às mil preocupações sobre o nosso destino, alguns que nunca mais veríamos, sumidos nesta voragem da vida que absorve e tritura as almas!

E lá íamos de novo atrás do sonho quimérico, como aquele cavaleiro do quadro de Waats, que parte em abalada atrás das *Ilusões*, na enganadora sedução do mar e das ilhas encantadas, como se a felicidade não estivesse afinal subjectivamente dentro de cada um de nós ou nunca dentro de nós chegasse a penetrar...

A Torre do Bugio, os Estoris e Cascais ficam para trás. E eis-nos em pleno mar, envolvidos pela monotonia infinita das águas, pelo cheiro da

maresia, pelo marulhar ininterrompido das suas ondas incansáveis. Em volta, tudo se move e oscila. O enjôo começa a tomar-nos irresistivelmente a cabeça, cujo pêso se sente mais sôbre os ombros, tornando doloridos os músculos do pescoço pelo esforço de a ampararem erguida. O corpo cai numa lassidão derrotada. A acuidade de todos os sentidos, do ouvido, do olfacto e da vista, sobre-excita-se dolorosamente. Magoa a claridade da vigia. Vamos vergonhosamente abatidos sôbre o sofá do camarote.

Em cima, na sala das damas, as primeiras revelações musicais manifestam-se ainda com timidez. Não sei como se espalhou em Portugal a fúria dos *fados* — o fado triste, o fado do 31, o fado português — uma dolente escumalha musical que vai dando de comer aos revisteiros e cumulativamente contaminando o gôsto popular, de si tão inspirado e suave! Até aqui, sôbre as ondas do mar, essa gemida e acanalhante angústia soluça com dolência!

No beliche, balouça um candieiro suspenso à Cardan; as cortinas de amarelo vibrante, sempre agitadas, são como gritos luminosos penetrando na massa dolorida do cérebro. Vozes no corredor aumentam o mal-estar de todo o nosso ser, que aspira baldadamente ao silêncio e à imobilidade. A cabeça parece esvaziada, e o corpo, colado ao sofá, vai incapaz de fazer o esforço de um pequeno movimento.

Só no fim do terceiro dia a cabeça tenta liber-

ÁFRICA PORTENTOSA

tar-se do travesseiro onde se afundara. O criado ainda traz as refeições ao camarote; mas já um ôlho terno começa a demorar-se sôbre a comida. A fôrça entra de novo no corpo, a ponto de aventurarmos uns tímidos passos até à tôlda, na esperança de uma aragem fresca. Mas as frinchas paralelas do sobrado parecem fugir debaixo dos pés, e, quando a linha do horizonte sobe e desce à nossa vista, os olhos fecham-se perturbados e o cérebro parece chocalhar dentro do crânio.

Mulheres empalidecidas, prostradas em cadeiras de bordo, lutam com o enjôo.

O navio atravessa uma atmosfera húmida, pegajosa e salina. Até à Madeira a água será sempre agitada em ondulações vivas que transmitem ao navio um balanço insuportável.

Começâmos a apresentar-nos uns aos outros. Revelam-se as aptidões para organizar divertimentos, única defesa contra o intolerável aborrecimento da água que nos cerca até à circunferência vaga do horizonte.

Vai a bordo um naturalista francês que desembarcará em Loanda, encarregado pelo museu de Paris de colher exemplares zoológicos, e que, como profissão secundária, é nas horas vagas dentista diplomado; vai um índio de sorriso sinistro, engajador de pretos para Fernando Pó; vai um agrônomo que, pelos vistos, se ataca o problema do trigo, das chuvas e do arroz de sequeiro, com a mesma habilidade com que organiza os jogos de

prendas, deve com tôda a certeza dar um forte impulso à agricultura angolense; vão damas de verdade e damas de fresca data; militares, funcionários; uma miscelânea ao mesmo tempo curiosa e intolerável.

Estamos à vista de Pôrto Santo, montanha nua, de recorte em crista, por cujas quebradas uma vegetação humilde desce até à beira mar, até aos casebres minúsculos dos pescadores.

Eu esperava ver na ilha uma larga vegetação que justificasse a história dos coelhos, que é de molde a comprovar de quão fúteis razões depende às vezes o destino dos homens.

Tinha a ilha sido descoberta por Bartolomeu Perestrelo, em 1418, quando, tentando dobrar o Bojador, o vento o impeliu para oeste. E logo no ano seguinte foi mandado por D. Henrique a colonizar essa terra, que era a primeira das ilhas encantadas, tão ansiosamente visionadas pela imaginação do grande Infante. Levava consigo João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz. Ia mais gente, iam animais entre os quais figurava um casal de coelhos, tão bons colonizadores, que, dentro em pouco tempo, os seus descendentes constituíram uma praga terrível, a cujo dente não escapavam as culturas do pobre donatário, que, desesperado, regressou a Portugal a depôr nas mãos do Infante a sua generosa doação!

De regresso (oh! enigmática obscuridade das coisas!) os seus companheiros descobriram para a

A F R I C A P O R T E N T O S A

corôa de Portugal a formosa ilha da Madeira, onde ainda hoje chegaremos lá para o cair da noite e na qual os nossos olhos vão ansiosos de pousar.

Na cabine da T. S. F. chispam as faíscas de transmissão. Já estamos em comunicação com a bela ilha, a mais linda do Oceano, que dêle surge como montanha encantada e colorida, pintalgada de casitas brancas, constantemente reverdecida na sua flora exuberante.

Pela montanha as casas brancas, muito vivas no fundo verde da ilha, vão até ao alto. A fortaleza, dominando o mar e dominando também pela sua grandeza, impõe-se à vista.

São seis horas da tarde. Partiremos na alvorada do dia seguinte. Quem quiser sair, é apressar, que daqui a um bocado é noite e já não valerá a pena o desembarque. Junto do navio vão-se acumulando batelões, com mobílias de vêrga; os mercadores de postais e bordados invadem o convés; um malandrão, que explora uma criança, pede moedas para esta lhas ir apanhar ao fundo do mar. Abrimos caminho e vamos para terra num caíque pintalgado. Passâmos junto de uma corveta italiana surta na baía.

Eu nunca tive uma sensação de artificialidade tão completa como no Funchal. Parece que tudo aquilo, casas de persianas verdes, jardins, estabelecimentos, é pequenino e amaneirado, criado por

uma vida muito aconchegada, muito modificada pelo *touriste*. Vem a descer a rua escorregadia um carro sem rodas, em que os bois, os assentos, tudo tem a mesma pequenez. Dá-me a sensação de que é impossível tentar meia dúzia de passos francos na estreiteza dessas ruas besuntadas, ladeadas de casas minúsculas. Que vida também pequena deve ser a desta gente, interessada em coisas pequenas, ocupada na fiscalização constante dos actos dos outros, cheia de corrilhos e de intrigas!

Encontrâmos um grupo de guarda-marinhas italianos, esbeltos, muito correctos no seu porte de colegiais. Escureceu. A corveta na baía acendeu já à ré um grande lampeão artístico. Ela própria, na esbelteza dos seus cordames e mastros, tem um ar antigo que se casa maravilhosamente com as linhas e côres circundantes. Por momentos o pensamento leva-me muito para trás nos anos. E a idea, que de repente surge por contraste no cérebro, de que tudo quanto nos cerca é ainda Portugal, parece encontrar nas coisas uma frouxa confirmação.

Vamos para bordo. Em terra há milhões de luzes trepando para o céu pelo vulto escurecido da montanha. E, ali a dois passos, o grande lanternim artístico da corveta veneziana, reflectindo a luz trêmulamente pela água fora, parece duma nau do tempo dos velhos doges, marinheiros do Adriático.

De novo o mar. E, após uns dias de monoto-

ÁFRICA PORTENTOSA

nia e amplidão de água, os passageiros, visando pelo binóculo e estendendo a mão para o horizonte, agrupavam-se na tôlda, mirando o vulto indeciso da ilha de S. Vicente. Pouco a pouco essa nuvem ia-se tornando nítida como se entrasse no foco dos nossos olhos. Era uma rocha vulcânica de formidável aspecto, sem vegetação, árida, de formas desusadas, como que nascida de um esforço gigantesco e bruto, que de um solavanco a erguesse para fora do mar.

Pela sua aridez e desconformes linhas, a ilha é um monstro de paisagem, capaz de provocar na imaginação dos homens a evocação de lendas fantasiosas, atribuindo a gigantes e a titans a sua autoria.

Segundo conta a velha tradição cartaginesa, Hannon navegou por estes mares e, tendo descoberto as ilhas do arquipélago, chamou-lhes Hespérides. Não se alcança bem a razão dêste nome: Hespérides eram na mitologia três irmãs, filhas de Hespero, que possuíam um belíssimo pomar cheio de frutos de ouro, guardado por um dragão que Hércules matou para nêle colher os apetecidos frutos. Poder-se-ia, porém, percorrer a ilha de S. Vicente sem encontrar nem pomares nem frutos de ouro que justificassem os esforços de Hércules... Será mesmo difícil encontrar em todo o mundo pedregulhos mais nus e mais convulsionados. Chega a parecer milagre como é que nesta aridez vulcânica a cidade, ali no fundo da ilha, à

beira-mar, se alimenta e vive, inteiramente dependente do que lhe mandam as outras ilhas.

Os pretos que se aproximam do navio pescam sardas com pedaços das próprias sardas. E não sei qual é maior, se a voracidade dos peixes devorando a carne dos animais da mesma espécie, se a dos negros trincando as sardas cruas e sem mais preparo.

O aspecto dos pretos que vemos pescando à linha, e o daqueles que entram no navio, é de uma miséria e tristeza que causam dó. São os primeiros negros que encontrâmos nesta nossa entrada em África, e, na verdade, pelo definhamento dos seus corpos, bem desgraçada impressão nos deixam de si os famintos de Cabo Verde!

Dois rapazes, estudantes caboverdianos, que até aqui foram os senhores da alegria e do reboliço de bordo, despedem-se hoje. Os moços parecem comovidos e o agrónomo, acenando com uma toalha, diz-lhes adeus fingindo chorar... Continuo a acreditar que desta vez a agricultura de Angola encontrou o seu homem...

Mas, assim árida e escalvada, a ilha possui um magnífico pôrto com uma légua de bôca, podendo

ÁFRICA PORTENTOSA

abrigar mais de 200 navios de alto bordo, pôrto que devia ser cuidadosamente defendido, pela sua posição excepcional no Atlântico e por ser depósito carvoeiro onde se abastecem os navios que seguem para África e para a América. A meio da bôca do magnífico pôrto fica o Ilheu dos Pássaros, rochedo em forma de pirâmide, no alto do qual alveja o farol e em cuja superfície não brota uma só ervagem. A vida do faroleiro deve ser de um isolamento e tristeza de impossível consolação.

Logo que levantâmos ferro e saímos o pôrto, começâmos a torneiar lentamente a ilha. Num pequeno areal ao rés do mar, distinguem-se umas cabanas miseráveis de pescadores, que nos fazem pensar que, havendo sal em abundância na ilha do Sal e de Maio e pescado aos cardumes nas águas do arquipélago, fácil seria fazer das ilhas centros de abundância e de trabalho, em vez de regiões de miséria onde se sucedem quasi periòdicamente fomes irremediáveis.

Minuto a minuto a aridez e a negrura da rocha formidável aumentam. É qualquer coisa severa e rude que só traz à idea comparações mitológicas de Plutão ou de Prometeu. Uma grande ave bate lentamente as asas a rasar com o mar. E uma grande sombra projecta-se, desenhando a ilha, por sôbre a face enrugada das águas.

Ao cair do crepúsculo o vulto de S. Nicolau desenha-se no horizonte.

Acordâmos em frente da Praia. A cidade é mais risonha que S. Vicente.

Ao navio chegam mulatas elegantes, de olhos de febre e traços de um temperamento ardente. Mas os pretos que entram no convés, oferecendo chapéus de palha e pequenas sacas feitas de sementes, têm ainda o mesmo olhar humilde e melancólico, a mesma face de fome, os mesmos ombros esqueléticos, um ar de infelicidade resignada, contra a qual lhes é inútil lutar.

Pouco tempo demorâmos na Praia. Ao meio dia largâmos, perdendo de vista os seus coqueiros. De um barco de vela junto do qual passâmos, um lenço agita-se teimosamente.

Depois de bordejarmos a ilha alta, encontrâmo-nos de novo no mar ilimitado, sôbre o qual tomba mais uma vez a negrura espessa da noite. E nessa negrura, ao longe, uma luz começou a palpitar. De um dos mastros do nosso navio outra luz palpitou também. E, entre as duas, um diálogo mudo se estabeleceu: a de longe acendia-se e apagava-se num anseio de comunicação que tinha vida; a de cá, iluminando o cordame e os mastros, projectava-se nas trevas como correspondendo ao apêlo vivo.

¿ De que nação seria o navio que connosco queria conversar, no infinito isolamento do oceano e da noite?

ÁFRICA PORTENTOSA

E por sôbre o mar silencioso aquela vibração imponderável não era mais que o pensamento humano, sob a forma de luz, pondo em comunicação as almas de homens desconhecidos, mas irmanados na mesma insatisfação de viver e nos mesmos anseios de felicidade.

Por fim a luz de lá era já como uma estrêla minúscula, que ainda scintilava mas que já sòmente conseguia transmitir uma vaga palpitação de despedida. Que navio seria? Para onde iria aquela gente, esquecida na superfície do mar, a larga estrada por sôbre a qual apenas transitam os aventureiros e os sonhadores?

*

*

*

Vamos entrar no gôlfo da Guiné. Para leste distingue-se uma faixa nevoenta que é terra.

Com a ajuda do binóculo avistam-se penachos de coqueiros e palmeiras. Dobrâmos efectivamente o Cabo Palmas, deixando a Libéria para passarmos à Costa do Marfim, tal qual como fêz Pedro de Sintra, em 1460.

Esta entrada do grande gôlfo africano é conhecida sucessivamente pelos nomes de Costa do Marfim, Costa do Ouro e Costa dos Escravos, lembrando os atractivos comerciais que a ela chamaram os homens brancos.

A África foi de facto o continente que deu o

sangue necessário ao desenvolvimento das terras ocidentais, descobertas no comêço do século xvi. De todo o interior africano afluíam à costa as levas de escravos. As que seguiam para o Oriente encontravam-se no Cairo e em Zanzibar; as destinadas às Américas juntavam-se no Gôlfo da Guiné e daí irradiavam para Richmond, Charleston, Nova Orleans, S. Domingos, Baía e Rio de Janeiro. Foi uma transfusão de sangue, um drama colossal de crueldade e dureza, em que tôdas as nações se envolveram, mas de cuja responsabilidade procuram furtar-se, lançando sôbre os nossos ombros a culpa total dessa vergonha! Quando afinal nós tivemos de nos haver com os negreiros de todo o mundo, que às nossas próprias terras vinham mercadejar a carne negra necessária ao fomento das suas colónias longínquas.

Ninguém sofreu mais que Portugal, a quem os outros roubavam os milhares de braços que hoje lhe faltam, ninguém lutou mais que Portugal pela extinção da escravatura, porque a solução desse problema ia ferir os interêsses de estrangeiros envolvidos no tráfico realizado nas nossas colónias. Possuíamos há muito leis humanitárias (desde 1570 que em Portugal se iniciara a campanha anti-esclavagista; desde 1761 todo o escravo vindo dos domínios ultramarinos, ao desembarcar no continente português, era considerado livre), leis tendentes a reprimir o infame comércio que outros faziam nas nossas terras, leis que fecharam pela obra ma-

ÁFRICA PORTENTOSA

gnificamente altruista de Sá da Bandeira. As dificuldades, porém, na repressão do nefando comércio surgiam-nos de facto a cada passo: a questão da barca *Charles et George* e os conflitos ocasionados em Angola, durante o govêrno de Sebastião Calheiros e Menezes, dizem alguma coisa àcêrca das injustas razões por que os de fora nos brindaram com o título de *negreiros*, que tão bem ajustava à sua cubiça insaciável.

*

* *

Caminhâmos em direcção à Ilha do Príncipe. É tarde. Não faz calor. O médico de bordo andava a passear com alguns passageiros, quando o enfermeiro se aproximou para lhe dizer:

— Acabou agora mesmo de morrer...

— De morrer, quem?

E o enfermeiro, querendo remediar um êrro involuntário, balbuciou uma desculpa frouxa.

Mas o que é certo é que, já noite, o navio parou e, quem estivesse de ouvido à escuta, teria sentido cair na água qualquer coisa que mergulhou de seguida.

Era o cadáver de uma criança que morrera na terceira classe e cuja mãe, doida de dor, naquele ambiente de acaso e indiferença pelo seu sofrer, soluçava um chôro mal contido e meio abafado. Quem sabe se visionaria a carne do seu infante

dilacerada pelos tubarões que infestam estes mares?

Quando a ilha se começou a avistar era já noite e da terra apenas se divisava o recorte da montanha escura, estranhamente caprichoso, contra o qual a água do mar marulhava numa cintura de espuma.

Chegava ao navio claramente o aroma dos cafezeiros em flor. E, à medida que a noite ia caindo, mais e mais a massa da ilha, onde uma ou outra luz brilhava discretamente, enegrecia.

Logo de manhã, no convés, o guincho começou a trabalhar, afastando o sono mais profundo. Levantei a cortina da vigia. Que transformação!

O que está em frente de nós é uma floresta cerrada, que mergulha as raízes na espuma do mar e vai, sem uma clareira, até ao cume da montanha. É tudo arvoredado: cacaueiros, bananeiras, cafezeiros, de um verde tenro e larga folhagem, crescendo sob uma atmosfera de humidade e fogo.

Denunciando a natureza vulcânica da ilha, vêem-se ao rés do mar blocos negros de basalto; no rebôrdio da crista espalmam-se no céu os penachos dos espiques tropicais. Lá no fundo da baía fica a povoação e, aqui e além, na parte alta da serra, olhando o mar, quási sumidas na espessura, espreitam as casas das roças. E tudo se desenha

A F R I C A P O R T E N T O S A

com pouca transparência nesta atmosfera densa de humidade, em permanente estado de nevoeiro, que se condensa e tomba em borrifada chuva.

O mar é um rio manso, espelhento e colorido. Vamos a terra num escaler da capitania.

A povoação, que parecia pouco distante por ser vista em referência à superfície horizontal do mar, é afinal muito afastada.

Logo a seguir ao cais de desembarque, a vegetação é extraordinária! A fruta-pão, o cacau nascido directamente do tronco da planta, as begónias de folhas gigantescas, os aromas capitosos, tudo compõe uma flora estralejante e impetuosa. A humidade gera essa riqueza vegetal, destruindo em compensação as obras dos homens: as casas têm um ar de ruína irremediável.

Na povoação insignificante aparece um ou outro tipo de roceiro, dando a ilusão de que trepâmos terras do México ou das Filipinas, grandes polainas e esporas, chapéu de aba larga, caras de impaludados malavindos, olhos escurecidos e fundos da febre e barba negligentemente crescida. Não sei que presença inquietante têm estes homens que são, digam o que disserem, expatriados lutando baldadamente, numa luta esgotante de adaptação e de impossível amoldamento. Falam com um particular azedume e arrogância. No seu sangue gira qualquer venenoso humor que lhes tira a alegria; nos seus olhos há uma intraduzível dureza metálica, que é o espelho da sua alma doente.

Para estes homens a salvação seria a Europa, aonde a ida devia ser obrigatória no fim de curtos espaços de permanência. Mas a ilusão do africanista português àcerca do clima é fatal: só quando lhe bate à porta a *perniciosa*, é que êle geme, ainda com indecisão: «Preciso de ir a Portugal...»

A culpa, porém, é mais das coisas que dos homens. Os que vêm à África na fúria do trabalho cansam-se em mil negócios e embaralham de tal forma os seus interesses, que nunca chegam a liquidar definitivamente, para poderem ir uns meses à metrópole.

Quando regressâmos a bordo, na tolda conversam um alemão que entrou em S. Vicente e o médico de bordo. Pelas meias palavras adivinha-se a palestra: estão singelamente a minar a ruína da Inglaterra!

*

*

*

Êste mar de S. Tomé não é muito para brincos! Há meses, e isso ainda anda na imaginação da gente da terra, voltou-se um escaler e lá ficaram dois homens, possivelmente nos dentes do tubarão!

Cortâmos a baía num gazolina, contra o qual as ondas se quebram marulhando. Lá no fundo, como jóia engastada em esmalte verde, fica a cidade pintalgada e colorida.

ÁFRICA PORTENTOSA

Efectivamente S. Tomé é a terra dos mais lindos e viçosos jardins que eu tenho visto. As flores enchem os canteiros e as relvas tenras e densas compõem-lhes um verde uniforme, onde elas se destacam vivamente. As águas correm abundantes. E, a par desta graça, a cidade tem a de ser escrupulosamente limpa e composta.

Mas a curiosidade da ilha não é seguramente a sua capital. Nas roças há a frescura que já nos é tão indispensável — o calor cá em baixo é qualquer coisa de medonho — e nelas se pode observar a organização do trabalho adotada quási espontâneamente pelo génio nacional, para realização de uma obra de colossal grandeza.

Todo o portugûes que quiser confortar a sua fé no destino da sua terra, nada mais precisa do que procurar as origens humildes da nossa acção colonial. As ilhas de S. Tomé e Príncipe, tendo sido descobertas em 1741 por João de Santarém e Pedro de Escobar, começaram a ser povoadas em 1493 por judeus, aventureiros, colonos portugueses e escravos.

Alvaro de Caminha, a quem o rei fizera doação da Capitania de S. Tomé, trouxe para a ilha os filhos dos judeus castelhanos, que não haviam deixado o reino no prazo fixado. Essas crianças, depois de baptisadas, foram entregues ao donatário « a-fim de que, uma vez tornadas grandes, pudessem contratar casamento e povoar assim aquella ilha »!

Um amigo, que nos recebera galhardamente, telefona. Vamos almoçar à roça *Amparo II*. Encontrâmos, depois de caminhar por uma estrada sôbre a qual a vegetação forma quâsi um túnel, o feitor que dirige o trabalho de uma tractora. O seu tipo de cavaleiro, alto, pescoço nú, grande chapéu, tem uma singular e alegre desenvoltura, que não exclui a necessária correcção de porte e de linguagem. Entra para o nosso carro, mandando à mão a esplêndida montada.

A estrada continua talhada na floresta de palmeiras e bananeiras. No fim de um quarto de hora penetrâmos nas ruas areadas do jardim da residência.

O confôrto que nos cerca faz esquecer que estamos no Equador. Enquanto descansâmos em largos cadeirões da Madeira, no espaçoso alpendre da entrada, um criado preto serve-nos o aperitivo. E a seguir o feitor leva-nos a vêr os taboleiros de secagem do cacau, a fábrica do azeite de palma e as senzalas dos serviçais.

Chegâmos à hora da refeição da manhã. Trezentos negros, na sua maioria de Angola, recebem as rações. Estamos bem longe de Cabo Verde e essa distância revela-se também no aspecto físico dos negros. Êstes que estão na nossa presença são encorpados e fortes. Podem trabalhar muito; mas o que é certo é que fome não passam. Dentro da roça está também a enfermaria e a farmácia.

ÁFRICA PORTENTOSA

E, em volta da sede, os jardins prolongam-se, fazendo transição para a floresta, a água corre em valados fundos, nas capoeiras há um sem número de galinhas e patos, na cavalaria meia dúzia de montadas de pêlo reluzente, e na vacaria as lindas vacas turinas e um enorme touro holandês esmoem lentamente a sua ração de fava. Mais para o largo, num cercado feito já na floresta, os porcos engordam com bananas e com os restos do fabrico do azeite.

Regressâmos à residência. São horas do almoço e durante êste reafirmou-se a galhardia e primoroso acolhimento do feitor: espontâneamente, sem aparato nem conselheirice, sentimos a necessidade de dizer alguma coisa àquêle homem e de constatar que tudo aquilo que nos cerca, abundância, inteligente esforço, galhardia e fidalguia, são de verdadeiros portugueses, transplantados para onde as velhas qüalidades da raça não são amesquinhasdas, nem pelo vírus da política, nem pela acção fraticida dos ódios das seitas e das facções.

O camarada que nos guiava quis levar-nos à origem das águas que abastecem a cidade. Aí não é sòmente o ponto de vista magnífico em que, destacados um pouco acima da vegetação que cobre o solo da ilha, podemos contemplar a cavaleiro a massa extraordinária do arvorêdo e da folhagem: é o pitoresco lugar em que a água jorra abundantíssima e clara, reünida primeiramente nos enormes tanques colectores e precipitada depois nos canais de distribuição, a caminho da cidade.

O que está em volta de nós é uma paisagem irreal, luxuriante panorama sôbre o qual os olhos se abrem desmesuradamente, para o acolherem, e se demoram àvidamente, para o decorarem.

À noite tôda a gente de bordo estava debruçada na amurada, vendo o tubarão em volta das embarcações ligeiras que cercavam o navio. E mais parecia uma brincadeira preparada para distrair os passageiros, do que a defesa dos negros contra os terríveis animais. Por transparência, viam-se os corpos ondulantes dos tubarões, aos dois e aos três, rondando com uma impassibilidade imperturbável, apenas espantados pelo bater dos remos que os enxotavam.

Por vezes os negros, que são habilíssimos nadadores, chegam a lutar, armados de uma simples faca, contra o tubarão, evitando-o velozmente no momento em que êle se volta de ventre para o ar, pois que, por ter a bôca rasgada na face inferior do corpo, só nessa posição é que pode acometer.

*

*

*

Logo de manhã começâmos a bordejar a ilha, a caminho do alto mar.

Estamos em zona de monstros: agora são as

ÁFRICA PORTENTOSA

baleias que aparecem lançando ao ar o jacto da sua respiração e fazendo sair fora da água a negrura das suas barbatanas; logo são os esquadrões de toninhas galopando em volta do navio; a seguir os bandos de peixes voadores singrando como aves em pleno ar. O naturalista conseguiu obter em S. Tomé um peixe-ouriço que é, segundo êle afirma, uma grande raridade zoológica.

E eu pergunto a mim mesmo o efeito que estas maravilhas da criação teriam produzido na imaginação dos homens dos Descobrimentos, cuja cabeça ia de antemão cheia de lendas e mistérios... Debaixo de uma atmosfera ardente, esperando vêr surgir dêste mar de leite terras em tôdas as direcções, ao defrontarem-se com êstes monstros quási mitológicos, que mixto de terror, de curiosidade, de avidez naturalista, faria bater aquelles corações ansiosos!

Á falta de melhor diversão ensaia-se a *Madelon* ao piano. O entusiasmo do francês é extraordinário! Canta, rege, gesticula, os olhos em chama, fazendo acentuar os versos mais formosos, afirmando que música e versos são verdadeiramente a alma da França, que através dos mil sofrimentos ainda fazia nascer uma figurinha gentil de vivandeira dando de beber a todos, concedendo de quando em quando um beijo piedoso aos mais abatidos:

*Il est là-bas, à deux pas de la forêt,
Une maison au mur tout couvert de lierre...*

Admirável canção em que não há uma palavra de desalento e, pelo contrário, só palavras de fé e de alegria:

*On l'embrasse dans les coins.
Elle dit: Veux-tu finir?*

O entusiasmo crescia. Algumas vozes tentaram os primeiros compassos da *Marselhesa*. E então o francês, muito formalizado, pediu que passassem a outra música, porque não via que o momento fôsse suficientemente solene para se cantar o hino da França!

*

*

*

Passâmos em Cabinda, o enclave que nos ficou em compensação do esbulhamento da região de entre Zaire e Cuango. Os negros da região são excelentes cozinheiros. Quási sempre os navios metem cabindas para o serviço de bordo, que seguem até Moçambique. São pretos que vão ganhando os benefícios e os vícios da civilização.

Na manhã seguinte entrâmos a embocadura do Zaire, ancorando defronte de Santo António. O rio largo, de margens baixas e planas, arrasta um

ÁFRICA PORTENTOSA

volume imenso de água barrenta: *a água dêste rio é doce cinco léguas ao mar*, como diz o cronista.

No outro lado é o território que estrangeiros nos levaram, numa das muitas espoliações em que contra nós prevaleceu o *nominor quoniam leo*.

Naquela ponta, além, colocou Diogo Cão, escudeiro da casa de D. João II, *o padrão de S. Jorge*, em 1482, sendo nas antigas cartas o próprio rio Zaire conhecido pelo *rio do Padrão*. Voltando a Portugal, levou consigo alguns indígenas, prometendo "que em quinze luas volveria" com êles. Nessa primeira viagem Diogo Cão desceu ainda ao Cabo de Santa Maria, onde colocou *o padrão de Santo Agostinho*.

Na sua segunda viagem penetrou rio acima, pôs-se em contacto com os povos do interior, entrando em relações com o soberano do país, e, descendo costa abaixo, levou a sua navegação até à Serra Parda (21° 48'). De regresso embarcou a embaixada de *Caçuta*, que foi recebida em Beja por D. João II.

Logo depois, em 1491, Gonçalo Sousa chegou a Ambeses, capital do reino do Congo, e "em 3 de Maio foi posta a primeira pedra da igreja que se edificou, tomando por orago — de Santa Cruz — a qual foi depois catedral com Bispo e colegiada, em consequência das instâncias que el-rei D. João III fêz no ano de 1534."

Em 1512 foi recebida em Portugal a célebre carta do rei do Congo a D. Manuel, que lhe enviou

missionários capuchos, magistrados portugueses, um estandarte e brasão. Por sua vez *o rei de Angola* reclamava perante D. João III, da suspensão do tráfico efectuado no seu território. Em 1559, Paulo Dias de Novais dirige-se a Angola, com três caravelas, e visita o seu potentado em Pungo-Andongo.

São estes os primeiros passos de penetração em Angola, os quais, conjugados com a chegada à ilha de Loanda, em 1575, e com a fundação da cidade, no ano seguinte, por Paulo Dias de Novais, na sua segunda viagem, constituem os factos que serviram de base à criação do nosso império da África Ocidental.

A lancha de bordo, quando rebocava uma barça, esteve prestes a voltar-se, batendo de encontro ao costado do navio. Os marujos da lancha cortam rapidamente o cabo, mas a corrente arrasta-a com o leme partido e lá vai, rio abaixo, a caminho do mar! Arreia-se uma balieira prestamente e, depois de meia hora de ansiedade, a lancha é salva.

Na preparação da balieira de socorro, a marinhagem teve uma decisão tão pronta, o seu esforço coordenou-se tão disciplinadamente em face do perigo dos camaradas que iam rio abaixo, que toda a gente sentiu um frémito de entusiasmo perante aqueles remadores impetuosos e elegantes, que corriam em socorro dos seus irmãos.

A F R I C A P O R T E N T O S A

Depois um barco à vela, que há horas bordejava o navio, aproximou-se.

Dentro a manobra agitada para abordar subordinava-se às vozes de comando — Ala! àvante! Um marujo empoleirado no mastro faz prodígios de equilíbrio.

Ah! nós não podemos olhar estas figuras de grumetes, de bóina pequena, descalços, camisola de lã agarrada ao corpo, o pescoço nu e a pele curada e precocemente enrugada pela aragem do mar, nós não podemos olhá-los sem que à lembrança nos venham as humildes figuras dos painéis de Nuno Gonçalves, em que os tipos nacionais, com que se alicerçou a epopeia dos Descobrimentos, estão imortalmente representados. São os mesmos traços do rosto, olhos pequenos e graves, a bôca de lábios delgados contraída numa contensão de doloroso querer e, por sôbre as feições, um ar de religiosidade superior, de quem considera Deus como largo espírito cobrindo e dando alma a tôda a natureza, desde a terra criadora à água infinita do oceano, ao vento que nas velas murmura a canção eterna, às estrelas que servem de guia aos pobrezinhos perdidos na volta do mar!

Mas ai como nós somos na verdade portuguezes, na conservação do tipo nacional e ainda no desleixo e insegurança de nossas vidas! A baleeira que foi descida tinha vazios os barris de água de reserva, a bolacha pôdre de bolor, as lanternas comidas

de ferrugem! Uma criminosa imprevidência e incapacidade de exercer uma fiscalização seguida, a inconsciência com que se joga com centenas de vidas, até que o desastre surge e então são as mãos lançadas à cabeça, o desespero trágico, por vezes a heroicidade, para fazer, num instante supremo, aquilo que podia ter sido feito pelo cuidado diário, pela fiscalização de cada hora! Quando naufragou o paquete *Mossâmedes*, uma baleeira que descia despejou no mar tôda a tripulação, porque as cordas de suspensão partiram de pôdres! E depois foram os actos de valentia do imediato, tentando o impossível, e a morte do comandante, que nem um só minuto pôde afastar da consciência a responsabilidade moral do grande desastre!

*

* *

No escarpado da costa fica a vilazita de Ambriz.

É singular a mansidão do mar, apenas alterada pela onda larga e lenta a que aqui chamam *calêma*. Atracado ao navio está um grande batelão, para onde foram descarregados barris de vinho. É interessante observar a manobra a que está procedendo um grupo de negros, num batelão. Um furou um barril e colocou sob o furo uma lata. Disfarçadamente continua a trabalhar, arrumando a carga. Mas os seus olhos desconfiados, duma

A F R I C A P O R T E N T O S A

mobilidade simiesca, não param de inquietos. Avança a mão cautelosamente para a lata já cheia e bebe com sofreguidão o vinho escorrido. Depois vem outro e outro, até que a presença do branco vem interromper àsperamente aquele delirioso sacrifício a Baco, que, tendo conquistado a Índia, se esqueceu de penetrar na África, de cuja terra se teria apoderado à certa sem derramamento de sangue...

Agora viajâmos à vista da costa, quási sempre alta como uma muralha, apenas fendida nas emboaduras dos rios. Estamos à vista de Loanda.

No dia seguinte logo de manhã desembarcâmos. O mesmo ar de velhice espalhado em tôdas as coisas, nas embarcações veleiras, nos barracões da alfândega, nas instalações do pôrto. Em terra as modificações da parte baixa da cidade são nulas. Encontrâmos apenas de novo o *Palácio das Comunicações*. Na *alta*, porém, vê-se a acção duma mão forte. O *bairro dos funcionários* é um recanto formoso e aprazível, que irá melhorando à medida que o seu ajardinamento se for completando.

Há realmente, em Loanda, uma intensa vida pública, como seria natural esperar de tão grande empório. Mas vê-se em tudo que a cidade começa a não corresponder a tal grandeza. Basta olhar para o desarrumo do pôrto, para ver, para apalpar a necessidade de dar à Província uma outra *entrada* mais larga e mais franca. Chega a ser

lamentável que as necessidades da conquista tivessem obrigado Paulo Dias de Novais a estabelecer a cidade fronteira à ilha de Loanda. Hoje é impossível trazer à cidade, por causa do açoreamento do pôrto, o movimento da navegação, ficando os navios a grande distância e fazendo-se o movimento das pequenas lanchas por um simples canal, que ainda se mantém aberto na areia e que àmanhã, provavelmente, se fechará, inutilizando todos os esforços.

Pouco depois de nós, entrou no pôrto um vistoso navio alemão, de onde desembarcaram muitos passageiros. Sobretudo as mulheres ferem a nossa atenção: enormes chapeletas ultracômicas e canelas à mostra... Uma lamentável deselegância feminina!

Um outro paquete, que está descarregando material de caminho de ferro, tem uma disposição curiosa: o bojo, que assenta no mar e onde ficam os porões, é muito mais largo que o bôrd. Dizem-me que, pagando os navias na passagem de Suez pela largura do bôrd, aquela disposição é tomada para fugir a êsse impôsto de portagem.

Quando regressâmos ao navio, está caindo o sol para trás da ilha, cujos coqueiros se recortam violentamente num fundo de fogo e ouro. Um a um vão caminhando para a barra os pequenos *dongos* de vela alta, com os seus *chimbicadores*, agora meia dúzia, depois vinte, depois cinqüenta, um bando alado coalhando a superfície luminosa do mar!

ÁFRICA PORTENTOSA

Ali na ilha, batida de revés pelo sol, alveja a capela antiga de Nossa Senhora do Cabo. Já em S. Tomé encontrei outra igreja a cair de velha e que certamente estava ligada à história da nossa acção ultramarina; também ali na praia de Loan-da, na Ponta da Mãe Isabel, fica a capela de Nossa Senhora de Nazaré, erigida pelo governador André Vidal de Negreiros, em memória da grande vitória de Luís Lopes de Sequeira contra o rei do Congo, em 1 de Janeiro de 1666, no combate de Ambuila.

Sou, em matéria de religião, de uma grande e larga tolerância, por estar possuído do convencimento de que tôdas elas têm o mesmo fundo igual de ilusão e tôdas mergulham as suas raízes no abismo sem limites da dor humana. São excelentes *metafísicas dos pobres*, como lhes chamou Schopenhauer, porém de uma fôrça espiritual imensa, que não é lícito a ninguém que queira guiar os homens pôr de parte com desdém, tal é o seu poder de unificar e abrandar os ímpetos humanos. O homem só pode ser encaminhado no sentido do bem por meio de uma religião ou de uma alta cultura. E isto porque tôda a religião encerra uma moral e porque o *homem naturalmente bom* de Rousseau é uma ficção que tem causado muito sangue e ainda está para conduzir a muitas matanças lamentáveis...

Mas, como me deixei arrastar para estes pontos obscuros e contraditados?

Ah! sim, falava eu da capelinha antiga da Senhora do Cabo. Pois é verdade: o sol poente envolve-a num esplendor de fogo e ouro. E bem merecem que o sol lhes componha uma auréola de luminosa glória, as pobres e abandonadas capelinhas, onde nossos avós ajoelhavam, procurando aquela paz definitiva por que anciavam as suas almas, grandes no arrôjo e por isso mesmo atormentadas na inquieta incerteza da vida e da morte.

Soam as badaladas da partida. Foi levantada a escada. As lanchas coalhadas de gente vão retirando do navio. Há uma animação grande em volta de nós. Entrou gente nova que vai para o Sul, alguns doentes que procuram o planalto da Huíla, para convalescer.

O navio estremece com mugidos roucos. Entram em movimento as pás da hélice. O navio desloca-se, aproando à barra.

*

*

*

De manhã estávamos em frente de Novo Redondo, ancorados muito ao largo. Vêem-se ao longe, por detrás dum morro arenoso, alguns tecidos de habitações e a antena da telegrafia sem fios. Para o lado, estende-se um palmar verdejante. As

A F R I C A P O R T E N T O S A

gaivotas, que voam sobre o mar, descem às vezes em vôo vertical, mergulhando à caça de peixe.

Não sei que desastrada curiosidade me levou a desembarcar nesta terra de maldição!

O mar agitava-se numa *calema* larga, que avivava à medida que nos aproximávamos da praia. Por fim eram ondas transversais de uma profundidade assustadora. A manobra da baleeira que nos conduzia era difficílissima. Quando a lancha afundava na depressão da onda, o cabo que a ela nos ligava repuxava-nos com uma violência desmedida. E, uma vez, ao receber o esticão da corda, a nossa baleeira, carregada de gente, foi em direcção ao rebocador com velocidade sufficiente para tudo se desfazer num instante. Valeu-nos a manobra instintiva do homem do leme.

E afinal para quê?

Em Novo Redondo, capital do distrito de Cuanza Sul, pode observar-se, mesmo de passagem, o desconforto em que o branco vive, quando se sujeita à adaptação a clima para que o seu organismo não nasceu conformado e disposto.

Nas ruas não há arvoredo. As casas parecem erguer-se artificialmente no solo arenoso, impróprio e nu. Nem a vista do mar ameniza a aridez dêste pôço, onde o calor se concentra como numa caldeira.

Procurâmos em vão almoço no hotel. Um amigo desterrado neste *cemitério de brancos* vem buscar-nos para almoçarmos na sua *república*.

A mesa fica numa varanda coberta de zinco, no

mesmo plano do pátio térreo, ao fundo do qual, num tabique desmanchado, os pretos cozinham a nossa refeição. Sôbre a mesa estão garrafas de vinho português, com rótulos inacreditáveis e nunca vistos na metrópole. Vinho de exportação, zurrapas coloniais que um país de vinhos excelentes exporta para os seus filhos de além-mar! Ao lado dos frascos de *pikles* e de *piri-piri* para abrir o pobre apetite amortecido, a baixela é formada por peças de variadas origens; falham os guardanapos; a toalha branca está mudada de côr — pobres rapazes a quem falta tudo o que na vida constitui conforto e amparo e que, postos num meio de difícil adaptação, criam uma vida de artifício, para iludir a qual se afundam em excessos de tôda a natureza! Pobres rapazes, esperando um certo e almejado dia em que um barco, vindo do sul, ponha na superfície do mar uma cabeleira de fumo prometedora!...

Depois do almoço fomos visitar a grande fazenda do Sassa. África pura! Pelos morros de estranha conformação, trepam cactos; os coqueiros e as palmeiras ladeiam as avenidas abertas numa terra fôfa, quási constituída por detritos vegetais; voam no ar periquitos em bandos e borboletas intensamente coloridas voejam em volta das plantas, como se andassem estonteadas do calor e da luz. O infalível imbondeiro cresce nesta terra de fertilidade mortal, onde a água canalizada do rio gira em tôdas as direcções.

A F R I C A P O R T E N T O S A

Fomos encontrar, no fim de meia hora de caminho, instalações eléctricas, turbinas movidas pelas quedas de água, em degraus construídos na garganta apertada e funda por onde se despenha o rio.

A atmosfera ardente pesa como chumbo. No ar parado voejam bandos de passaritos, pequenos e leves como insectos. De um morro sob que passámos, foge gritando um bando de macacos. Calor pesado e morno!

Estas terras de África, nas zonas de plantação, quando não oferecem o conforto europeu das roças de S. Tomé, são horríveis! Chega a admirar como o branco se sujeita a êste inferno: os brancos que por aqui mourejam ou são impulsionados por uma grande necessidade, sendo o seu sacrifício então simplesmente admirável, ou são de uma qualidade inferior, tornando-se o seu convívio difícil e inteiramente repugnante.

Sempre o mesmo hotel — restaurante ao rés do chão, com mesinhas redondas de ferro, o bilhar largo, as pequenas intrigas e os pequenos assuntos, sempre o esgotamento pela embriaguês esquecedora e a queda num desregramento sexual que inferioriza e degrada; sempre a tendência conflituosa das almas enervadas e insatisfeitas que sofrem sem saber de quê, que se odeiam sem saber porquê e que chegam afinal a amar a origem dos seus males e a causa da sua inferiorização!

Pobres rapazes, que, passados os primeiros meses de adaptação, vão adiando a partida, agora

porque não têm barco, logo porque na véspera perderam ao jôgo tôdas as economias com que contavam ir ver o seu Portugal de sonho, até que um dia, quando menos esperavam, quando já se julgavam *salgados*, ficam de vez na terra requeimante, onde uma tentativa mortal os foi prendendo inelutavelmente! Pobres rapazes portugueses, que enchem os cemitérios destas terras de maldição!

Estivemos defronte do risonho Lobito apenas algumas horas e pouco tempo também parâmos defronte de Benguela.

E àmanhã chego ao meu destino marítimo. Atravessarei depois o deserto de Mossâmedes, subirei a serra de Chela, já de combóio, e chegarei de novo à boa terra acolhedora em que decorreram anos da minha vida e espero encontrar, nesta desorientação em que o mundo se debate, tranqüilo refúgio, onde seja possível um trabalho espiritual feito de paz e serena contemplação, onde possa preparar em volta de mim a atmosfera própria para a concepção e para o estudo, tão necessários ao meu espírito ansioso de criação.

Ubi bene ibi patria. Mentira! A pátria é sempre a mesma, a terra é sempre a nossa! Esta para onde vou é acolhedora e doce; a outra, a minha, é feia e triste. Mas, tendo decorrido lá os anos em que os olhos fixam apenas as imagens doces, eu aspiro a ela com um ardor de paixão tão violento e tão dominante, que a cada hora visiono, como em alucinação, a silhueta do seu casario, as

ÁFRICA PORTENTOSA

suas águas, as árvores, as estrêlas, que por sobre ela, nas noites frias de Janeiro, fazem tremer a sua luz doirada! Agora mesmo, quási a chegar ao destino por que tão fortemente aspirei, o sono foge e a minha terra aparece-me diante dos olhos palpavelmente, materialmente, com seres e coisas, côres e sons, como se a tivesse a dois passos, como se a tivesse no coração!

As suas linhas recortam-se-me na retina tão nitidamente, que eu sei dizer onde estão os seus menores acidentes, as pedras, as casas, as ruas, as praças, tódo êsse conjunto de formas que se funde num quadro de harmonias e côres, as mais dôces e as mais formosas.

Terra onde meus pais repousam, gozando o sossêgo a que a minha alma insatisfeita por vezes aspira; terra onde me decorreu o amor e o sonho e o infortúnio; terra onde as andorinhas de peito branco procuram os beirais da minha casa; terra minha gentil, és para mim a mais formosa do mundo inteiro, e só em ti quero anular-me humildemente, quando regressar à materialidade inerte e eterna de que nasci!

III

NOS AREAIS DE MOSSÂMEDES

A MEU IRMÃO EDUARDO SOUZA DIAS

Às quatro horas da manhã ainda a cidade está mergulhada no sono profundo. A sensação de que os passos ressoam mais alto do que é natural, e que de todos os lados o eco os reproduz, causa em nós um efeito estranho. Apenas a água do mar, a dois passos, vindo em onda suave desfazer-se na areia da praia, quebra rítmicamente o silêncio da noite. Para êsse lado a negrura é espessa como tinta, prolongando-se as trevas indefinidamente pela superfície da água; mas a pequena distância, logo ali junto do Pôsto Meteorológico, as casas desenham-se claramente sob o brilho dos milhões de astros que coalham o céu. Que poeirada infinita de mundos, espalhada no firmamento! Lá está o *Cruzeiro* junto da mancha escura do *Saco do Carvão*...

Mossâmedes é uma cidadezinha gentil, muito semelhante a Espinho no alinhamento geométrico das suas casas, cortada por arruamentos perpen-

diculares. Entre o mar e as primeiras frontarias, corre um jardim de grandes palmeiras e trepadeiras frondosas.

A esta hora, enquanto os habitantes repousam, não sei que doçura especial há em espiar os silêncios da vida adormecida e os rugidos murmurosos do mar. Um galo cantou e, daí a minutos, essa voz, como que reflectida em todos os quintais, foi repetida por dezenas de gargantas. Ia romper a manhã.

Antes porém que o céu se corasse para os lados do deserto, já nós certamente iríamos a caminho dos areais.

Na verdade, o motor de um carro ressoou e, dentro em pouco, avançando na escuridão, os seus faróis resplandecentes caminharam para nós.

Andava recebendo os caçadores. Logo outro carro surgiu, depois outro, ao todo três automóveis e uma *camionette* para transporte da caça.

Marchâmos na noite, sôbre a estrada de Pôrto Alexandre. A terra despida, entrevista na escuridão, parece formada de cinzas esparsas, escórias de fornalha, onde nem as varas retorcidas dum arbusto crescem para o ar. Apenas, na faixa luminosa dos faróis, se distingue uma vegetação rasteira e torturada, a agarrar-se desesperadamente ao chão, como se cada planta necessitasse de raízes ao longo de todo o seu corpo, para poder arrancar do solo a humidade precária que nêle porventura ainda existe.

ÁFRICA PORTENTOSA

Assim de noite, os olhos abrem-se àvidamente, procurando dar realidade ao quadro a que já não estão habituados, mas em que, em tempos idos, dolorosamente mergulharam. E a luz teima em demorar-se, ficando a imaginação a trabalhar nas trevas. Terra torturada, na qual a estrada parece um sulco aberto de trincheira... E, de repente, a memória recorda-se do quadro igual, estabelecendo a semelhança com a terra revolvida, sôbre a qual os homens se bateram como chacais, numa luta aflitiva de ódios e de rancores...

Os carros avançam em fila. Só se distinguem as luzes dos faróis, que se deslocam em silêncio. Dir-se ia que vamos para alguma empresa inconfessável, para alguma criminosa conjura. Esta sensação nasce da irreabilidade da terra, da qual os olhos, já mais habituados à escuridão, adivinham a dura hostilidade. É uma paisagem trágica, por sôbre a qual parece pousar um silêncio asfiziado de bôca que quisesse gritar e se sentisse coagida por fôrça misteriosa a abafar em rouquido a impulsão dos seus brados aflitos. Vamos calados. A estrada corta uma duna de areia, em que a luz dos faróis lança reflexos espectrais e gera sombras movediças, de uma inverosimilhança de sonho. E de novo a idea negra da trincheira, do projector, da noite espessa caíndo sôbre panoramas apocalípticos, foi acordada na massa dormente do cérebro, tal como se essa idea dominante vivesse nêle adormecida, mas pronta a despertar à primeira

evocação que a fizesse sair do seu sono leve, reavivando dolorosamente os quadros da suprema miséria e da suprema dôr!

Agora os carros, um a um, abandonaram a estrada e marcham alinhados em plena campina. É necessário que esta seja rasa como um salão, para que os carros, em velocidade regular, se aventurem afoitamente a percorrê-la. As quatro luzes parecem deslizar imponderavelmente, navegando suspensas na mancha escura do deserto. É singular esta marcha em linha dos faróis, pois que os vultos dos carros vão ofuscados pela luz vibrante da acetilene, gerando a ilusão de que as luzes se descolam, como enormes fogos-fátuos, ao rés do deserto.

Somos ao todo uns vinte caçadores e nem uma palavra se aventura, todos dominados pela impressão estranha da ausência de vida, da escuridão, da planura rasa e negra sôbre que voâmos. Nem o vulto duma planta, nem o vulto duma pedra! Marchâmos por sôbre uma superfície absolutamente plana, onde há a certeza de não encontrar senão areia compacta e firme, numa extensão de que não saberíamos dizer a profundidade. A vida deve ter morrido neste areal desolado e, não obstante irmos todos levados pelo desígnio de caçar, no nosso espírito forma-se a incredulidade de que seja possível encontrar um único ser da criação. Devoramos quilómetros. Uma pressa nervosa se apoderou dos *chauffeurs*. Dir-se ia que temos

ÁFRICA PORTENTOSA

receio de perder um espectáculo de passageira duração.

Lentamente, tímidamente, as primeiras claridades surgiram. Mas por enquanto era um alvor pálido, que mal iluminava as coisas, deixando apenas diferenciar os vultos dos carros galgando a planura. Os grãos de areia, batendo de encontro aos guarda-lamas, produzem um ruído especial.

O chão é realmente uma superfície de areia fixada, plana como o fundo de um mar, sôbre o qual as camadas líquidas tivessem exercido uma formidável pressão niveladora. Nesta planície, sôbre que avançam os carros em vertigem, brota, em pequeníssimas manchas pardas, uma ervagem raquítica, que se espalha rasteiramente agarrada à areia.

Agora a luz é já penumbrosa. Na nossa frente há claridades alaranjadas, linhas luminosas que se estiram ao longo do horizonte. Os faróis dos carros já não brilham tão ofuscantemente. No crepúsculo indeciso, as coisas adquiriram uma existência que as individualiza da massa até agora compacta e negra do deserto. Encontrâmos garrafas, latas de gasolina abandonadas por outros caçadores.

Súbito, distinguimos na meia penumbra um vulto de animal, que negreja no fundo pardo da areia. Um carro desvia-se da marcha, outro segue-o. O animal, de que se divisa a cauda plumosa, percebendo que sôbre êle caminham, começa a fugir.

Mas não tem um arbusto sob que se esconder, um buraco para se ocultar. A única defesa por que a pobre raposa pode optar, é a velocidade das suas pernas.

Restabelecida a linha dos carros, o animal, olhando à esquerda e à direita, galga quanto pode, obrigada a caminhar em frente, pela extensão da linha que a ataca. Estão em luta a rijeza das suas canelas e a velocidade das máquinas de que o homem dispõe. É fácil prever quem vencerá.

Mas a raposa galopa numa correria doida. A sucessão das imagens dos seus membros é já vertiginosa. As pernas, no lançamento da fuga, parecem ultrapassar a cabeça. Deve ir quasi extenuada. De quando em quando volta para trás a cabeça, raivosamente, como se quisesse morder os quatro monstros que ela decerto desconhece e que vão seguramente esmagá-la! Corre já sem esperança, enquanto o movimento envolvente das máquinas se desenha. Agora já é só pelo brio da sua finura tradicional que o pobre animal se esforça e caminha.

Mas os carros estão ao alcance e de um dêles parte o estalido sêco de um tiro. A raposa embrulha-se na carreira, tenta arrastar os membros partidos, tomba, revolve-se de raiva, enquanto os monstros chegam implacáveis e ameaçadores. E depois são duas pancadas formidáveis sôbre o crânio e a agonia agitando trêmulamente os membros sangrentos do pobre carnívoro!

A F R I C A P O R T E N T O S A

Em marcha, em marcha! Os caçadores profissionais estão impacientes, que o dia clareia e para longe a caça é alentada e grossa... Não vale a pena perder nem tempo nem pólvora com raposas gaiteiras! Estão à nossa espera a bela cabra de leque, o galengue altaneiro e a zebra galopante! Vamos a andar, vamos a andar!

Nos poucos minutos que nos distraímos, o deserto clareou e a iluminação do nascente avermelhou-se. Vamos ter um dia de fornalha, sem um abrigo, sem uma árvore para nos dar sombra!

A nós, que não conhecemos o deserto e nele não encontrâmos um único ponto de referência, parece-nos que caminhâmos ao acaso. Mas os dois caçadores de Mossâmedes que nos acompanham, homens a êle habituados, regulam-se por um ponto negro, quâsi imperceptível, que aparece ao longe e a que chamam o *Morro preto*.

O sol começa a romper. É um globo enorme e reluzente que, segundo a segundo, avulta mais na linha baixa do horizonte. Á medida que êle surge, o céu vai-se tornando côr de chumbo e a terra aparece com tôda a singularidade da sua planura, rasa, espalmada, unicamente vivificada por ervas miseráveis, dolorosamente adaptadas àquele meio de fogo, onde a água não tomba nunca. Em tempos remotos o mar devia ter coberto tôda esta terra, que lentamente se foi levantando na sua aridez, tão grande que, passados séculos, a vida vegetal nela não vingou ainda.

Como ponto destacado na infinidade da areia, o *Morro Preto* continua a negrejar para longe.

De um dos automóveis fazem sinal. Os carros entram em linha, seguindo a marcha do primeiro. Os olhos apuram-se. Efectivamente, à nossa frente, há vultos esbranquiçados que caminham. Mas, ao iniciarem a marcha, dão grandes saltos verticais, parecem mover-se em pulos sucessivos, para a seguir começarem a trotar de cabeça baixa, a rasar a terra! Que extraordinários seres, movendo-se como kangurus, neste extraordinário panorama, de cuja realidade os nossos olhos ainda vão prontos a duvidar! ¿Estaremos sôbre a crosta da terra, sonhando, ou andâmos a caçar no planeta Marte?

Afinal o que corre à nossa frente é um pequeno grupo de *springbocks*, a célebre cabra saltadora de Buffon, de que, pela desusada luz que nos alumia, apenas divisâmos a parte do corpo côr de canela, vendo-a na conformação irregular de um sêr irreal.

Uma das cabras vai-se deixando ficar para trás. Um carro estaca. O *chauffeur*, velho atirador do deserto, está já de joelho em terra. Um tiro parte e o vulto da cabra tomba vagarosamente sôbre o flanco, agitando as pernas no ar.

Aproximâmo-nos àvidamente. Estamos em frente de um animal esbelto, o *springbock* dos caçadores do Cabo, cuja cabeça é armada de pequenos chifres anelados, em forma de lira, o ventre

ÁFRICA PORTENTOSA

branco e as pernas altíssimas... A sua pelagem curta e macia cresce na parte posterior do dorso, numa prega aberta, disposição que dá ao animal o curioso nome de *cabra de leque*.

O caçador, examinando o animal, declara que não vale a pena levá-lo. Efectivamente, numa das pernas, de onde escorre um sangue purulento, a cabra tem um ferimento antigo.

— Está cheia de febre, não presta para comer...

E, sacando duma navalha presa no cinturão, atravessou com ela a garganta do tímido animal. Trespasado pelo ferro, o corpo tentou erguer-se, debateu-se ainda e, quando nós abalamos, acima da planura rasa, a sua cabeça esbelta, de cuja garganta babava para o chão um fio de sangue, ficou balando, numa atitude de impotente desespero. Nunca me esquecerá a expressão dolorosa dos seus olhos pestanudos!

Em breve, atraídos pelo cheiro do sangue derramado, os abutres viriam das profundidades do deserto, e, seguindo a direcção do seu vôo, as raposas também, para caírem sôbre o corpo ainda quente do pobre ruminante!

Nêste deserto enorme a luta das espécies é formidável, e sôbre as pobres cabras, mais tímidas e indefesas, os felinos e as grandes aves de prêsa, servidos por um faro maravilhoso, tombam implacavelmente. Há a acrescentar uma outra fera, inimiga que mata por prazer, só para interromper no seu movimento os seres que a Natureza ani-

mou de uma vida de formidável resistência. Às vezes as cabras, feridas no ventre, continuam galopando com os intestinos de rastos, durante quilómetros e quilómetros. E por isso ficam abandonadas no areal muitas cabras feridas, que vão agüentando em pé a sua lenta agonia. Uma vez caídas, a morte voará por sôbre elas, de asas largas e bico de ferro...

O caçador olhou o céu. E lá longe, no horizonte, uns pontos negros voavam em filas: eram os abutres que se apressavam, atraídos pelo cheiro do sangue!

O tipo dêste caçador e de seu irmão, que conduz outro carro, é deveras singular. Negros, requemados do sol, são assim como ciganos endurecidos pelo clima e pelas privações a que se sujeitam nas aventuras de caça, tendo conseguido não só uma adaptação do corpo mas também do espírito, à vida agitada e arriscada a que permanentemente se sujeitam.

O deserto é o seu campo favorito. A espingarda e o carro são os seus recursos preciosos, de onde tiram a carne com que gostosamente se banqueteam e os lucros do transporte dos passageiros, pois que em Mossâmedes as caçadas nos areais constituem uma curiosidade notável, que atrai todos os forasteiros, pelas condições anormais em que são realizadas. De facto, numa região onde o pasto é constituído por uma ervasita rasteira, espécie de malva carnuda, como se agüenta

ÁFRICA PORTENTOSA

uma vida tão persistente, de animais possantes e velozes? Percebia-se perfeitamente essa fauna abundante e resistente em campinas de gordas pastagens; mas aqui, neste deserto árido, onde o sol requeima durante o dia, sem água e sem vegetação, é um milagre a sustentação da vida. Ainda se ela fôsse representada por pequenos reptis, o facto seria compreensível; mas assim, constituída por grandes herbívoros, não se percebe...

Agora o terreno agita-se um pouco. Pequenas ondulações sucedem-se. E à nossa frente, lá ao longe, elevam-se os degraus da Serra da Chela, negros e verticais, singularmente recortados no céu esbranquiçado. Entre êles destaca-se o *Morro maluco (Cha-Malundo)*, cuja conformação é realmente caprichosa, recurvado como uma garra.

O sol já clareia tudo. À medida que se vai elevando, vai dando às coisas os tons que o fogo transmite aos tijolos de um forno. A Natureza encontra-se neste instante ao rubro cinzento. Como não há árvores nem acidentes em tôda a extensão, a falta de sombras elimina a sensação de relêvo e a noção das distâncias perde-se na profundidade incalculável da planura. E assim, quando surge qualquer vulto animal, são precisos olhos experimentados para o distinguir, no fundo cinzento do chão.

Agora mesmo, de um dos carros, veio o sinal de caça. Convergiram todos para a direcção por êle apontada, mas só ao cabo de uns segundos se

conseguiu distinguir claramente o corpo de uma zebra tosando as ervas raras. O animal surpreendido entra a trotar e, quando os carros se aproximam, o seu corpo listrado, de cabeça erguida e cauda tesa, inicia uma galopada elegante que nos entusiasma. Galopa velozmente, levando-nos de vencida, até galgar uma elevação, para o outro lado da qual se esconde repentinamente. Um brado sôa:

—Cautela, cautela!

Tínhamos atingido as margens abruptas do rio Bero e os carros dificilmente foram travados na vertigem em que iam lançados. Lá no fundo, quando atingimos a beira da rampa, a zebra trotava ainda, assustada, estacando curiosa a olhar-nos de face.

Afastada a zebra para longe, ficava em frente de nós a curiosidade de um rio absolutamente sêco, cujo leito arenoso se prolongava pela trincheira funda praticada no solo.

São assim todos os rios alimentados pela vertente ocidental da Chela: durante o período das secas, nem uma gôta de água lhes humedece o leito arenoso; vindas as chuvas, a água desce da serra, às catadupas, galgando obstáculos, arrastando tudo na sua frente, como onda formidável. E, passados dias, horas por vezes, de novo o leito é simplesmente marcado pela areia sêca e movediça que foi arrastada pela enxurrada.

Paramos a conversar sôbre zebras, para a caça

A F R I C A P O R T E N T O S A

das quais um dos carros trazia um laço armado na extremidade de uma grande vara.

Das três espécies de *hippotigris* apenas duas têm representantes nos areais de Mossâmedes, não existindo o *cuaga*, que é a zebra menos listrada. Animal insubmisso, tôdas as tentativas de domesticação têm obtido resultados pouco animadores, pois nunca no animal se conseguem anular as qualidades de braveza inata. Os próprios produtos nascidos de pais cativos mantêm a selvajaria insubmissa e os cruzamentos com a espécie cavalariça e asinina não vêm adoçadas, o que evita a sua utilização no serviço do homem. Assim, êsses milhares e milhares de zebras que povoam a África, desde muito acima do Equador até ao Cabo, e que poderiam ser uma riqueza incalculável, transformam-se pelo contrário em flagelo das culturas, consideradas em tôda a parte como animais daninhos. Apenas o leão as ataca com vantagem: dos outros animais defendem-se aos couces e mesmo à dentada. Desta forma a sua reprodução vai-se operando livremente e dia a dia crescem as manadas que galopam nas planícies africanas.

A paisagem é agora um pouco movimentada, apresentando dispersa, aqui e além, a notável curiosidade da *Welwitschia mirabilis*, a planta filha do deserto, que, na sua forma e textura estranhas, parece querer significar tôda a aridez,

tôdas as torturas da sêde, todo o horror da adaptação a um meio hostil! A *welwitschia* é, na conformação das suas folhas rastejantes, enormes e contorcidas como grandes chapas de ferro, a afirmação de que a vida, para conquistar a terra, se amolda às mais caprichosas modalidades, num inesgotável génio criador de uma variedade infinita de formas. O deserto árido, requeimado, inabitável, só poderia gerar, à sua imagem e semelhança, a gnetácea, semelhante ao polvo, que o naturalista alemão Frederico Welwitsch achou digna de perpetuar o seu nome e o seu esforço no estudo da flora angolense.

Nunca imaginei que uma simples forma vegetal pudesse conter nas suas linhas tanta significação representativa: os seus braços contorcidos são, num alto poder expressivo, a imagem da própria sêde, que um artista de génio não poderia mais eloqüentemente representar.

Nos momentos em que o carro pára, sente-se a fornalha do calor. Pela extensão larga do areal, a atmosfera, ao contacto com a terra, tem vibrações ferventes e trémulas. A côr que ilumina as coisas é de um tom branco incaracterístico.

As cabras agora aparecem espalhadas, pastando. O tiroteio repete-se. Tombâmos duas. Ao abri-las para lhes tirarmos as entranhas, no seio de uma delas encontrâmos um feto já formado,

ÁFRICA PORTENTOSA

talvez já com vida... Olhamo-nos uns aos outros com o sentimento da nossa brutalidade e selvajaria. É que naquele nosso divertimento havia muito de ferocidade, que nem ao menos tinha a justificá-la a necessidade do aproveitamento da carne! Era simplesmente o instinto primitivo de deter movimento, de destruir vida. O caçador, para abrir as reses, nem espera que elas morram. Ao lançá-las para cima do carro, com a cavidade abdominal esvaziada, os pobres animais ainda têm contracções musculares e na sua pupila quási fria ainda reluz um último lampejo de vida!

São as horas combinadas de nos juntarmos no *Pico do Azevedo*, para almoçar. De caminho, matámos mais cabras, quási sempre machos. O caçador explica a razão dêsse facto: as atalaias dos bandos são sempre machos e também é muito vulgar encontrar bandos enormes de bodes repellidos dos rebanhos pelos seus rivais mais fortes e mais felizes.

Uma ou outra zebra desgarrada afasta-se de nós, a trote. Seguimos para o ponto de concentração. Sôbre nós vôm abutres, em grandes círculos, na esperança da caça abandonada. E logo o caçador ilustra êste facto com uma narrativa impressionante.

Uma vêz, um rapaz de Mossâmedes, andando à caça, perdera-se nos areais. Coisa fácil para quem não conhecer bem o deserto. Andou, andou... O calor e a sêde foram-no esgotando.

Na ansiedade de se salvar, já não andava: corria desorientado! Gritava meio enlouquecido: e cada vez o cansaço o tomava mais. Parecia que o deserto em volta, ardente e infinito, se preparava para o devorar. O calor requeimava. De repente sentiu o ar agitar-se frescamente em volta da sua cabeça. Horror! Eram os abutres, já ali, prontos para o devorar... Foge, tomba, grita, torna a tombar, esconde a face aterrada na areia escaldante, corre de novo, de braços erguidos, louco, perdido... Quando o carro o encontrou, desmaiado no meio do areal, já os abutres em volta, avançando em saltos receosos, se aproximavam para iniciar o banquete.

O *Pico do Azevedo* é um enorme pedregulho cônico, levemente recurvado no vértice, perto do qual há um outro rochedo fendido. Estas duas referências do deserto apresentam estranhas formas sexuais. Onde a vida é menos variada e mais torturada, até as pedras são a representação das fontes dessa própria vida...

Espalhadas pelo chão há garrafas vazias, latas, restos de banquetes, atestando a passagem de outros caçadores. Até uma mesa encontramos para a nossa refeição! O que há menos, porém, é sombra, pois o sol cai a prumo, deixando na base dos penedos uma minguada mancha onde nos empilhamos.

ÁFRICA PORTENTOSA

Parece que atraídos por uma viva curiosidade, no bôrdó das pequenas rochas que nos cercam, lagartos de várias côres espreitam, agitando a cabeça, como se quisessem cumprimentar.

Estamos vencidos pela sêde. Quando a bôca contacta com o gargalo da garrafa de cerveja, os lábios contraem-se em movimentos de sucção que a vontade não pode dominar.

À nossa frente bifurcam-se dois caminhos atravessando o deserto: o da esquerda para Cainte e o da direita para a *damba* da Hikiia. No horizonte dois montes cónicos enegrecem o céu. O calor, a aridez, a luz ofuscante, lembram-nos a travessia do deserto das *Minas de Salomão*. Lá ao fundo as duas manchas cónicas são os *Seios de Sabá*... Mas, estranha coisa, que eu não explico nem me atrevo a perguntar: as duas montanhas parecem estranguladas junto do horizonte. Tenho o pressentimento de que estou sentindo o efeito de uma alucinação. Apesar de não correr uma única aragem, lá para longe levantam-se vagas ondas de poeira. Um amigo explica que, sôb aquele pó, deve galopar um esquadrão de zebras que nós não distinguimos.

Abrem-se os farneis. Não faltam os clássicos e nacionalíssimos bolos de bacalhau, afirmando que até no deserto fazemos reinar os nossos sagrados hábitos, as ternas recordações da casa e da família.

Formâmos efectivamente um grupo curioso e

heterogéneo, mas igualmente infiltrado da maneira de ser da nossa terra. Sômos de tôdas as categorias, desde os caçadores enegrecidos pelo deserto, como se fôsem berberes, aos diletantes que vieram atraídos pelo sonho da acção. E, a-pesar de tudo, aquele grupo, aconchegado ao rochedo nu, pensa, sente com a mentalidade de Portugal e ri as boas gargalhadas salutareas da nossa boa gente.

— Uma vez, conta um dos berberes, vim à caça com um inglês. E vai, de repente, aparece-nos uma leôa que caíu varada. Largo o inglês, ber-rando-lhe que se encarrêgue de um dos cachôrrs e eu persigo o outro com o carro.

Consigo apanhá-lo, embrulho-o no rodado, paro, quando o maldito, prêso não sei como, já começava às dentadas a um dos pneus! Enquanto se diz ovos, deito mão de uma piarça, e atiro-lhe a laçada ao pescoço. Puxo contra os ferros da lanterna, puxo até o esganar...

Os ouvintes seguiam a narrativa com interêsse.

— E agora, querem saber? O leão tinha ficado apenas prêso pelo rabo, entalado debaixo da roda!...

Uma gargalhada coroou o desfecho inesperado.

Vamos de novo para a caça. Junto do *Pico do Azevedo* já fica um montão de carne morta, que recolheremos no regresso. Não falta a lebre li-

ÁFRICA PORTENTOSA

geira e abunda uma variedade de codornizes patôrras, duma mansidão impressionante, confiando imbecilmente na fera bípede que está junto delas. O caçador esperou que os animaizinhos tomassem uma disposição conveniente e tombou quatro de um tiro.

Depois, na lomba de um outeiro, projectando-se no céu em vulto engrandecido, começaram passando grupos de zebras a galope. Á ilharga dos animais adultos marchavam poldros pequenos, alguns certamente com poucos dias ainda. Não são elegantes: lembram os desenhos que o homem primitivo gravava nos chifres das renas, com aquele mesmo lançamento no galope, as mesmas cabeças exageradamente grandes em relação ao corpo e a mesma disposição em fila.

Um grupo estacou de frente, a contemplar-nos. Depois passaram mais grupos, ligados, uns após outros, seguindo o movimento das avançadas.

O escrúpulo do sangue deteve-nos, deixando passar em paz a récua enorme, que desfilava na nossa frente.

E, quando caminhávamos à cata de novas sensações, um espectáculo inesperado surgiu em frente dos nossos olhos. Depois de tanta aridez, uma larga superfície de água estendia-se à nossa frente, clara, transparente, reflectindo nitidamente os accidentes do relêvo. A superfície lisa reproduzia as imagens do horizonte com a precisão admirável de um espelho.

Num momento víamos explicada a razão de tanta vida e sentíamos o prazer de espairecer os olhos sôbre uma extensão líquida...

Os caçadores riam perante a nossa ilusão; o que estava em frente era um fenómeno de miragem, repetindo invertidas as imagens do horizonte, por efeito da refracção dos raios luminosos através das camadas aéreas desigualmente aquecidas e portanto desigualmente densas. Já do lado da manhã, quando vimos as montanhas estranguladas na linha do horizonte, o fenómeno começara a manifestar-se.

Assim a Natureza, diabòlicamente, cria no deserto a miragem illusória da água, de molde a enlouquecer o pobre viandante perdido de sêde e de cansaço. Era a água tal qual, ali a dois passos, estendida num lençol de tentadora limpidez!

Mas êste dia de surpresas não acabara ainda. E todavia os caçadores afirmavam que estávamos num dia de pouca sorte. Parece que o usual costume exceder o que já havíamos visto.

— Perdemos muito tempo com as *cabrinhas*, dizia em ar de censura um companheiro de Mossâmedes, como se as cabras fôsem uma caça mesquinha e desprezível.

Falava-se muito em *galengues* e, de quando em quando, parava-se para espiar em volta a linha do horizonte. Nada: positivamente não era *dia de galengues*!

Mas em compensação as cabras surgiam de

ÁFRICA PORTENTOSA

todos os lados, às centenas, numa abundância e uma impassibilidade inacreditáveis! Na nossa frente deslocam-se, na profundidade e na largura do areal, um número tal de animais, que em nós abrandou a vontade de caçar, encantados com o espectáculo de tanta vida saltando, galopando, vivendo ao nosso alcance! O que está diante dos nossos olhos é de tal forma maravilhoso, que só pode ser acreditado por aqueles que já o gozaram. Eu, pela minha parte, só conhecia coisa parecida, criada pela imaginação de Flaubert na *Lenda de S. João Hospitaleiro* e recusar-me-ia a crer que a Natureza o pudesse reproduzir e demais em condições tão extraordinárias. É um sonho: em frente de nós, aos lados, para a rectaguarda, galopam milhares de cabras!

Mas a abundância da oferta baixara o preço da mercadoria: já ninguém queria matar, banalizado o prazer da caça pela profusão das reses e pela facilidade de as alcançar. De resto o carro estava de novo carregado de carne e nenhum de nós se achava disposto a pôr-lhe o dente. Todos sentíamos um comêço de fadiga, não corporal, mas um vago aborrecimento e remorso de tanta morte inútil, de tanta dor causada em vão. ¿Para quê mais mortes, para quê mais dor?

Quando regressamos ao *Pico do Azevedo*, encontramos uma zebra morta ao lado do caminho. Os membros hirtos, o ventre inchado, os dentes arreganhados e um furo de bala que lhe entrara

no peito, de onde escorria um fio negro de sangue. Tudo nos começava a causar uma pronunciada náusea. — Para quê, matar um animal e abandoná-lo aos abutres?

E assim retirávamos aborrecidos, quando foi lançado o grito:

— Galengues, galengues!

De facto, trepando a trote a lomba de um ourto, afastavam-se de nós seis animais corpulentos, armados de altos cornos direitos e divergentes. Os seus vultos desenhavam-se em negro contra o sol poente.

Um dos carros avançou vertiginosamente.

O galengue é nada menos que o *Orix gazela*, medindo cêrca de 2^m,30 de comprimento e 1^m,39 de altura de garrote. Constitui uma peça de caça muito apreciada, não só pelo pêso da carne, como também pela qüalidade.

Seguimos, enquanto os companheiros vão na peügada da caça apetecida. O crepúsculo começa a cair e é necessário estar em Mossâmedes a horas convenientes. Acesas as lanternas, a paisagem toma de novo aspectos de uma irreabilidade macabra. Passâmos junto das *Pedras salvadoras*, cujo nome deriva de nelas ter achado água um grupo de desgraçados desorientados no deserto.

Vamos em estrada regularizada. De repente, à nossa frente, numa das bermas da estrada, o fa-

A F R I C A P O R T E N T O S A

rol ilumina um montão de formas estranhas. Parâmos. São as cabras mortas que a *camionette* abandonou no meio do caminho!...

Francamente: éramos dignos de um castigo severo, bárbaros que andavam um dia inteiro a matar, para largarem as vítimas no meio dos areais, às portas de uma cidade civilizada, para pasto da sórdida *quimalanca*, que durante a noite viria rasteiramente, covardemente, banquetear-se com a carne fria que o homem destruíra e depois abandonara!

IV

OS ENFORCADOS DE NAULILA

À memória anônima e sacrosanta dos soldados landins de infantaria portuguesa, enforcados pelos alemães, após o combate de Naulila, no dia 18 de Dezembro de 1914.

“ NUMA rápida visita vi que o forte está completamente destruído, havendo muitos destroços de artigos de material de guerra... Os portugueses mortos em combate parece-me estarem enterrados no fôssco da fortaleza, por alguns vestígios de roupas e tendas rasgadas que lá existem. Também se vêem numa árvore caída perto do forte seis cordas pendentes que serviram para enforcar gente... Uma delas ainda segura uma cabeça que é de um preto... ”

Estas palavras do oficial que fez o segundo reconhecimento a Naulila, um ano após o recontro das forças alemãs com a coluna Roçadas, trazem

ao espírito, numa evocação violenta e macabra, o que foi essa luta inglória, que pesa sôbre a história colonial portuguesa como um véu de luto, e que é bom lembrar aos portugueses já esquecidos da maior humilhação sofrida pelo nosso orgulho, nestes últimos anos de provações e dôres. Sangue e dôres que foram o fecho trágico de uma vizinhança indesejável, estabelecida sôbre ardis, expandida por meio de felonias, junto de um povo honrado, que honradamente enchera a história da humanidade de meritórias obras de civilização e de paz.

No dia 12 de Dezembro de 1914 já em Naulila se haviam concentrado o 1.º esquadrão de dragões, duas companhias de infantaria 14, a artilharia, as metralhadoras e os landins.

Uma patrulha da nossa cavalaria encontrou-se defronte de Calueque com uma patrulha alemã, tendo ficado dois soldados portugueses feridos. Era o primeiro sangue vertido. Do forte de Naulila acorreram dois pelotões de cavalaria. A luta de patrulhas activou-se, havendo mais feridos e caindo prisioneiro um sargento alemão.

No local das escaramuças, mesmo em frente do vau de Calueque, estacionara uma companhia alemã, guarda avançada das restantes fôrças que depois foram chegando. A pedido do comandante do esquadrão, veio do forte, à tarde, um

A F R I C A P O R T E N T O S A

pelotão de infantaria, para apoiar um reconhecimento ofensivo da cavalaria sôbre a margem esquerda do Cunene. Mas à noite êsse pelotão recebeu ordem para recolher e os dois de cavalaria ordem para à vez irem receber rações ao forte, ficando assim prejudicado o reconhecimento planeado.

As nossas tropas dispunham-se em volta do forte de Naulila, formando um saliente com o vértice para o sul. Na direita, apoiados sôbre o rio, ficavam as trincheiras da 12.^a companhia de infantaria 14; três peças da bateria Ehrardt atrás do vértice do saliente; na esquerda dois pelotões da 15.^a companhia indígena (landins); as metralhadoras de um e outro lado do caminho de Oucuanua; outro pelotão de landins na extrema esquerda e dois da 9.^a companhia de infantaria 14 em apoio; o outro pelotão da 9.^a companhia guardava o vau Cabelo.

A linha de defesa envolvia o forte, a pequena distância.

Ao longo do caminho que vai de Oucuanua ao vau de Nangula, estendia-se um cordão de postos de auxiliares cuamatos sob o comando do tenente Andrade. Dois pelotões de dragões exploravam as margens do Cunene, em contacto com o inimigo estacionado, e guardavam o vau de Nangula auxiliares brancos.

O destacamento do major Salgado, constituído por 300 homens de infantaria, uma divisão de artilharia e um pelotão de cavalaria, deslocara-se da

Donguena para defronte do vau de Calueque, onde chegou em 14, colocando mais tarde, nos morros, um pôsto de observação.

Ainda nêsse dia as resoluções, pelo menos apparentes, eram de neutralidade, tendo-se procurado evitar qualquer impetuosidade das nossas patrulhas de cavalaria.

No dia seguinte, de manhã, o chefe de Estado Maior foi a Calueque observar as fôrças inimigas que continuavam tranqüilamente acampadas, em frente do vau. Aí se examinou a hipótese de atacar o acampamento inimigo, lançando a cavalaria, de flanco, por Nangula, ficando as tropas a aguardar a ordem que não chegou.

Nesse mesmo dia o major Salgado recebe instruções definindo o seu papel: "defender o vau de Calueque e Nangula e opôr-se ao inimigo pela margem direita do Cunene, na direcção de Naulila e Donguena", que contrariam as instruções verbais por êle recebidas pouco antes.

A cavalaria era também esclarecida âcêrca da sua missão: opôr-se à passagem de tropas que, pelo caminho chegado ao rio, avançassem sôbre Naulila.

Estava pois adoptada a defensiva pura: trincheiras abertas em volta de Naulila, as tropas do Major Salgado em attitude de evitarem o internamento das fôrças alemãs; a cavalaria aguardando o avanço dessas fôrças, para a êle obstar.

Mas ficava quási aberto ao inimigo o caminho

ÁFRICA PORTENTOSA

exterior, que levava de Oncuancua ao forte, pelo qual êle irá em breve, mais decidido e com intenções mais firmes que as nossas, vibrar nas tropas portuguesas o seu golpe súbito. Bastar-lhe há, para o fazer, com o máximo de segurança, lançar nessa direcção um pequeno reconhecimento, aproveitando junto dos auxiliares cuamatós, que são os elementos avançados, a influência e prestígio do seu antigo soba Tchieta-quela.

O dia 16 é um dia parado — dia perdido, cuja perda representa para nós a perda do combate. Poucos tiros entre as patrulhas. Os alemães não manifestam tendências combativas. O grosso da coluna alemã atinge o vau de Calueque.

No dia 17, porém, pouco depois do meio-dia, do pôsto de observação dos morros de Calueque, notaram-se movimentos no acampamento inimigo.

De facto, na direcção provável de Naulila, punham-se em marcha três grupos de cinqüenta cavaleiros, precedidos, cêrca de meia hora, por um carro de bois e uma peça ou metralhadora.

Êste facto, conjugado com a circunstância de nem a cavalaria, que esperava junto do rio, nem os auxiliares brancos do vau de Nangula darem notícias de fôrças inimigas, devia levar ao convencimento de que ou retiravam ou caminhavam mais por largo, certamente para tomarem qualquer das vias que levavam de Oncuancua ao forte, ameaçando o flanco esquerdo das fôrças de Naulila.

Como se explica que essas fôrças caminhassem,

em pleno dia, sem serem hostilizadas ou vigiadas de perto?

Cêrca da 17 horas o pôsto de observação fornece mais esclarecimentos precisos: 185 cavaleiros, 64 muares carregadas a dorso e 16 carros de esquadrão a 4 parelhas, vão no caminho das primeiras fôrças saídas do acampamento alemão, onde ficavam ainda uns 75 cavalos e alguns homens.

Para onde iam essas fôrças? Seria uma finta para provocar durante a noite a deslocação das tropas de Calueque e, num retôrno rápido, forçar o vau, internando-se mais em território português, a caminho do fértil planalto da Huila? Salgado supõe que marcham para Naulila e comunica o seu parecer a Roçadas.

A cavalaria portuguesa, a fim de evitar o envolvimento, coloca-se a 600 metros a montante do vau de Nangula, na margem esquerda, barrando o caminho paralelo ao rio, no cumprimento da missão que lhe fôra prescrita.

Ao romper da manhã as tropas de Naulila eram atacadas violentamente. As fôrças de Franck, tendo atravessado sem opposição o cordão dos Cuamatos e estacionado, durante a noite de 17 para 18, a alguns quilómetros de Oncuancia, no caminho mais extenso que dêste lugar leva a Naulila, caíam em pêsô sôbre o flanco esquerdo das trin-

cheiras portuguesas. Eram cêrca de 400 espingardas, quatro peças de artilharia e duas metralhadoras.

Estava travado o combate que nós podíamos ter iniciado na véspera, com tôda a liberdade de acção, mas que procuramos evitar num desastrado intento de neutralidade para com quem se achava armado em terra nossa, e ao qual presentemente nos víamos forçados, sem ao menos termos à mão uma reserva pronta a intervir.

Se o primitivo acampamento alemão fronteiro a Calueque tivesse sido atacado como se chegou a planear em 15, venceríamos seguramente; se o pelotão de cavalaria, imobilizado em Calueque, tem sido empregado em explorar a fundo o caminho de Naulila-Oncuancua, como Aragão solicitou, teríamos evitado o reconhecimento alemão do alferes Vahle, realizado na véspera, e tido tempo de reconhecer claramente as intenções do inimigo, para fazer entrar em acção, com tôda a segurança, as fôrças de Calueque.

Deve dizer-se claramente: a causa primeira e fundamental do desastre foi a falta de adopção de uma attitude clara de ordem política em face de aqueles que sempre haviam sido vizinhos cheios de falsidade e que dentro em pouco viriam a ser nossos inimigos declarados em França e em Moçambique, e contra os quais nós tínhamos já, a clamar vingança, o sangue irmão, derramado traiçoeiramente em Maziua, na margem do Rovuma, e no

Cuangular, na margem do Cubango. Em 25 de Novembro, ainda o ministro recomendava a Roçadas evitar que as nossas patrulhas entrassem *sequer na zona neutra!*

Mas, quando os políticos se não definem, define-se o militar.

Havia fôrças estrangeiras armadas em território português. Poderia haver equívoco de fronteiras. Um parlamentar avançaria então, com elementos para demonstrar o equívoco ao comandante dessas fôrças, convidando-o a sair da nossa terra imediatamente. Ou saía ou não saía. Na primeira hipótese o incidente estava militarmente sanado e aos políticos ficaria o encargo de provocarem diplomáticamente as reparações do estilo; na segunda, os políticos já não teriam uma só palavra a dizer, porque com o primeiro sangue vertido, ou antes com o primeiro tiro disparado, se entrara em franco estado de hostilidade e, ocorrido o *casus belli*, o militar atacaria. Assim faz o exército de um povo livre.

Logo de manhã, ao ouvir o tiroteio em Naulila, o tenente Aragão, comandante do esquadrão de dragões, que se achava na margem esquerda, destacou patrulhas na direcção do acampamento alemão, as quais regressaram não tendo encontrado fôrça alguma. O tiroteio começava junto ao forte. A artilharia ressoava poderosamente. Então o esquadrão pôs-se em marcha.

Ia para o desconhecido, mas ia para onde os

ÁFRICA PORTENTOSA

seus irmãos se achavam em luta. Ia sem ter recebido ordem, mas ia procurar o perigo.

No caminho apareceu um soldado, dizendo-se enviado pelo comando, que mandava atacar o acampamento inimigo... Que acampamento? O primitivo ou o moderno?

O esquadrão continuou em frente. O fogo intensifica-se; a marcha acelera-se. A poucos quilómetros está correndo sangue português...

Às 7 horas os dragões vão encontrar desocupadas as nossas trincheiras do flanco direito. O que teria acontecido?

Tôda a luta se fixa na nossa frente e na nossa esquerda. O esquadrão começa a ser alvejado. O seu comandante vai reconhecer o flanco esquerdo do inimigo, para sôbre êle lançar a carga dos seus dragões.

As fôrças da 12.^a companhia haviam sido deslocadas, para reforçar a 9.^a companhia, que fraquejara perante a rudeza do ataque. Os landins, essa tropa valentíssima, na qual se haviam apurado os caracteres guerreiros da sua raça, empoleirados nas árvores, fuzilavam vivamente o inimigo.

Já os dragões se organizam para a carga decisiva. De repente chega-lhes a notícia de que fôrças alemãs, vindas pelo caminho encostado ao rio, o mesmo que os dragões haviam acabado de percorrer, estão quási a desembocar no terreno da luta.

Os dragões deslocam-se apressadamente, tomando posição à frente das trincheiras deixadas pela 12.^a, nosso primitivo flanco direito.

A tropa alemã que chega é a companhia von Watter, com meia bateria de artilharia, trôço que não chegara a deslocar-se com as outras tropas do primitivo acampamento alemão, iniciando a marcha apenas de manhã.

Do esquadrão restam em luta quarenta e sete soldados.

Às sete e meia começa o combate nesta nova posição. Os dragões batem-se a pé, valorosamente. Dentro em pouco o alferes Sereno é ferido.

Dos seus soldados apenas dez continuam combatendo. O envolvimento define-se claramente. É preciso um esforço último: tentar a sortida do círculo de fogo que encerra os dragões, montar repentinamente e romper através da linha circular que os abafa. O tenente Andrade, comandante dos auxiliares, que se juntara aos cavaleiros, tem a montada morta.

A luta intensifica-se. São já somente vinte homens que combatem neste novo campo, onde uma acção, perfeitamente isolada da acção geral, se desenrola. Até às 9 horas o tiroteio é seguido. Súbitamente o tenente Aragão cái ferido. Uma bala atravessara-lhe a perna esquerda. A resistência da valorosa falange vai quebrando.

Pelo campo geral há também um afrouxamento preparatório da decisão. Momentos de silêncio; e de súbito ouve-se a gritaria do assalto e, logo a seguir, as últimas descargas dos homens do tenente

ÁFRICA PORTENTOSA

Marques, que se agüentava ainda bravamente, junto do forte.

Das fôrças do Calueque partem tiros de peça, sôbre o acampamento abandonado pelos alemães.

O combate terminava por onde devia ter começado...

Já pelo campo se recolhem prisioneiros.

Aprumados, arrogantes, soberbos, passam sob escolta seis landins. Tinham-se batido como leões. Vão a enforcar. Vão ensangüentados e esfarrapados. Mas o seu orgulho é indomável!

Desde as primeiras horas do combate tinham guerreado como diabos negros e heróicos! Assistiram ao fraquejar do flanco esquerdo e nem um assômo de pavor os tomou. No seu espírito simples a noção do dever era insofismável; a excitação da luta tinha-lhes aquecido vivamente o coração belicoso: combatiam, cada um de per si, individualizados pelo seu valor. Destruídos os parapeitos dos entrincheiramentos improvisados, os landins saltaram a peito descoberto e, de cima das árvores, estiveram alvejando os alemães até se lhes acabarem as balas, agarrados à luta, teimando, afincados unicamente ao desígnio ansioso de vencer e servir uma Pátria de que certamente tinham uma idea confusa, mas à qual davam generosamente o seu sacrifício e o seu sangue.

Vão a enforcar. A sua cabeça só penderá, dobrada pela morte; o seu olhar recto e alto não desce sôbre o chão, para poder fitar, face a face, o olhar dos seus ignóbeis algozes.

Dos destroços do campo da batalha erguem-se fumos para o céu; alguns gemidos sôam no ar tranqüilo. O sol brilha esplendorosamente.

Num recanto do teatro da luta, junto a uma árvore, alguns brancos fardados estão servindo de carrascos a meia dúzia de soldados negros, que haviam praticado o crime de ter lutado heróicamente pela sua terra!

Contra todos os direitos humanos de paz e de guerra, negando miseravelmente tôdas as convenções assinadas, em que sempre se esforçara por aparentar sentimentos de humanidade, ocultando porém os mais disfarçados desígnios de rapina e carnagem, essa gente, que sempre abominou o negro, em nome dos direitos do qual penetrou no continente africano, essa gente está praticando um crime odioso: um a um são enforcados seis soldados da infantaria indígena portuguesa!

Retira a escolta assassina. No dia seguinte novas vítimas são imoladas: e os alemães debandam, alarmados por uma culuna de poeira levantada por alguns bois...

Passado um ano, a natureza, parece que no propósito de lavar tamanho crime, derrubou a árvore em que padeceram os negros inocentes.

Mas uma cabeça restava, como que gritando a eterna abominação, o infinito ódio, que a uma raça històricamente nobre devem inspirar os actos ignóbeis de outra raça històricamente vil!

V

CRÓNICAS AFRICANAS

Ao DR. ALFREDO LOBO DAS NEVES

O ENTRUDO cai sempre na época das grandes chuvas. A água não interrompe um instante, ora borrifada e leve, desfazendo-se em fumarada de vapor, ora pesada como se fôsse chumbo. Mas nem por isso os negros deixam de organizar os seus bandos carnavalescos. Qualquer outra festa poderia ser prejudicada pelo tempo: o carnaval só deixaria de ser celebrado se a terra se abrisse num cataclismo formidável.

São sete da manhã. Já se ouvem os primeiros sons do tambor e dos instrumentos mais inesperados que acompanham os bandos. Eis que avança da rua larga a procissão. O alarido é enorme. De todos os lados, de tôdas as ruas, acorrem pretos para ver o batuque andante.

E pouco a pouco êste avança, quási hieràticamente, ao som do bombo, do barítono e do contra-baixo. Vêm os mascarados em duas filas la-

deando um andor, marchando e dançando, com meias voltas, cortesias, saltos, cabriolas, sapateados e denguiques.

Já de si os vestuários são o que uma imaginação burlesca poderia conceber de mais cómico e disparatado: fatos de papel, capacete e espada de pau, em ar de comando; sáia de balão, calças de mulher, chapéus de plumas, colete de fantasia! Os figurantes do cortejo caminham, dançam e cantam, acompanhando a música infernal.

*Ai, Marica,
Si tu vai eu não fica...*

O cortejo dirige-se a casa da autoridade, para agradecer a licença de saída e aí junta-se o povo-léu curioso. Surgem figuras de um cómico irresistível: ali estão duas pretas vestidas de damas europeias, que eram capazes de fazer perder a gravidade a um viuvo choroso: além um pretalhão, armado em agrimensor, substitui o teodolito por um chifre retorcido.

E tudo baila, as damas europeias, o agrimensor, o cortejo, o teodolito, a turba imensa que o rodeia.

*Ai, Marica,
Si tu vai, eu não fica ;
Quem t'ensinou á nadá ?
Foi o peixinho do má...*

ÁFRICA PORTENTOSA

O saracoteio é contagioso. Para uns a dança é apenas um meneio das nádegas, com o dôrso inclinado àvante e os longos braços pendentes; para outros é o sapateado quási de cócoras, em ar de patos ou de gorilas; para outros ainda é o salto com voltas no ar e a queda suspensa sôbre um pé.

*Foi, foi, foi, olaré,
Foi o peixinho do má...*

A música comunica a sua acção a tôda a gente. Não há ninguém que fique insensível: um meneio geral, comunicativo e irresistível, se apodera de todos. No sangue dos negros, votados à dança como nenhuma outra raça, despertam velhas tentações de ritmo.

E, à medida que o cortejo desfila, a multidão, balanceante e dengosa, entôa em pêso o estribilho imutável, repetindo a compasso a toada monótona:

*Foi, foi, foi, olaré,
Foi o peixinho do má...*

A chuva começa a tombar. O céu abre-se em cataratas de água. Tôda a gente debanda. Sòmente os figurantes do cortejo, indiferentes às fúrias do céu, coutinuem em fila, hieráticos, tomados da fria gravidade do momento, no seu passo ritmado, de

espada alçada, como se arrastassem após si o maior exército do mundo.

*Ai, Marica,
Si tu vai, eu não fica...*

Ao arruído do batuque vêm juntar-se os sussurros afastados de outros batuques. Por sôbre a povoação domina o som da toada monótona.

São três dias pegados, dia e noite, sem interromper um momento, de folia e embriaguez. Nelles, os negros, excitados pelo tambor e pelo *macau*, esquecem por completo as misérias e as durezas do trabalho.

Por vezes, alta noite, a chuva rufando fortemente afasta o sono do branco. Então o som do batuque, furioso, chega aos seus ouvidos semi-adormecidos e irresistivelmente o próprio branco vai repetindo, a compasso da música, a toada obsidiante:

*Ai, Marica,
Si tu vai, eu não fica!...*

II

Do pequeno morro abrange-se tôda a larga extensão onde pousa o Lubango. E, embora a noite seja escura, as fogueiras acesas nas granjas dos colonos

ÁFRICA PORTENTOSA

espalham a claridade suficiente para se enxergarem os contornos das coisas.

Noite de S. João! Na minha terra, a esta hora, as môças banham-se no rio como ninfas pagãs, para colherem a acção benéfica das orvalhadas; aqui, como em quási todo o Portugal, as môças bailam em volta do lume, saltando por sôbre êle para que as chamas lhes purifiquem o corpo alvo. São afinal dois actos de purificação, o primeiro uma *noyade* comum a tôdas as religiões e o segundo uma festa semelhante à que os gregos realizavam em honra da deusa Pales, em que pastores e rebanhos saltavam por sôbre as fogueiras, para se expurgarem de qualquer morbidez maligna.

Rebentam foguetes e estalos. De todos os pátios vem um vozear confuso, enchendo o vale de notas de alacridade e folia. Em volta das fogueiras, agrupam-se as famílias; os clarões saem acima dos maciços das goiabeiras, iluminando duramente os contornos das coisas; figuras negras saltam por cima das chamas... Por sôbre tudo, as estrêlas brilham profusamente no céu negro, além o Cruzeiro do Sul, do outro lado a Ursa Maior, que a estas horas ilumina também o céu da minha terra!...

Noite de S. João!... Quando eu era pequeno, que grande dia êste, para mim! Para mim, e para aqueles da minha idade que a vida levou para longe e de quem nem já sequer os nomes conservo na memória!

Iamos logo de manhã em busca do musgo e do buxo com que fazíamos a *capela*. Esta era um plano inclinado, coberto de verdura e cheio de imagens de santos, cordeiros e pastorinhos, no cimo do qual ficava o nicho do Baptista. A meio costumava abrir-se o repuxo, cuja água caía num lago onde nadavam peixes vermelhos. Cercando o recinto da capela, erguiam-se mastros com escudos e bandeiras, ligados por festões de buxo florido.

Ressoavam no ar os guinchos do gaiteiro, os pratos accionados fortemente vibravam sôbre o bombo, e as raparigas em volta dançavam até ser de manhã, com a pertinácia feroz da sua mocidade.

À meia-noite, os foguetões começavam a subir com grandes cabeleiras. O cheiro da pólvora excitava a fúria da dança.

*Oh ! meu S. João da Ponte,
Oh ! meu rico marinheiro...*

E até de manhã o arraial prolongava-se e as rodas de dança rodavam num delírio incansável!

Afasto da lembrança o quadro morto. Mas de frente dos meus olhos desenrola-se, no meio da noite, a mesma alegria viva, outros gozam do mesmo

ÁFRICA PORTENTOSA

salutar regozijo. No tempo como no espaço as coisas da terra variam muito pouco: esta é ainda a festa da minha mocidade, esta é ainda a festa da minha terra. O mesmo espírito a ela preside, a celebração do mesmo rito agrário impulsionando todos os homens, que em tôda a parte são dotados da mesma universal ilusão das coisas divinas. O que os meus olhos deslumbrados vêem, essas centenas de fogueiras cobrindo uma extensão enorme, em volta das quais se reúnem tantas pessoas felizes, não representa simplesmente um quadro de um pitoresco intenso: é ainda a afirmação da vitalidade de um povo que soube transportar os seus costumes para uma ilha isolada no mar, costumes que dessa ilha para aqui foram trazidos por gente humilde que os radicou no solo largo e generoso da África infinita.

Atravessam as silhuetas nos clarões das fogueiras, rebentam estalos e foguetes por tôda a extensão. E por sôbre as criaturas e as coisas o palor da Via-Láctea, que corta o céu como banda opalescente, derrama-se com impassível suavidade.

Na minha terra, a estas horas, as raparigas, ao som do gaitero, bailam em volta das capelas, tôdas cheias de santinhos de barro, com repuxos de água clara e flores espalhadas por sôbre o musgo verde... Noite de S. João!

III

Alguém bateu à porta. O criado foi abrir. Na negrura da noite, mal se distinguiram três vultos. Vinham molhados até aos ossos, tiritando, que a chuva tombava pegadamente desde o pôr do sol e o vento soprava finamente ao longo dos caminhos. A luz da vela agitou-se e, como fora a conversa entrecortada ameaçava prolongar-se, foram mandados entrar os visitantes. Eram dois *cipaios* que conduziam prêso o João Canivete. Um dêles, que trazia um grande punhal, uma moca e um casaco de ganga crivado de golpes e manchado de sangue, tentou contar o sucedido, mas o seu português era incompreensível, e por isso o João Canivete que, durante a narração, fizera indignadas interrupções, pediu a palavra e contou singelamente o seu caso.

Tinha ido de dia ao Lubango. Fizera as suas compras, regressando já de noite. Trazia um pano para a mulher, *fuba* e o necessário para o *macau*.

Quando entrou na cubata tudo parecia dormir.

Tacteu às escuras, arrumou as compras que fizera, pendurou a moca e o punhal e ia sentar-se à beira da cama para se despir, quando, de repente, percebeu que um corpo, além do da mu-

ÁFRICA PORTENTOSA

lher, ocupava o seu leito! Teve um estremecimento de horror.

— Quem está aqui? Quem está aqui?...

O corpo, a que êle já deitara a mão nervosa, estremeceu também, tentou erguer-se num solavanco de espanto...

— Quem está aqui?...

Nem uma palavra.

Então bruscamente foi abrir a porta, para ter alguma claridade. E viu, contra a parede, o vulto da mulher aterrada, de olhos esbugalhados e, já de pé, semi-nú, um negro alto, hesitante entre a defesa braço a braço e a fuga libertadora.

Um relâmpago de cólera atravessou o cérebro de João Canivete. Mas o seu braço foi agarrado, músculos fortes prenderam-lhe os movimentos. A porta abriu-se e, através dela, o vulto da mulher escoou-se medrosamente.

— Não me mates! não me mates!...

Ainda lutou, ainda tombou pelo chão, envolvido e quási dominado. O adversário era forte e, num salto vivo, furtou-lhe o corpo, pôs-se repentinamente em pé e mergulhou a fugir na negrura da noite.

E agora o João Canivete partê em sua perseguição, escumante e doido; alcança-o, vibra-lhe um golpe nas costas.

— Não me mates!... não me mates!...

Nova punhalada, o negro caminha já arquejante, a cambalear. Mas nem por isso a vingança

está completa. As punhaladas são mais frequentes, oscila, cai no chão. E agora é um joelho que assenta vigorosamente sobre o seu corpo e a lâmina fria que lhe fende as carnes, nos ombros, na espinha, na cabeça, até que um último estremecimento lhe leva a vida ansiosa e palpitante.

Acabara de contar sem uma críspação nos músculos da face. O seu olhar vinha direito ao nosso, numa recta altivez interrogativa. Nem uma sombra de remorso.

— Então você não está com pena de ter morto um homem?

— Não, não está. Foi-se deitar no meu cama...

— Mas agora vai na *Outra-Costa*...

— Branco não pode castigar. Branco, quando encontra homem no seu cama, mata mesmo!

E, percebendo o embaraço em que estávamos quanto à sua prisão, veio ao encontro do nosso pensamento:

— Escusa de prender, patrão. Eu não fuge...

E, pela manhã, quando saíu prêso para o Lubango, ia de cabeça bem erguida, o passo firme e resolvido, porque o seu acto, que antigamente no sertão poderia apresentar-se à sua consciência como um crime nefando, era hoje, para si, mercê do contacto do branco, uma façanha virtuosa e altamente meritória.

ÁFRICA PORTENTOSA

IV

Falar de feras é uma tentação e um perigo. Tentação, porque são elas no fim de contas que constituem a grande curiosidade local; perigo, porque o maior mal que pode acontecer a quem escreve é ser acusado de fantasioso e imaginativo. Á fé, leitor, posso garantir que ainda em África há uma ou outra fera! E não são, como o leitor sorridente está pensando, os brancos as únicas feras existentes em África: há-as também da classe dos felinos, e bem más e bem perigosas.

Sim, há feras, e aqui a dois passos do Lubango...

Nos morros que cercam o vale, a onça vive como única senhora, escondida de dia nos antros dos rochedos, passando de noite em busca de alimento para si e para a prole que dorme no fôjo. A montanha é coberta de arvoredos curtos e, como a encosta é áspera, nem as cabras se aventuram a trepá-la. Sòmente os macacos saltam de pedra em pedra, gritando e gaifonando, como acrobatas alegres, quando às herdades do vale descem a roubar as espigas do milho ou os frutos doces das árvores.

Os macacos têm hábitos de gente. As mães transportam os filhos ao colo enquanto mamam, e ainda depois, já quando os dentes romperam as gengivas dos infantes, os levam pela mão, parece

até que ralhando a lembrar-lhes os perigos enco-
bertos no mato espêso... Os olhitos diabólicos,
movediços; a gesticulação viva e inquieta; uns
sustos repentinos que os levam a trepar vertigino-
samente às árvores e às rochas altas, como se no
chão estivesse algum perigo... Sim perigo e
perigo de morte, que os ceifa repentinamente, sem
que nada lhes possa valer, senão a sua agilidade e
viveza.

De dia bem vão as coisas. O sol requeima; e
a sua luz, assim vibrante, deslumbra a pupila alon-
gada dos felinos. São então as correrias, os sal-
tos, os guinchos, as incursões feitas impunemente
nas culturas do vale, as gargalhadas irónicas solta-
das de longe contra a fúria do velho colono rou-
bado — porque os macacos riem, como a gente,
das coisas más. Razão tinha o bom Darwin em
lhes atribuir um notável papel na ascendência hu-
mana e razão têm os pretos em supôr que êles se-
jam homens espertos, feitos brutos só para não
trabalharem...

Pelas copas das árvores, saltando de ramo
em ramo, de árvore em árvore, tão ágeis como
ratos de palmeira, arrebatam de um golpe os
frutos silvestres. Não comem senão produtos
da floresta. A sua vida decorre fácil e alegre,
andando, saltando, flanando, sem um pensa-
mento que os amargure, sem preconceitos de
moral nem inquietações de filosofia. Grande
vida: nem trabalho, nem apreensões do dia de

ÁFRICA PORTENTOSA

amanhã, nem lutas pela propriedade: grande vida, grande vida!

Ai! mas o pior é quando o sol baixa no horizonte e a noite desce negra, espessa, medonha e tenebrosa! Não é só o frio. O mato, todo êle se mantém quieto e parado numa expectativa de terror. De quando em quando as fôlhas sêcas do chão são agitadas e esmagadas em estalidos ásperos. Sentem-se passos. Sêres imponderáveis avançam, cautelosos, traiçoeiros... Parece que todo o mato se povoa de ameaças, que o próprio ar se anima hostilmente contra o pobre ser inerte e inquieto. E então os terrores seculares, que a sua imaginação alberga, como se no cérebro se lhe concentrassem as mil angústias sofridas pelos seus antepassados em noites de igual ameaça, renascem num momento.

Silêncio absoluto! Apenas as rãs coaxam ao longe num côro ininterrupto de sons, que fazem estremecer o ar, mas tão continuamente, que o próprio ouvido os esquece e o pensamento dêles abstrai.

A vida, a atenção do miserável ser, concentram-se naquela torva escuridão que a dois passos o ameaça e onde se escondem as garras vivas que lhe trespassarão as carnes, os dentes agudos que lhe triturarão os ossos.

O bando dorme; e o pobre macaquito, sôbressaltado, vê no escuro da noite dois olhos carbunculosos, acesos como brasas de lume. Todo o seu

corpo se arrepiava de pavor, o coração bate-lhe desordenadamente, uma angústia horrível lhe estrangula a garganta e lhe eriça o pêlo macio. Às narinas chega-lhe o bafo pestilencial da fera. Quere gritar: não pode. Os dois olhos vermelhos crescem na escuridão, aproximam-se, olham-no com uma fixidez terrível... Aqueles dois carvões ardentes, muito redondos, parecem duas bagas de fogo suspensas na noite, como se não pertencessem a corpo algum e se fôsem chegando, crescendo silenciosamente, imponderavelmente, cada vez mais vivas e mais ardentes.

O coração bate-lhe nos ouvidos, a garganta emudece, o pavor trespassa-lhe dentro do peito tôdas as vísceras. Não pode articular um único som!

Os dois tições ardentes vão queimá-lo! Aconchega-se ao seio da mãe, faz um esforço supremo. E da garganta sai-lhe a custo um grito apavorado!

O bando acorda de súbito, como se, mesmo durante o sono, mantivesse a consciência instintiva da ameaça. Agita-se, foge pelo mato negro, as mães arrastando os filhos pela mão, numa gritaria alarmada, num alarido angustioso, lamentável, comovente... Ouvem-se no meio do chôro os roncos surdos da fera excitada. E, a par dos gemidos desesperados da vítima, erguem-se os braços, as lamentações desordenadas, as lágrimas das mães, correndo alarmadas, com as crias, pelo mato escuro!

A F R I C A P O R T E N T O S A

E esta gritaria é tão humana, comunica ao nosso coração um alarme de dôr tão profundo, como se aqueles gemidos fôsem na verdade de crianças indefesas e pequeninas... Soluços, lamentos doloridos, uma dôr exteriorizada com todos os nossos gestos, uma angústia traduzida com todos os desvairamentos do despêro humano, aguilhoado por um sofrer sem remédio!

Há feras, sim senhor, e feras perigosas! O que preferem é matar macacos e herbívoros, a atacar as outras feras temerosas. Por isso o homem vive sossegado, sem medo das onças e dos leões, passeando tranqüilo, senhor absoluto das campinas e das florestas, certo de que no seu caminho só podem atravessar-se, a barrar-lhe a marcha, as feras que lhe são semelhantes.

Mas ponhamos ponto final. Os homens que escreveram de África desacreditaram tudo com a sua indecorosa fantasia. Pois se até um escreveu da existência de um pássaro, que, ao cantar, pronunciava o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo! Vá lá a gente agora fazer-se acreditar nas coisas verdadeiras... Ponto final.

Do lado do sul, o vale é barrado por um morro inacessível — a montanha de Mucoto — coberto de arvoredos até mais de meia encosta e com a ossatura nua na parte alta. Essa barreira é cortada bruscamente para dar passagem ao rio Caculovar, formando no corte a chamada *ponta do Lubango*, para onde, em tempo de trovoadas, os raios parecem atraídos por uma força invencível.

Para se subir à montanha é preciso torneá-la pela *Bôca da Humpata*, e trepar depois lá cima, atravessando o *plateau*, raso e limpo até meio, mas coberto depois de pedaços de rocha partida regularmente e de-certo fendida pelos raios. Uma vez atingida a planura alta, surpreende-se de quando em quando, através do arvoredos que lhe borda o flanco, uma nesga do vale, lá em baixo, cheio de pitoresco, com casitas reduzidas a proporções minúsculas e fitas de estradas irradiando em linhas brancas no fundo verde.

Depois caminha-se decididamente na orientação da ponta do morro.

E, de súbito, sob os nossos olhos deslumbrados, abre-se a vastidão surpreendente da ampla bacia do Lubango.

Para o norte elevam-se as serras de Nigombi e Numpaca, para oeste as serras de Congola e Ca-

A F R I C A P O R T E N T O S A

rueque, rasgando-se no desfiladeiro da bôca da Humpata e continuando para o morro em que estamos em pé; das vertentes nascem o rio da Mapunda, que atravessa, fertiliza e dá nome à várzea mais formosa da região, o rio Mucufi, que recebe as águas do riacho Mucori, vindo do planalto da Humpata, e o rio Numpaca, constituindo todos três as ramificações superiores do Caculovar. Da bacia quási fechada, o rio escoá-se pela fenda do seu vale, que o leva ao caudal do Cunene.

Vê-se nitidamente serpentear o rio, a caminho do mato espêssô, que se desenrola, verde como veludo, a perder de vista, lá para muito longe, sempre acompanhado pela estrada. É êste o vale histórico, ao longo do qual, até ao Humbe, fizemos a penetração lenta e tantas vezes recomeçada.

Mas, no meio desta largueza imensa, o que mais prende os olhos é lá no fundo a povoação, assim vista como se fôsse em planta ou observada de avião, com os seus tectos rebrilhando ao sol, com a côr levemente rosada das suas casitas. Num dos extremos destaca-se o quartel dos Dragões, tão cheios de renome em tôdas as campanhas do Sul; depois, a meio do alegre aglomerado, a casa da Câmara, denunciando a feição municipalista dos colonos; depois, no outro extremo, a estação de caminho de ferro, marcando o esfôrço gigantesco que venceu o deserto e a cordilheira, e pôs a cidade, construída em tão altas culminâncias, em

contacto com o litoral; depois a antena da telegrafia recebendo do ar as vibrações enviadas de muito longe e mandando-as para o imenso interior de Além-Cunene.

Dá-lhe o sol em cheio; de quando em quando, uma mancha de sombra, provocada pela interposição de uma nuvem, percorre o vale. Do coração da cidade partem as estradas: esta, que se quebra em ângulo recto a nossos pés, vai para a Chíbia, caminho do Interior; aquela, apontada às montanhas da Quilemba, é a célebre estrada mandada construir em 1915 pelo general Pereira de Eça; aquel'outra é a velha estrada da Humpata, que segue pelo próprio desfiladeiro; bordejando a meia encosta da serra de oeste, lá vão a linha férrea e a estrada nova para a Humpata.

Não se distinguem os homens mourejando; apenas se abrange a massa côm de rosa e anilada, assim reunida em núcleo denso e depois irradiando, como que tresmalhada, aqui um casal, além uma herdade, mais além um pomar, tomando, conquistando o vale inteiro. Brilham, por entre as árvores, eucaliptos, laranjeiras, casuarinas, os reflexos das levadas; densas moutas formam junto das casas recantos amenos de sombra.

A povoação espraia-se, conquista o vale imenso... E amanhã a cidade, onde mourejarão milhares de criaturas da nossa raça (oh! sim, da nossa raça!) coalhará o vale deserto de há quarenta anos!

ÁFRICA PORTENTOSA

— Há quarenta anos — ia dizendo o velho colono que me acompanhava — quando chegamos, havia além, onde começa a estrada para a Chibia, o *chilongo* dum sobeta, em volta do qual, no mato espêso, se abria um ou outro *arimo* de massango. De resto era tudo invariavelmente mato arborizado, de onde não saía uma única coluna de fumo. Meses antes de chegarmos, o célebre Nestor, proprietário de *serra abaixo*, tinha subido ao planalto com uma *guerra preta*, para atemorizar o gentio. Construídas à margem do rio da Mapunda grandes cabanas de capim, foi nesse sítio ainda hoje conhecido pelo nome de *Barracões* que se estabeleceu a primeira colónia, constituída por 222 pessoas, chegadas no *Índia*, a Mossâmedes, no dia 18 de Novembro de 1884. Viemos para o planalto em carrões boers, chegando cá acima nos princípios do ano de 1885, na quadra das chuvas.

Todos os dias os colonos se deslocavam dos Barracões, em brigadas, para a abertura da levada que parte da Senhora do Monte, e pouco a pouco se foram estabelecendo na colina chamada *Cacondo*, onde hoje assenta o Lubango.

— Além, vê o senhor? Além era o chilongo do gentio, que depois mudou para a Mapunda. De resto era tudo mato, arvoredos baixos, sempre, a perder de vista...

Em fins de Fevereiro a vala estava concluída, com a extensão de 3 quilómetros, mas os colonos tinham adoecido em grande número. O médico

vinha todos os dias dos Barracões em visita às cabanas. Mas que havia êle de fazer? Os remédios eram poucos: óleo, sal amargo, quinino e mais nada!

Por fim, depois de grande trabalho, as barracas lá se iam concluindo, os caminhos abriam-se, os quarteirões estavam distribuídos. Já, entre as principais habitações, se destacavam a casa do director da colónia, D. José de Câmara Leme, e a do médico.

Mas ninguém podia aventurar-se isoladamente para muito longe da povoação, porque o gentio olhava com maus olhos o estabelecimento do branco.

Em Maio, terminadas as chuvas, começou o arroteamento dos terrenos para a sementeira. Houve uma colheita razoável de milho, feijão, batata, cará e hortaliças. Plantaram-se milhares de árvores de fruto.

Os colonos, que tinham trazido muitas flores da Ilha, começaram a ajardinar a terra em volta das suas cabanas. Já trabalhavam dois moinhos de água.

Em 19 de Agôsto chegou uma nova leva de colonos, dos quais uns 44, reunidos a algumas famílias já estabelecidas na Humpata, se deslocaram e fundaram a Chíbia.

Em 1887 havia no Lubango 543 habitantes, 108 famílias e 200 crianças. Fez-se uma nova vala, maior que a primeira. O *conselho rural*, formado

A F R I C A P O R T E N T O S A

pelo director da colónia e por quatro colonos, resolvia as questões de interêsse geral.

As casas eram de pau a pique barreado e tecto de colmo. As maiores ficavam além, na *praça*, onde era a igreja, dentro da qual a princípio funcionou também a escola.

Mais tarde fêz-se a primeira casa de alvenaria para o director da colónia, que ainda é hoje, modificada, o *palácio do govêrno*.

O velho colono sentara-se numa pedra, e, com os olhos fitos no emaranhado de casas da povoação, continuou a contar, como se falasse em sonho :

— A casa do Melro ficava acolá; um pouco mais acima e ao lado, tinha o velho Chaves, capitão de segunda linha, construido dois fornos para pão; na estrada, que seguia da praça apontada ao monte, estavam a cabana da farmácia, a do Marcelino, o barracão da telha; chegados ao morro, aqui e além, os casais do Alfredo da Ponte, do João Joaquim Fernandes, do Zé António Bettencourt, todos iguais, com o mesmo cercado para o porco, o mesmo *sambo* para o gado, o mesmo canteiro para as roseiras, o mesmo traço de terra cultivada, com a vala de rega escondida entre o capim.

Os filhos lá se iam criando e crescendo, mas abominando a agricultura, procurando o comércio de troca com o preto. E, como êste género de actividade os forçava a longas penetrações pelo mato e a privações contínuas, foram-se deixando minar pelas febres, enfraquecendo lentamente.

Da casa de pau a pique passou-se à casa de adobe.

Mas a colônia não progredia. O seu isolamento, a falta de ligação com o litoral, não permitindo a saída dos produtos, fazia com que muitos desanimassem.

— Quem havera de dizer! O senhor vê além aquela ravina junto do hospital? Era lá um fojo de leão, que dali saía de noite a rondar o gado dos casais! Quem havera de dizer! Os senhores que vieram depois pensam que tudo isto foi sempre assim; e a nós, que fomos os primeiros, também já nos parece um sonho, quando recordâmos os trabalhos, as canseiras, as lágrimas choradas em cima desta terra!

No lugar onde havíamos tomado a água pela primeira vez, havia uma grande quebra no terreno e um monte mais elevado. Parecia-se êsse lugar aprazível com a Senhora do Monte da ilha da Madeira.

Perto construímos uma capela e, tendo vindo da Ilha uma imagem da Virgem, passamos a fazer as nossas romarias anuais. Pelo ano fora ali íamos em silêncio e, de joelhos, rezávamos as nossas saúdaes, os nossos anseios, o nosso doloroso arrependimento!

Já então haviam começado as operações militares. A conquista do Humbe, a pacificação dos Gambos, os perigos de Além-Cunene, passaram a absorver as atenções do govêrno. Chegaram as

ÁFRICA PORTENTOSA

colunas, infantaria, cavalaria, artilharia, um poder de gente, que seguia a caminho do Interior.

A indústria do *carro boer* entusiasmou grande parte dos colonos. Não era somente o transporte de bagagens e mantimento para as tropas internadas; era também o transporte, de Mossâmedes para o Planalto, de tôda essa riqueza vazada na praia, pelos navios que vinham de Portugal!

Assim se animou o comércio, a princípio vivendo do Estado, mas depois, à medida que a população crescia, mantendo-se à custa das necessidades dessa mesma população.

Não fomos nós, é certo, que fizemos tudo. Depois de nós outros chegaram, mais trabalhadores talvez, mais instruídos, que fizeram a cidade.

Mas nós fomos os primeiros, os que mais sofreram, os que deixaram na população o veio inicial do sangue português. A língua que além se fala, fomos nós que primeiro a falamos no sertão deserto; as árvores e as flores que além crescem, fomos nós que as afeiçoamos a êste solo; as águas que além correm, fomos nós que as colhemos e conduzimos para o seio da povoação. Outros progressos vieram, quando começávamos a envelhecer, esgotados, vencidos... Mas nem por isso deixâmos de merecer o respeito de quantos hoje habitam a cidade, o amor de quantos a ela vêm, atraídos pela benignidade do seu clima e pela bondade do seu solo...

Calara-se o velho colono: As suas palavras tinham uma alta significação de justiça. Eram a afirmação da potência criadora da raça.

E, a atestá-lo, lá em baixo, sôbre a antiga colina de Cacondo, onde há quarenta anos havia apenas uma minúscula povoação de negros errantes, a cidade cheia de reflexos, de fumos, de brilhos de águas, espraiava-se como uma gigantesca célula nervosa, lançando ligações para os quatro pontos do horizonte, para o Interior, de cuja ocupação foi base, para as restantes povoações do Planalto, de que é mãe espiritual, e finalmente para as cidades do mar, que são como que outros tantos gânglios vitais de um ser muito alto e muito nobre, ao qual permanentemente devem estar presas as vibrações do nosso pensamento e os anseios do nosso coração.

VI

UMA PÁGINA DE HISTÓRIA

AO DR. JOÃO ELOY NUNES CARDOSO

As páginas que vamos esboçar têm por fim mostrar como a perda da independência conduz ao desprezo de tôdas as riquezas dos vencidos por parte dos vencedores, bem como exige depois daqueles um esforço hercúleo para reaverem uma parcela do que era seu.

No dia 24 de Agosto de 1641, sendo capitão general da província de Angola Pedro César de Menezes, uma armada holandesa, de 21 naus, comandada pelo almirante Pedro Houtbeen, apoderou-se de Loanda. Esta esquadra fôra enviada por João Maurício, conde de Nassau, que à data procurava firmar o poderio holandês no Brasil. Loanda ficou sob o govêrno do coronel Andreson e a esquadra seguiu à conquista de S. Tomé e da Guiné.

A tomada de Loanda era a conclusão fatal de uma série de actos que a inércia filipina tinha permitido e que lógicamente haviam de conduzir à perda de Angola, onde a Companhia das Índias Ocidentais, que em 1621 recebera dos Estados Gerais o privilégio do comércio com a América e com a costa ocidental da África, esperava encontrar os braços escravos indispensáveis aos engenhos de açúcar do Brasil, em parte já nas suas mãos.

Perdera-se o Castelo de S. Jorge da Mina; perdia-se S. Tomé e a Guiné; ia-se-nos o Império do Oriente; estava prestes a fugir das nossas mãos o Brasil; e a África Ocidental tinha a capital perdida!

O que levara à conquista desta última, não fôra sòmente a cubiça da terra, já de si tão importante; fôra a necessidade de encontrar músculos com que fazer produzir as minas e a agricultura da parte conquistada do Brasil. Angola ia seguir as vicissitudes do resto do nosso império ultramarino, atacado por franceses, ingleses e holandeses.

Já em 1609 estes últimos haviam tentado estabelecer-se no pôrto de Pinda (Zaire), sendo de ali repellidos; em 1625 fizeram a sua primeira visita à barra de Loanda, surgindo em frente desta uma esquadra holandesa de 6 navios e 2 patachos sob o comando do almirante Heyne; o governador Fernão de Sousa (1627-1629) conseguira re-

ÁFRICA PORTENTOSA

pelir uma esquadra holandesa, enviada à conquista de Angola, que sulcara durante três meses os seus mares, tentando desembarques; no tempo de D. Manuel Pereira Coutinho (1630-1635) travara-se um combate junto da costa de Benguela, com duas naus holandesas que ameaçavam o nosso comércio; no govêrno de D. Francisco de Vasconcelos e Cunha (1635-1638) uma esquadra, comandada por seu irmão Bartolomeu de Vasconcelos, batera os holandeses, tomando-lhes um navio de 24 peças; no próprio govêrno de Pedro César de Menezes, as ameaças sôbre Angola foram contínuas, sucedendo-se os reconhecimentos navais à barra de Loanda (1639-1640) e os recontros com a nossa esquadilha de defesa.

Em 1624 começara a cidade a ser fortificada do lado do mar pelo governador, bispo frei Simão Mascarenhas. Pela actividade com que Pereira Coutinho e Vasconcelos e Cunha se votaram à organização da defesa, se pode também avaliar dos perigos que ameaçavam a nossa colónia da África Ocidental.

Entre outras foram construídas ou reforçadas em Loanda as fortalezas da Guia, ao centro do pôrto, e a de Santo António, sobranceira à encosta norte. Em 1638, Loanda contava já com uma cidadela, a fortaleza de S. Paulo, no morro que domina a cidade e o pôrto.

A-pesar de tudo, a colónia havia de estar como que perdida para Portugal e só o esforço, hoje

incompreensível, de um punhado de bravos, tornou possível manter nela aquele gérmen de resistência que mais tarde, recebido o necessário apoio, havia de levar à reconquista. Êste esforço realizado desesperadamente, sem confiança em auxílio externo, desligado, irregular, mas tenaz, faz pensar quanto em tais circunstâncias vale a pena lutar e persistir, na esperança de que da nossa acção se não perderá uma única parcela, porque ela servirá pelo menos para levantar outros corações, para inflamar em outras almas irmãs o ardor amortecido da independência.

Vamos tentar esboçar rapidamente essa luta, realizada nas mais precárias condições por gente que retira vencida, perdendo armas, combatendo não só com um inimigo cubiçoso, que chegara orgulhosamente em ar de guerra, mas também com o indígena, cujo ódio fôra subindo de intensidade desde as antigas tentativas de conquista no interior, realizadas por Paulo Dias de Novais, desde as proezas de Baltazar Rebelo de Aragão, que libertara Massangano do cêrco dos quissamas em 1597, desde a actividade guerreira dos governadores Bento Banha Cardoso (1611-1615) e Manuel Cerveira Pereira (1615-1617), até às façanhas recentes do capitão-mór António Bruto (1630-1634) contra os sobas de Calumbo, Acomoto, Quigoango e Cachimbo-Mulondo.

Os portugueses têm agora de contar não só com a fúria cubiçosa do holandês, mas também

ÁFRICA PORTENTOSA

com a hostilidade do gentio de mão dada com o invasor, com a febre, com o clima, com necessidades de tôda a espécie, que, somadas, completamente justificariam, em face da capacidade da resistência humana, a sua capitulação.

O governador Pedro César de Menezes, na impossibilidade de resistir às grandes forças navais ancoradas em frente da cidade, reuniu em volta de si o punhado de portugueses em cujos corações não cabia a vergonha da entrega e retirou para o lugar chamado Bem-Bem, e daí para as margens do Bengo, continuando a retirada para Massangano.

Durante a permanência no Bengo, Pedro Barreiros faz patrulhas de reconhecimento até ao Seigle, perto de Loanda, tendo tido um recontro sangrento com os holandeses.

A retirada dos portugueses para o interior não é porém uma retirada regular, como a de qualquer exército que se desloca para se apoiar num ponto forte: é antes a retirada do desespero de algumas centenas de orgulhosos, que bem sabiam que teriam de abrir caminho lutando. Essa gente ia inteiramente desamparada.

Acompanhado pelos seus compatriotas e apoiado em poucas tropas regulares, entre as quais a companhia do valoroso Diogo Gomes Morales, o governador foi levado por aquele instinto maravilhoso, próprio dos homens que num dado instante incarnam a aspiração de uma nacionalidade,

ao fortim de Massangano, na margem direita do Cuanza, onde já noutros tempos Paulo Dias de Novais estivera cercado.

Massangano é um dêstes pontos que figuram em todos os acontecimentos de interêsse geral de um país, servindo de teatro forçado nas lutas que resolvem do seu destino. A situação de Massangano é realmente excepcional, pois se encontra, em relação a Loanda, coberto pelos rios Cuanza e Lucala, em cuja confluência se acha colocado.

A retirada foi cheia de peripécias e asperezas. No recontro de Namboangongo, Morales cai prisioneiro. O perigo origina actos de abnegação: de Quilunda para Massangano, Francisco Mendes e seus escravos carregam com os soldados feridos, prestes a caírem nas mãos do inimigo.

Contra os foragidos de Massangano estão levantados, procurando impedir-lhes o livre curso do Cuanza, os sobas da Quissama, Gunga, Songa, Canunga-Cacuva, Catenga e Caquibela!

Pedro Barreiros, capitão do Cuanza, guerreia os sobas rebelados, limpando o rio e impedindo o envio de mantimentos aos holandeses. No rio navegava uma flotilha portuguesa de lanchas ligeiras, para defesa contra os quissamas.

Ajustam-se tréguas em 1643, entre Pedro César e o director de Loanda, em vista das notícias de paz com os Estados Gerais. Pedro César muda o seu arraial para junto do Bengo. Aí foi atacado traiçoeiramente, em 26 de Maio do mesmo

ÁFRICA PORTENTOSA

ano, ficando prisioneiro com Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha e mortos alguns capitães.

Pedro César é conduzido para os cárceres de Loanda; os arraiais do outeiro do Gango e do Bengo são destruídos.

Em Muxima, a jusante de Massangano, Pedro Barreiros defende-se valorosamente; um navio holandês que acometeu a foz do Cuanza foi rendido pela flotilha de lanchas portuguesas.

A-pesar de o governador ter caído nas mãos dos holandeses, a resistência continua. Em Massangano é eleito António de Abreu Miranda que, estipulando novas tréguas com os holandeses, alcança habilidosamente a libertação de Pedro César, dos cárceres de Loanda (1644). Êste consegue entrar em lancha a barra do Cuanza e atinge Massangano, onde reassume o govêrno.

Morales, já libertado pelas tréguas estabelecidas, subjuga a região do Libolo (1645) e o Bailundo, avassalando-lhe os sobas.

Todavia a resistência torna-se sobreumana, porque a situação é dia a dia mais difícil. A única saída para o mar, que se oferece aos refugiados dos fortes marginaes do Cuanza, visto que a bôca do rio estava fechada pelo forte do Norte, ocupado pelos holandeses, é a pequena enseada da foz do rio Suto, junto do cabo Ledo. Por ali esperavam receber salvação.

Benguela tinha caído também nas mãos dos holandeses.

Em 26 de Julho de 1645, chega ao pôrto de Quicombo, vindo do Rio de Janeiro, Francisco de Sotto Maior, que recebera ordem de socorrer Angola.

Encontra-se aí com António Gomes de Gouveia, com António Teixeira de Mendonça, capitão-mór de Benguela, com Duarte Lemos e alguma infantaria, trazidos em Junho, de Benguela, numa caravela, por Bartolomeu Pais de Bulhão. Todos se dirigiam a Massangano.

Gouveia conduz a armada à enseada de Suto e daí leva Sotto Maior ao último reduto português.

Ao encontro do novo governador viera de Massangano, por ordem de Pedro César, através da Quissama revoltada, Pedro Barreiros que, vencendo todos os perigos e obstáculos, ajuda a comboiar com seus escravos as munições e a artilharia.

Pedro César regressa ao Brasil nos mesmos barcos.

Não parava a actividade dos portugueses encurralados: Gaspar Borges Madureira guerreia entretanto a rainha Ginga, que nos atacara, derrotando-a e aprisionando-lhe a irmã D. Bárbara (Janeiro de 1646). Em Março os holandeses quebram inesperadamente as tréguas, tomando um patacho português e matando o seu capitão, Gaspar Gonçalves.

Em face desta falsidade, o governador Sotto Maior proclama solenemente a guerra contra os

ÁFRICA PORTENTOSA

holandeses. Estava porém em preparativos para ela, em Maio de 1646, quando uma febre maligna o matou em Massangano.

Por outro lado os holandeses vão subindo o Cuanza e com 300 brancos e muita guerra preta atacam o pôsto de Muxima, comandado por Pedro Barreiros.

Para remediar a desgraça da morte de Sotto Maior, é eleita uma junta de três capitães, António Teixeira de Mendonça, João Zuzarte de Andrade e Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha.

Na ausência de Pedro Barreiros, capitão de Muxima, chamado pelos três governadores a Massangano, ficou a comandar o presídio Estevam Lopes, quo agüentou um novo assalto. De Massangano acode à pressa Barreiros, para reassumir o comando. Onze dias durou o cêrco, até que Morales avançou de Massangano e, encontrando o inimigo com três baterias instaladas contra o fortim, forçou a passagem do Cuanza, salvou o presídio e afugentou o inimigo.

Afim de evitar o ataque a Massangano, os refugiados transferiram o arraial para um sítio da margem do Lucala, chamado Cavala. O arraial porém foi desbaratado pelos holandeses, morrendo muita infantaria.

Os portugueses acolhem-se a Massangano, que é na verdade o último reduto dessa resistência quási inútil. Morales, que, em vista dos seus altos feitos, fôra nomeado sargento-mór, desenvolve

uma actividade prodigiosa, para melhorar as fortificações.

Estamos em Agosto de 1648. Faz sete anos que os portuguezes retiraram de Loanda e se abrigaram nas margens do Cuanza. Desligados do país, isolados numa resistência feroz, pouco mais longe poderão levar o seu esforço, perdendo-se para sempre e anònimamente as canseiras, o sangue vertido, a obra realizada quási por instinto, na antevisão de um futuro mais largo.

II

D. João IV, por carta régia de 20 de Setembro de 1647, confiou a Salvador Correia de Sá e Benevides, almirante do mar do sul, general e cabo das frotas do Brasil, a reconquista de Angola.

Desde 1612, em que iniciara a carreira das armas, fôra a vida dêste portuguez illustre uma afirmação constante de bravura e audácia. Nas campanhas contra os índios, no comando de combóios de navios para Lisboa, quando o Atlântico era cruzado por armadas holandesas, no recontro do Espírito Santo, na tomada da Baía, na rebelião dos calequins do Rio da Prata, na resolução das desinteligências entre jesuitas e paulistas, ou ainda como

A F R I C A P O R T E N T O S A

capitão general do Rio de Janeiro, pode dizer-se que não teve descanso a sua inquieta actividade, sòmente movida por uma ardente ambição de glória.

A-pesar de cumulado de honrarias pelos govêrnos espanhóis, quando foram recebidas de Lisboa as notícias da revolução restauradora e o capitão-general D. Jorge de Mascarenhas proclamou a independência, logo Salvador Correia dera o seu apoio desassombrado e pronto, passando a servir a nova situação com a maior lealdade.

Nomeado em 1644 general da frota que devia escoltar a Lisboa os navios brasileiros, defendendo-os de espanhóis e holandeses, foi-lhe também dada por D. João IV autorização para explorar as minas da área da sua jurisdição. Salvador Correia porém só ambicionava continuar a sua vida de marinheiro aventureiro; na primeira viagem para Lisboa apoia de caminho a insurreição de Pernambuco.

Encarregado da restauração de Angola, regressa ao Rio de Janeiro com sete navios e, apelando para o patriotismo e interêsse dos habitantes, consegue dotar a esquadra do necessário para tão arrojada emprêsa. Da Baía tinham vindo para se lhe juntar cinco embarcações da armada real.

A 12 de Maio de 1648, a esquadra, formada de 12 naus, com 1200 homens de guerra, levando como almirante Baltazar da Costa de Abreu, levantou ferro do Rio de Janeiro.

Como porém houvesse pazes com a Holanda, necessário se tornava mascarar a acção sob um pretexto que não despertasse a atenção dos holandeses.

O fim aparente da expedição era construir um forte em Quicombo, ao norte de Benguela, para estabelecer as necessárias ligações com os portugueses internados nas margens do Cuanza.

No princípio de Agôsto, com a costa de Angola à vista, abaixo do referido pôrto, desencadeou-se sobre a armada um grande temporal, no qual sossobrou o galeão do almirante, morrendo êste e trezentos homens da melhor gente da armada. Os restantes navios sofreram também com a tempestade.

Salvador Correia tentou cumprir à letra as ordens reais, desembarcando em Quicombo e seguindo dali por terra para Massangano. Mas as tripulações manifestaram-se contrariamente, desejando que a acção se dirigisse directamente sobre Loanda, para se assenhorearem em primeiro lugar da capital. Na sua concepção simplista, a tripulação via claro: Loanda era a chave de Angola.

Reunido o conselho dos capitães, assentou-se neste último plano, ao qual Salvador Correia anuiu, lavrando-se a acta do conselho em tal conformidade.

Entrada a barra da Corimba, na manhã de 12 de Agosto, fundeou a esquadra no pôrto de Loanda, por cima do forte do Penedo.

ÁFRICA PORTENTOSA

Logo no mesmo dia foram a terra dois emissários, o capitão Álvaro de Moraes e o capitão Rubi, comunicar ao comandante da praça as intenções da armada, baseadas nas violências que, apesar da paz, haviam sido praticadas contra os portugueses internados no Cuanza.

Ao pedido de oito dias de demora, feito pelos holandeses na mira de concentrarem em Loanda as suas tropas espalhadas pelo interior, responderam os emissários que apenas poderiam conceder três dias, pois as tropas da armada vinham ansiosas por desembarcar e combater.

Esgotado o praso estipulado, os mesmos emissários foram de novo a terra para tomar conhecimento das resoluções dos ocupantes da cidade. Foi-lhes respondido que estavam dispostos a bater-se.

Em face de tais informações, dado um tiro de peça como sinal, começou o desembarque.

Aproximaram-se de terra dois patachos, para onde foi passada a infantaria, a qual, pondo o pé em terra, galgou com rapidez a ravina até à planura alta.

A artilharia holandesa do morro de S. Paulo rompeu logo o fogo contra as tropas portuguesas, que se organizavam para a marcha de aproximação, dispondo-se numa formação de grande frente e reduzida profundidade. Assim dispostas, as forças avançaram até perto do convento de S. José dos Terceiros, Franciscanos, onde fizeram alto

a-fim de se disporem para o assalto à cidade, tendo as patrulhas portuguesas feito ainda nesse dia o reconhecimento dos entrincheiramentos provisórios construídos pelos holandeses.

As tropas de ataque dividiram-se: duas companhias de assalto, comandadas pelos capitães Francisco Vaz Aranha e Manuel Dias; a reserva conduzida pelo próprio Salvador Correia.

Na manhã seguinte, dia 15 de Agôsto, os portugueses marcharam contra as linhas de trincheiras avançadas e, repelindo as fôrças negras que os holandeses haviam lançado para a frente, escalaram as próprias fortificações improvisadas. Levados na sua frente, os holandeses repellidos recolheram-se ao morro de S. Paulo.

O tiroteio dos nossos mosqueteiros desmoralizara o inimigo neste primeiro e duro recontro, do qual resultou a posse das casas da cidade, incluindo a habitação do Governador holandês, imediatamente reocupada pelos padres jesuitas, que começaram festejando a vitória dos portugueses com animados repiques de sinos. Os holandeses ocupavam agora sòmente a fortaleza de Santo António, a do morro de S. Paulo e a de Nossa Senhora da Guia.

Salvador Correia mandou então avançar o capitão Manuel Dias, com a sua companhia, de assalto ao forte de Santo António. A tomada do fortim, bem artelhado e municiado, defendido por um fôssô profundo sôbre o qual descia uma ponte

A F R I C A P O R T E N T O S A

levadiça, causou bastantes baixas aos portugueses. A coberto das ruínas das casas derrubadas pela artilharia, avançaram os mosqueteiros dirigidos pelo próprio capitão; e, quando os holandeses viram a decisão do ataque, encravaram a artilharia do forte e começaram a lançar-se abaixo dos muros para os lados da Praia Grande, procurando ganhar os fortes de S. Paulo e da Guia.

Assim foi tomado o fortim de Santo António.

Acção de maior monta ia ser porém a tomada da cidadela de S. Paulo, colocada a cavaleiro da cidade e donde, desde o dia anterior, quando as nossas tropas se formavam para o avanço, a artilharia não deixara um instante de fazer fogo. A própria cidade estava sendo muito danificada pelas bombardas do forte.

Salvador Correia mandou montar uma bateria, com peças vindas dos galeões, junto da igreja matriz, para contrabater a artilharia holandesa, conseguindo assim alvejar eficazmente o recinto interior da fortaleza, enquanto preparava a avançada geral.

Tomou o comando das tropas de assalto o sargento-mór Diogo Coelho de Albuquerque, que as dividiu em quatro troços destinados a um ataque simultâneo. Êle próprio acompanharia a coluna comandada pelo capitão António da Fonseca Dornelas, que havia de dirigir-se à Praia Grande, descendo pelo forte de Santo António já conquistado e subindo depois pela rampa que ligava o forte

da Senhora da Guia com o Morro; a segunda coluna avançaria directamente da Matriz; a terceira seguiria pela Praia do Bispo; finalmente o quarto trôço, comandado por João Sarmenho, faria um ataque demonstrativo, em chalupas e batéis, pelo lado do mar.

O alarme foi dado por uma sentinela holandesa, que despertou a atenção dos defensores. Logo rompeu um intenso fogo de artilharia, razão por que se precipitou o assalto, acontecendo que o trôço partido da Matriz se encontrou mais cedo com o inimigo, sofrendo rudemente a acção da sua metralha e perdendo-se assim o efeito da simultaneidade projectada para o ataque. A falta de ligação entre as várias fracções atacantes, tanto mais que operavam de noite, esteve a ponto de prejudicar completamente o resultado final da acção.

Efectivamente o inimigo, usando de artifícios iluminantes, conseguiu verificar a marcha destacada das colunas, desorganizando-as uma por uma sob o seu fogo, à medida que se iam aproximando.

De nada valeram assim os factos isolados de valentia, pois soldados houve que chegaram a escalar os muros da fortaleza, de onde foram desamparadamente precipitados pelos holandeses. O successo da acção que, como sempre, dependia da simultaneidade dos ataques e da estreita ligação das colunas assaltantes, tinha ficado compro-

ÁFRICA PORTENTOSA

metido, chegando a estar em risco o resultado da emprêsa, que tanto esfôrço e tenacidade havia custado já. A falta de direcção ou a impaciência das colunas mais próximas do Morro, que não souberam, em face do fogo inesperado da artilharia inimiga, demorar a marcha de forma a dar tempo que chegasse a coluna da Praia Grande, iam deitando tudo a perder.

Quando amanheceu verificou-se que havia muita gente morta e ferida, entre a qual alguns oficiais. Um grande abatimento parecia tomar as fôrças assaltantes.

Esse abatimento, porém, não roçou o ânimo firme de Salvador Correia, que mandou prosseguir activamente o bombardeamento contra a fortaleza do Morro, avivando o fogo das nossas baterias, enquanto preparava apressadamente o segundo assalto, a efectuar em pleno dia.

Assim se procedia, quando, inesperadamente, no morro de S. Paulo, se ergueu uma bandeira branca.

Suspenderam de súbito o tiro as nossas baterias. Um parlamentar avançou à fala dos sitiados e trocaram-se refens. Começou sem demora a conferência para a rendição.

Os holandeses saíram do forte "com tôda a honra e decôro, com gente formada, bandeiras tendidas, corda acesa, bala em bôca, ao toque de suas caixas e clarins", entre alas das nossas tropas, direitos à praia, onde foram desarmados, embarcando em direcção ao Brasil.

Reconquistada Loanda, ou melhor ainda, tomada a fortaleza do morro de S. Paulo — actualmente de S. Miguel, por Salvador Correia lhe ter mudado o nome em honra do Arcanjo, a que votara a sua audaciosa empreza — reconquistada Loanda, a Província de Angola veio immediatamente às nossas mãos. As fortalezas da barra do Cuanza, da ilha do Ensandeira e da barra do Bengo foram entregues pelo próprio tratado de rendição; Benguela rendeu-se à intimativa de dois navios ali mandados por Salvador Correia; as feitorias de Benguela Velha, Luango e Pinda (Zaire) foram ocupadas pelos portugueses. Foram submetidos, a seguir, o rei do Congo, a rainha Ginga e os sobas da Quissama e do Libolo.

Angola estava libertada: o esforço dos bravos de Massangano não se perdera e o socorro da Pátria libertada chegara por fim àqueles que por ela haviam lutado com denodo e fé.

VII

O PADRE ANTUNES

À MEMÓRIA DO AVIADOR ANTÔNIO
DA CUNHA E ALMEIDA

FRANÇOIS Coppée, quando, ferido pela *Dor Bem-dita*, se reentrega nos braços do catolicismo, recorda comovido a cerimónia da despedida de um grupo de missionários prestes a partirem para a África. Abatidos e silenciosos, escutam estes na capela a voz do superior, que, num tom emocionante, lhes repete o *adeus*, o adeus terrível, dirigido a homens que vão enterrar-se vivos e para sempre fugir do convívio dos outros homens! Os amigos e a família passam pelos novos missionários, beijando-lhes o rosto e os pés.

Ao ler o capítulo dos *Missionários* na obra dolorosa do poeta doente, sente-se atravessar na alma um calafrio de morte, essa gelada tentação que é o fundamento de todo o catolicismo. E, olhando para dentro do coração, tão sujo de paixões e tão roído de desenganos, sentimos que real-

mente a atitude em que a humanidade deve colocar-se, perante esses homens admiráveis, é a de beijar-lhes os pés, numa profunda compunção de dôr e de respeito.

O nome do padre José Maria Antunes, primeiro superior das missões da Huíla, soa ainda em todo o sul de Angola como tendo pertencido a um dos barões assinalados de maior poder sôbre a alma dêste povo. A sua glória é a mais alta de tôdas as glórias terrenas e por isso empana a fama dos guerreiros e dos organizadores que por aqui mourejaram. Pela bondade, pela suprema dedicação, pelo viril empenho com que se entregou à sua obra de apóstolo, pressente-se a sua imagem no coração e encontram-se bênçãos ao seu nome nos lábios de tôda a gente. Bela glória a dêste homem que, não tendo causado dôr a ninguém, apenas minorou sofrimentos, curou chagas, concertou desesperos e resgatou escravidões!

Durante vinte e três anos a existência dêste português ilustre gastou-se sem repouso pelos sertões do Sul, no empenho de dilatar a sua fé, criando e radicando uma obra larga que ainda hoje, terminada a pacificação dêstes imensos territórios, se faz sentir benêficamente e se afirma como o mais eficaz factor de civilização a que o génio da raça deu amparo para elevação do negro. Que o resto, o empenho do colono na apropriação da terra ou a

ÁFRICA PORTENTOSA

braveza do guerreiro no esmagamento das resistências, tudo podia encobrir uma mal contida cubiça, um desígnio de posse inferior e terreno. Mas o sentimento que guiou os passos do missionário era tão desligado de ambições, tão desinteressado e tão ingênuo, que nos leva a acreditar que a obra da África, fundada no princípio de que o negro deve ser considerado a dentro da humanidade, só a êle poderia ser confiada.

Para evangelizar é preciso ter a alma escudada numa fé superior, que nós, os racionalistas, voluptuosamente destruímos dentro do nosso coração, mas pela qual, é forçoso confessar, o homem chega facilmente à abnegação estoica e ao esquecimento de si próprio. A maior parte dos heróis atinge a prática das acções grandes, pela exacerbação do seu orgulho, pela hipertrofia da sua personalidade. Tirai-lhes as recompensas imediatas, tirai-lhes o público em cuja imaginação se sintam agasalhados, e vê-los heis tombados sem consolação.

A fôrça dos missionários está pelo contrário no anulamento crescente de si próprios. O êxito do esforço da sua inteligência, das vitórias da sua vontade, funda-se na glória ou no proveito de um organismo superior de que todos são células humildes, soldados apagados, prontos a cada momento ao sacrifício da existência, que é, perante a natureza, o maior de todos os sacrifícios. O indivíduo humilde anula-se a favor da colectividade,

que nós considerâmos poderosa e ávida de mando. E porque as milícias católicas da África podiam usar como os Templários o dístico — *Non nobis, Domine, sed nomini tuo da gloriam* —; e como, por outro lado, pelo anulamento da sua vontade individual, levado ao maior excesso, podiam igualmente trazer escrito no peito — *Perinde ac cadaver* — nós, na desconfiança de que os missionários sejam a guarda avançada da gigantesca fôrça que durante séculos abafou soturna e sangrentamente a potência do espírito nacional, olhamos a sua presença com uma mal contida reserva de receio e temor.

Abstraindo porém do que possa estar por detrás dêsses pobres obreiros e analisando-os separadamente no seu trabalho de formigas operosas, a nossa admiração não pode afastar-se dêles e o nosso reconhecimento deve pertencer-lhes sem reserva.

Desde que em 1491 os dominicanos começaram a missionar no Congo, que soma de esforços quebrados de insucessos e desalentos, para a evangelização da África, precedendo as mais das vezes o militar, avançando para o negro sem outro escudo além da paciência e da tenacidade, baseando a sua obra em bondade e em amor! Nesta cruzada teimosa, as ordens religiosas sucederam-se ininterruptamente: logo vêm os padres de S. João Evan-

A F R I C A P O R T E N T O S A

gelista, depois os carmelitas, os franciscanos, os capuchinhos, os barbadinhos e por fim, em 1865, os padres do Espírito Santo, que hoje têm as suas missões espalhadas por todo o território da Província.

Em 5 de Março de 1878, partia de Londres em direcção ao Cabo o missionário do Espírito Santo, padre Charles Duparquet. Tendo explorado o interior da África do Sul, decidiu fixar-se na Damaralândia, onde fundou uma missão em Omaruru. Visitou os sobados da Donga e do Cuanhama, estudando as possibilidades do estabelecimento de novas missões.

Já desde 1866 o nome dêste ardente missionário era conhecido no distrito de Mossâmedes, onde estivera como pároco de Capangombe, tendo então subido à exploração do Planalto da serra da Chela. Mas a presença de um congreganista estrangeiro alarmara a opinião liberal portuguesa. Apalpada a susceptibilidade nacional, excitada pelas perturbações que à vida do país sempre trouxera a presença das congregações religiosas, o padre Duparquet compreende a impossibilidade de continuar a sua acção missionária. Só a missionários portugueses poderia ser confiada essa tarefa de abnegação.

Duparquet embarca para Portugal e consegue fundar em Santarém a chamada *Casa do Congo*, para recrutamento e educação dos futuros missionários portugueses. Tumou a direcção dessa casa

o padre suíço doutor Eigenmann. Mas logo em 1870 era a casa transferida para Gibraltar, em face de uma nova recrudescência de anticlericalismo, e o padre Duparquet partia desalentado, para Zanzibar, onde a congregação do Espírito Santo tinha estabelecido uma missão junto do sultão da ilha.

Passados dois anos, Duparquet, que se achava convalescendo em França, seguiu para o Congo, onde se manteve até 1876, data em que foi chamado a França para tentar o estabelecimento de missões no Cabo, para onde partiu, como vimos, em Março de 1878.

Em 1880 viajava na Cimbebasia, atingindo as margens do Cunene, e aí estabeleceu contacto com alguns *funantes* portugueses de Mossâmedes.

A nossa influência estendia-se simplesmente até ao Humbe e todo o comércio se fazia pela linha do Caculovar com Mossâmedes.

De regresso do Ovampo a Omaruru, teve conhecimento das disposições acolhedoras do governo português para com as missões católicas, em face da invasão das missões protestantes. Marchou imediatamente para o Cabo, a enviar um relatório dos seus planos ao ministério da Marinha, e nesse mesmo ano seguiu apressadamente para Portugal, a-fim de aproveitar a oportunidade favorável. Efectivamente o ministro Júlio de Vilhena achava-se disposto a permitir a entrada dos padres do Espírito Santo em Angola, sob condição de ser português o superior das suas missões. A 28 de

ÁFRICA PORTENTOSA

Julho de 1878 foi assinada uma ordenança régia nomeando pároco da Huíla o padre José Maria Antunes, antigo aluno da *Casa do Congo*, que acompanhara esta na sua retirada para Gibraltar e concluíra os seus estudos em França.

A 5 de Outubro de 1881 embarca em Lisboa a primeira leva de pessoal para a futura missão da Huíla, constituída pelos padres Wunemberger, Duparquet e Antunes. Êste tinha então 25 anos!

Há no livro de J. Pereira do Nascimento, *O Distrito de Mossâmedes*, um retrato do padre Antunes, de cuja contemplação ressalta quanto de viva inteligência, de firme decisão e de nobre bondade existe na alma dêsse homem superior. Aquela máscara não mente: a longa barba escura, na qual se afunda um bigode forte, transmite-lhe ao rosto o ar másculo que compõe a fisionomia de todo o missionário; uns óculos claros protegem-lhe as órbitas fundas, dentro das quais se alojam dois olhos tristes e quási severos; o cabelo liso, levemente apartado, enquadra uma fronte recta e alta, imagem exterior de um recto espírito e de uma alta mentalidade. E as vestes, escorregando em ladeira dos ombros, levemente pregueadas, dão à figura uma nobilíssima aparência de sobriedade moral.

Assim simples e sereno, sob aquele hábito frio, está um coração forte. O fogacho da fé, êsse arde em cima, no cérebro, vivo, ardente e palpitante como uma labareda!

Destas linhas exteriores, em que nada há de ascético, mas das quais, pelo contrário, se desprende uma forte aparência de calma equilibrada, adquirida certamente pela educação positiva que torna o missionário um vencedor no contacto directo com as realidades da natureza, destas linhas exteriores nasce uma gravidade superior, pela qual conquista o respeito dos brancos e a supersticiosa veneração dos negros.

Inspira amor só quem possui em excesso êsse sentimento: o missionário gera em volta de si uma atmosfera de viril humanitarismo, na qual o branco penetra com prazer e à qual o negro se acolhe com a certeza de protecção.

Os nobres pioneiros são recebidos carinhosamente em Loanda e vêem pelas autoridades secundados os seus desígnios. Cá de longe o problema religioso é olhado, por crentes e não crentes, com uma larga tolerância e todos conhecem que a grande questão da civilização africana consiste em levar o negro lentamente e sem brutalidade à prática do trabalho.

Concedido o terreno necessário à fundação da nova missão, que havia de ser a *missão mãe* de tôdas as casas do Espírito Santo no sul de Angola, os missionários põem-se em marcha. O terreno escolhido ficava no vale da Mucha, na bacia do Lupolo, perto da sede do concelho da Huíla,

A F R I C A P O R T E N T O S A

onde, num grande cercado de alto arvoredos, estava estabelecida a embala do soba da Huíla, ser inofensivo que apenas se afirmava pela embriaguez.

A colonização branca no vale do Lupolo achava-se num momento de relativo desfôgo. Vencidas as primeiras contrariedades para a obtenção definitiva do terreno, de que os boers eram detentores, começou a construção da procuradoria e de um colégio. Em fins de 1882 já a missão recebia o bispo D. José Sebastião Neto, que para ali transferira o seminário de Loanda.

E, agora começa, depois de demovidas as terríveis dificuldades do início, uma actividade febril: em 1883 faz-se o edifício para o seminário e em 1884, conseguidos recursos, as construções alargam-se e a missão engrandece-se. Os educandos são comprados aos negociantes de escravos.

No ano seguinte estala a revolta no Humbe e o padre Antunes acompanha como capelão a coluna do capitão Chaves, procurando salvar a missão que ali fôra fundada pelo padre Duparquet e em cuja defesa o padre Wunemberger obrara prodígios de valor.

Enquanto na Huíla se iniciava o movimento de propaganda, os missionários do Humbe haviam fundado no Cuanhama uma nova missão. Mas o gentio, agitado durante o interregno da morte do soba Nampaddi à sucessão do Eyulo, atacou-a e chacinou os seus missionários, padre Delpueche e os irmãos Lúcio e Gerard.

Há um momento de recuo. A missão do Humbe retira, na impossibilidade de se agüentar no seio de um gentio cioso de independência.

Mas nem por isso a obra se interrompe. Em 1887 chegam à Huíla as irmãs de S. José de Cluny, para educação das raparigas negras.

Nesta data a acção missionária estendia-se à maior parte da província. Nela exercia o apostolado o padre António Barrozo, que depois foi bispo do Pôrto, em S. Salvador do Congo; o padre José Maria Folga, em Santo António do Zaire; missionários da Índia, em Massangano, Novo Redondo, Zenza do Golungo, ilha de Loanda e Benguela; e, finalmente, os missionários da Huíla.

Tendo embarcado para a Europa, deixa o padre Antunes a sua missão entregue ao padre Roll. De regresso vai iniciar uma larga acção, fundando desde logo a missão do Jau, território de gentio irrequieto e insubmisso.

A fome de 1890 chama às missões o gentio miserável. O número de educandos cresce. É necessário criar novos núcleos de evangelização, para recolher todos os negros que procuram o agasalho e o pão das missões.

Por isso, em 1892 o padre Antunes funda a missão do Chivinguiro e depois, ano a ano, a sua obra estende-se animosamente e a sua actividade multiplica-se num prodígio admirável: em 1893 estabelece a missão da Quiita, em 1894 a dos Gambos, em 1898 a do Munhino!

ÁFRICA PORTENTOSA

Mas os seus passos não se circunscrevem à Huila, onde faz explorações ao longo do Cunene, do Humbe ao Capelongo, no Jau e nos Gambos. Em 1899 visita as missões de Malange, fazendo uma viagem à Lunda.

Novamente segue para a Europa, de onde regressa em 1901, e finalmente em 1904 é chamado de vez a Portugal para assumir o cargo de Provincial das casas do Espírito Santo.

Tinha chegado rapaz ainda e aqui consumiu a quadra mais fecunda da vida. Ao regressar ia um homem a declinar para a velhice, mas no pleno desenvolvimento do carácter e da inteligência. O que a sua alma possuía de energia dera-o inteiramente à causa da civilização africana, deixando atrás de si uma obra que para sempre lhe havia de perpetuar o nome glorioso. E, ao voltar as costas a esta África absorvente que nos conquista no mais profundo do nosso ser, êsse homem illustre, êsse colosso de probidade moral, certamente sentiu a mais intensa comoção da sua vida, plena de obras e ilustrada pela mais alta de tôdas as abnegações. Para trás ficava uma região imensa onde exercera a mais invejável de tôdas as suzeranias, uma magestade espiritual que não tem igual nos vãos poderes da terra; para trás ficava a sua doce Huila, cujo nome, por sua coadjuvação, se estendera de um lugarejo modesto a um território igual ao de Portugal; para trás ficava a *missão mãe*, à qual o seu nome se ligara indissolúvel-

mente, e tôdas as outras missões, filhas do seu esforço e do seu nunca desvairado intento de civilização; para trás ficavam imponderavelmente e irremediavelmente os anos, o tempo, a vida, que nunca, nunca mais voltariam!

Mas a obra ficava de pé, intacta, organizada, dotada de uma vitalidade imortal!

Há homens para quem a vida termina com a morte. Outros prolongam a sua existência através do tempo, indefinidamente, porque sôbre a sua obra, material ou moral, se hão-de construir novas obras, ainda e sempre, num largo vôo de eternidade. Êstes são os heróis e os Santos. Os primeiros julgam a humanidade nascida para se lhes sacrificar; os segundos julgam-se nascidos para a ela se sacrificarem. Ambos são apontados pela história como valores indispensáveis à marcha do mundo. Simplesmente, como, em última análise, a marcha do mundo é paralela ao abrandamento do coração humano, os primeiros teem de ser muitas vezes considerados como valores negativos e os segundos, mesmo quando tomados de místicos desvairamentos, contam sempre pelo seu esforço e pelo seu amor. Os heróis, as mais das vezes, são factores de dôr; os santos estão permanentemente em guerra aberta com as dôres do mundo.

E, como hoje e naturalmente por todo o sempre,

ÁFRICA PORTENTOSA

a humanidade se debate em sofrimento, ao fazermos a divinização dos heróis, é indispensável não deixar de dar aos santos o lugar a que teem direito nesta epopeia de dôr que foi a penetração do branco nas terras agrestes da África portentosa.

VIII

DA SERRA AO MAR

AO CAPITÃO JOSÉ JÚLIO CASTRO E SILVA

O CAMINHO de carro boer que ligava o Planalto a Mossâmedes, transpondo a Chela e atravessando o deserto, era lançado sôbre a portela da Quilemba, uma das poucas passagens que oferece a cumiada da serrania.

Os grandes carrões que, enquanto o deserto não foi atravessado pela linha férrea, iam buscar mercadorias a Mossâmedes para as centenas de europeus que viviam alcandorados no cimo da cordilheira, tinham de carregar ao anoitecer para, no dia seguinte, antes do sol nado, abalarem.

A carga nunca ia além de duas toneladas, porque o gado, tendo de sofrer durante o caminho sêdes horríveis, não podia dispende senão uma minguada energia, esgotado quási pela luta com o meio hostil em que o forçavam a viver. Era rara a viagem em que a estrada não ficava baliçada pelas carcaças dos bois, tombados pela sêde

ou pela baceira, sôbre as quais os felinos dos areais avançavam numa disputa enraivecida.

De considerar era pois essa rude jornada e nunca o colono carreiro, por mais endurecido nas lides do sertão, a ela se abalançava sem rectificar o funcionamento da sua Martini, sem calafetar minuciosamente os pequenos barris de água e, sem, pelo menos em pensamento, se prometer a Nossa Senhora, não fôsse o diabo, pela miséria de umas gotas de azeite, deitar-lhe a perder a alma, o carrão e os bois!... É que no áspero caminho estavam à sua espera tôdas as provações, desde a fadiga, à sêde, à febre, à ameaça da vida, escondidas por detrás das moutas escuras do mato!

E assim, era noite velha ainda, e já em volta do criado preto os bois da espana, esmoendo o capim, se ajuntavam em círculo, de cabeça baixa, mansos como cordeiros, recebendo as cangas aos pares e enfileirando-se pouco a pouco ao longo da corrente.

Na casa da granja via-se luz brilhando nas frinchas dos postigos. Depois a porta abria-se e o colono surgia em plena claridade. Pequeno, grosso, esbranquiçado, ocultava, na sua figura de exterior indolente, uma resistência de ferro.

Trocou em quimbundo algumas palavras com os negros do carro. Estava tudo pronto: era só dar o estalido com o chicote e a longa atrelagem das dez juntãs arrastaria pelo caminho pedregoso.

A F R I C A P O R T E N T O S A

A mulher veio de dentro açodada para dar o adeus ao marido. Súbito, um grito selvagem fendeu a noite e os bois da espana, esticando os membros contra o solo, fizeram rolar o carrão pesado.

À frente o *candeeiro* dirigia a marcha, levando à soga a última junta; à manivela traseira ia o *preto do travão*; e o colono, de chicote alçado, comandava a espana longa, falando aos bois pelos seus nomes boers.

Recebidos os passageiros e as malas, o carreiro impulsionava a marcha para aproveitar o frescor matutino e assim conseguir dos bois uma étape mais fácil, de modo a poder desatrelar às 9 horas no rio de Numpaca.

Aí se descansaria e faria o almôço, enquanto os bois, sob a vigilância do preto do travão, pastassem em paz.

Na povoação adormecida nem viva alma a pé! Os carros iam-se juntando um a um, formando combóio longo, pois nunca ao deserto se aventurava um só carreiro. Às vezes chegavam a reunir-se dez carros, ocupando em fila sôbre o caminho a extensão de quási um quilómetro.

Os cães ladravam à passagem da ruidosa caravana e, na frescura da manhã, agora que o cacimbo caía de noite em gotas grossas, da estrada não se erguia um grão de poeira.

Logo ao saír do povo, o caminho descia para o rio da Mapunda, trepando a seguir, em ladeira íngreme, até ao alto do horizonte, de onde se per-

dia de vista o Lubango. Uma penumbra doce envolvia ainda todo o vale. E então o colono, enquanto a espana passava resfolegando, voltava-se e procurava instintivamente a sua casita na extensão verde.

— Raio de vida! Sempre o pão *havera* de ser regado de suor e mastigado com o travo da amargura!

Estas abaladas já lhe custavam de morte, não só pelo esforço dispendido, como também pela ausência da família, à qual a sua índole pacífica e doméstica o prendia cada vez mais... E, para afugentar a dor com o ruído da própria voz, volteava o chicote no ar e gritava num rouquido de incitamento:

— *Bokveld, Bokveld!*

Na manhã serena aumentava a claridade. Os animais, distendidos e de pescoço alongado, levavam de vencida a ladeira. Na corrente de ferro, retesada pelo esforço das cangas, somava-se o vigor muscular dos vinte bois.

Já de si o pêso era de respeito, quanto mais para bois alimentados a capim, dormindo em *sambos* descobertos, atolados em lama até aos joelhos! Se fôssem como os bois de Portugal, tratados a ração, deitados em bons leitos de feno, amantados logo que do pêlo lhes fugia um sôpro de suor, animais de luxo, aos quais o bico da aguilhada mal roçava a pele sensível!

Aqui o chicote, aos estalos, como tiros de pis-

ÁFRICA PORTENTOSA

tola, fazia vergões no corpo e rasgava as orelhas de-lés-a-lés! Quando vibrava no ar, a espana inteira cerrava os olhos, encolhia-se e arrancava à uma, no receio de que a pita passasse, como golpe de fogo, pelo ventre ou pelas pernas. E, depois de um esforço de horas, quando finalmente o libertavam da *brocha* que lhe abarcava o pescoço, o pobre animal, se queria comer, tinha de rapar as duras ervas que rompiam de entre os pedregulhos, pois ninguém lhe punha à mão as magras forragens.

Feita a subida, o terreno tornava-se plano até ao rio de Numpaca, onde os carros paravam, mais adiante ou mais atrás, conforme a abundância do capim.

Claro: nesta vida de carreiro, que haja pelo menos boa manutenção! E é por isso que o candeiro já abalou à procura de lenha para preparar o almôço. Não falta a batata farinhenta, o arroz, a massa, o pão torrado, a que sempre vem juntar-se ave de pena ou quarto de cabrito, pois o colono, cansado de palmilhar e de gritar, é biqueiro e de bons aprezigos! E demais, lá para diante, no deserto, as necessidades chegarão, não há que apressar...

Os passageiros arranchavam, e, sentados no chão, em volta de um caixote, cada um esvaziava lentamente a sua pratada de cogulo. Para estas ocasiões solenes o carreiro tinha sempre umas sentenças fundamentais àcêrca de cada prato. Ce-

lebrava-se o dedo culinário do candeeiro e sempre havia um que contava a sua história ou dizia a sua chalaça.

A seguir à comida procurava-se uma boa sombra para repousar. Estava o sol no pino. Pelas árvores o ruído das cigarras vibrava intensamente. E, a-pesar da acumulação de gente e animais, um sossêgo largo ia pouco a pouco caíndo sôbre o mato, ainda formado pela flora planáltica, de árvores de copa larga, abertas como guarda-sóis.

Às duas horas o acampamento levanta. O preto do travão, que acumula com as funções de pastor, está atrelando o gado. Um a um os carros põem-se em marcha. Agora o caminho sobe até à Natunda. A paisagem muda, porque o arvoredado é já diferente, tomando de momento a momento o aspecto hostil da vegetação africana. Começa a aparecer o imbondeiro com os seus frutos pendentes e o tronco de casca lisa, o mu-tiati cobrindo o terreno arenoso e, a perder de vista, o espinheiro prolongando-se até ao horizonte.

Agora que o caminho é descendente, a marcha acelera-se. Ao comêço da tarde o combóio de carros deve estar no rio do Caniço onde acampará para passar a noite. Já está vencida a portela da serra e por isso, até entrar no deserto,

A F R I C A P O R T E N T O S A

a marcha, mais ou menos sinuosa, será feita sempre a descer, pela vertente irregular da serra.

O bom clima do Planalto mudou. Agora é África verdadeira. O calor aperta e as feras não faltam, pois, desde a Natunda até à Pedra Major, o leão abunda, aparecendo aos grupos, atraído pelo cheiro do gado das atrelagens.

Os carros, ao atingirem o local do acampamento, entram em linha. E, como são ainda horas de o gado aproveitar algum pasto, pelo mato espalham-se os bois levados pelos pastores, enquanto, junto de cada carro, as fogueiras se acendem para o jantar.

Uma animação grande desperta o mato: a vozearia dos brancos dando ordens, o ruído do corte da lenha, o chalar dos negros que transportam a água.

A luz tomba. Os bois, atrelados de novo para passarem a noite, estão agora deitados aos pares ao longo da corrente, ruminando em silêncio. Lá à frente, no tôpo, ficam isolados os lumes dos candeeiros.

Em volta das fogueiras desenham-se duramente as silhuetas dos homens. As conversas vão esmorecendo e, após o trago de aguardente de cana, cada um procura ageitar o corpo, ou no taboleiro do carro sob o tôlido largo, ou ainda no chão, enrolado no mantão da Serra, à margem da fogueira protectora. O rafeiro, de ouvido à escuta e faro esperto, parece adivinhar na espessura da noite

ameaças iminentes e, por vezes, da sua garganta saem uivos surdos. O colono ergue a cabeça de entre o cobertor, apalpa o delgado da Martini, fica um momento à escuta e, de novo, tudo cai num silêncio largo, um silêncio infinito que se estende até à multidão de estrelas semeadas no céu.

Os pretos sofrem rudemente com o frio. Envolto nos farrapos das mantas, curvados em volta do lume, são vultos tiritantes, duramente iluminados pelas claridades mordentes do fogo. Ao terror das feras e da noite, aninhado no cérebro de todo o homem, junta-se o martírio do frio. Para tudo porém o fogo bem-dito é remédio. E por isso o negro, nas noites infindas, acorçado, de olhos fitos nas brasas da fogueira, em adoração muda, espera ansiosamente que no horizonte surjam as primeiras claridades dêsse outro fogo santo que aquece a Terra e da sua superfície afugenta definitivamente as trevas ameaçadoras.

Uma névoa ligeira erguia-se da superfície da água. As fogueiras extinguíam-se. No meio da carga de um dos carrões cantou um galo cristalinamente. Era a manhã que rompia com o seu concerto ruidoso: já a passarada, as toutinegras, os galos do mato e as capotas faziam pela espessura uma gralhada diabólica.

Era a hora de abalar, não só para evitar o ardor do sol, mas porque de manhãzinha as cabras

ÁFRICA PORTENTOSA

andam levantadas e os carreiros também sentem a tentação de *fazer o gosto ao dedo*, mandando a sua chumbada sôbre os ruminantes que passam ao alcance. E, de mais, sempre calha ter carne fresca para a viagem.

Tomado o *mata-bicho*, a companha põe-se em marcha. Os carros entram a um de fundo e os bois recomeçam a marcha sob um chuvaire de chicotadas e gritos de incitamento.

Por alturas do Cairite o sol rompe no oriente. A sua primeira luz é fria e pálida, porque o sol sobe acima do horizonte em refração como um globo enorme e alaranjado. A sua ascensão é rápida e os seus raios, logo que o diâmetro do sol se reduz, começam de morder quais dardos de fogo.

Vai o caminho a descer. Para a esquerda fica a serra densamente arborizada. Se não fôsem as irregularidades e os pedregulhos do caminho, esta marcha da manhã pouco teria de penosa, porque o esforço necessário para arrastar o carrão é quasi nulo.

No Mondongo há boa água e os pretos teem arimos de massango, verde e alto, com seus penachos já frutificados, de onde fogem, como chamuscas douradas, os cardiais.

Já desde o rio do Caniço se vê o morro cónico do Tolundo, êsse pico singular, apontando isoladamente para o céu e que se vai sempre avistando, serra abaixo, qual marco gigantesco que ti-

vesse sido intencionalmente ali colocado para servir de guia ao viandante.

A pousada será no Caongo, onde os carros devem chegar ainda de dia. Por isso a coluna, efectuado o descanso das horas ardentes, vai em marcha desembaraçada, pelas faldas da serra de Cairite.

Como o caminho desce, os carros vão levados quási pela fôrça do seu pêso, e, a não ser a junta do couce que agüenta o impulso e tenteia o *cabeçalho*, pode dizer-se que os restantes bois em nada contribuem para o movimento. Então o preto do travão desempenha o papel de maior responsabilidade, abrandando ou apertando a manivela, de forma a ajustar oportunamente a *sapata* sôbre a roda. O candeeiro trota à frente dos bois, e tôdo o trabalho do carreiro consiste agora em levar a espana bem ordenada de modo que as juntas não se precipitem umas sôbre as outras.

É insuportável então a trepidação do carro. Por vezes o taboleiro, quando as rodas galgam os pedregulhos do caminho, cái súbitamente, com um fracasso ruidoso. Em vão o passageiro tenta equilibrar-se fixando-se às pegas da *almofada*: o remédio é descer a pé a ladeira. O próprio carreiro o aconselha. E, enquanto a companha marcha a pé, o colono que, como os velhos almocreves, é silencioso e sombrio, quando se sente rodeado, gosta de dar à taramela, contando casos passados.

— Uma vez, iam num carro boer um oficial e a esposa, com dois filhinhos, pelo mato fora. Que

ÁFRICA PORTENTOSA

o grande mal é adormecer... E vai a senhora, que ia sentada à frente, deixa-se dormir, tomba do carro, e uma roda passa-lhe em cheio por cima do corpo! Dali a morta pouco tempo levou. E, como estavam longe de vila e termo, o pobre official teve de fazer de coveiro e de enterrar a mulher à margem do caminho, em pleno sertão...

A marcha ia alongada e rápida. Os carreiros queriam chegar cedo ao acampamento, para darem uma vista de olhos às ferragens dos carros.

Efectivamente, ainda havia sol, quando, feita a *Descida do Arroz* e atingido o local do acampamento, foi libertado o gado das cangas, partindo em busca de pastagem.

Súbito, uma hora não era passada — estavam os passageiros preparando os caixotes para a mesa do jantar — quando o gado reentrou no acampamento, em fuga desorientada e logo atrás os pretos com o terror estampado nos olhos:

— *Kurica, kurica!*

Ao grito alarmante corresponde uma enorme confusão. Os carreiros lançam mão das espingardas, os passageiros procuram refúgio nos carros, os negros, escoando-se como animais tímidos, ocultam o corpo onde podem. Instintivamente o gado agrupa-se, como se encontrasse junto do homem a protecção que o perigo lhe aconselha. Nem os rafeiros se aventuram a soltar um ladrido: de cauda entre as pernas, refugiam-se sob o carro.

Segue-se um silêncio impressionante, após o

qual a serenidade reentra no ânimo dos homens duros a quem o mato foi pouco a pouco ensinando as decisões dos grandes momentos.

— Vamos a atrelar o gado! Vamos a atrelar!

E, como se esta inspiração surgisse em todos os cérebros simultâneamente, brancos e negros se empenham em jungir os bois às cangas, em preparar as atrelagens para abalar o mais breve possível. Os candeeiros porém estão transidos de pavôr: o leão havia aparecido para os lados da estrada de marcha. E êles bem sabiam que nada modificaria a decisão firme dos carreiros, coléricos e despóticos nas ocasiões do perigo. Pobres candeeiros, sòsinhos à frente da espana longa!...

Então ouviram-se as primeiras vozes do leão, uns roncoss surdos e como que soprados, seguindo-se quási sem intervalo. Houve uma pausa de silêncio. E logo um rugido brutal, indescritível, pareceu abrir o ar e a própria terra!

Um intenso pavôr imobilizou tôda a gente. Sòmente o gado irrequieto parecia querer romper as correntes. O momento era de perigo verdadeiro. Um grito soou:

— *Bokveld! Bokveld!*

Estalam os chicotes. O mêdo disciplina tôda a gente e os bois avançam ao trote. Sôbre os carros, de pé, vai gente de espingardas aperradas.

— Pr'á frente!

O gado não precisa incitamento. Parece perceber que na fuga está a sua salvação.

ÁFRICA PORTENTOSA

Quando, de repente, ao dobrar uma moita do caminho, um leão surge em pé, de fauces abertas e garras avançadas sôbre um boi do carro fronteiro. Nem um segundo de hesitação: um tiro parte, o leão ferido solta um rugido formidável, vai lançar-se ainda sôbre a prêsa, quando de sôbre o carro lhe é dirigido um novo tiro que o prostra no chão.

Os carreiros acodem, de espingardas engatilhadas, prontos a disparar. Ainda o leão tem estremecimentos de vida; de quando em quando, uma cólera bravia agita-lhe o corpo. Mas da bôca corre-lhe uma fonte de sangue. O seu olhar tornou-se de uma meiguice vaga, da garganta saíu-lhe um rouquido de dôr. O corpo distendeu-se pouco a pouco e morreu.

Em África os rios mudam de nome conforme a altura do seu curso. Êste, junto ao qual os carros pararam, chama-se nas cabeceiras *Rio dos Burros* e, alguns quilómetros mais abaixo, *Rio da Areia*. O primeiro nome vem, segundo a tradição, de ter um homenzinho, que se dirigia do Planalto a Mossâmedes, perdido uns burros naquela altura; o segundo deriva da grande quantidade de areia que lhe enche o leito. Efectivamente, agora nesta época, já a água desapareceu e o leito é apenas marcado pela faixa arenosa que ficou das enxurradas. Todavia, cavando, encontra-se água a pequena profundidade e em abundância.

Não falta capim e verdura. A paisagem é luxuriante, verdadeiramente africana. Há serras de todos os lados. A caça grossa é abundante. A étape pequena permite sortidas de caça aos olongos, palancas e zêbras, que à tarde se mostram em manadas.

Aproxima-se a verdadeira região de *serra abaixo*, de clima mortal e fertilidade maravilhosa, formando os vales da Bibala e do Bentiaba, onde o algodão e o café se acham no seu perfeito meio. Todos os detritos da serra, a crosta arável arrancada às suas vertentes pelas enxurradas, veem depositar-se em nateiros fertilíssimos, nestas primeiras planuras onde a água precipitada da serra se demora e descansa. E, a par da água abundante, o calor repuxa os vegetais dando-lhes proporções gigantescas, em harmonia com o magestoso cenário da natureza circundante.

Nas primeiras horas do quinto dia de marcha, os carros atingem os afluentes mais altos do rio Muninho, por cujo vale se fez a penetração lenta dos portugueses, quer direitos à bacia do Lubango, pela Quilemba, quer direitos ao planalto da Humpata, pelo Bruco.

Pouco depois o caminho cruzava com o próprio rio, antes da Garganta Grande, à qual, de aí a hora e meia, se seguia a Garganta Pequena, ambas formadas pela Chela e pela serra de Gandarengo.

ÁFRICA PORTENTOSA

O rio, cujas margens são ricas de arvoredos, de capins e mato, é abundante em peixe; e por isso os carros, ao atingi-lo novamente depois da Garganta Pequena, paravam para fazer a pescaria, que havia de dar cozinhado para o jantar.

Novamente em marcha, passava-se junto da fazenda *Assunção* e ia-se acampar no *Salgado*, lugar onde a água evaporada deixava depósitos salinos de que era necessário desviar o gado.

A terra vai mudando. Já se caminha em planície e por isso os *treks* são maiores. Para sudeste continuam os múltiplos socacos da cordilheira, onde se destaca, como acidente dominante, o *Môrro Maluco*. Mas pressente-se que a vida se mantém agarrada ao rio Muninho, deixando para um e outro lado, mas sobretudo para oeste, uma longa faixa de terra desértica e arenosa.

Continuam ainda o imbondeiro, o mutiati e o espinheiro como últimas manifestações da vida vegetal, até que mesmo êstes desapareçam e a terra se apresente completamente nua. Também a vida animal vai rareando.

No dia seguinte, ao cair da tarde, a caravana passa junto da fazenda do Zé Luís, conhecida de quanto branco andava aventurado nesta longa e penosa peregrinação da serra ao mar, pois nunca um branco passou perto dela que não tomasse o gosto às suas deliciosas laranjas e à sua afamada hortaliça. Apesar de a cultura principal da fazenda ser de cana de açúcar para extracção de

aguardente, que era exportada para o Planalto, não faltava ali nada que fôsse necessário para bem receber qualquer branco de qualidade: o velho Zé Luís, regedor do Muninho, conhecia as regras da hospitalidade e gostava de matar a sua solidão, conversando com quem soubesse dizer duas palavras de seguida. Viera do Brasil ainda novo e para o Muninho transplantara os hábitos das roças brasileiras com suas liberalidades e grandezas. Á testa de um bando de escravos disciplinados, a sua figura, de grande barba branca, impunha-se com uma gravidade patriarcal.

Logo à frente, a cêrca de dois quilómetros, junto da fazenda do Vital, era o acampamento, onde o gado encontrava pasto e água em abundância. Aí se descansava um dia, na proximidade da gente das fazendas, como que para tomar o fôlego necessário ao desumano esforço a que todos iam ser obrigados nos dias seguintes. Sem um repouso o gado não resistiria, tais as necessidades que d'ora-à-vante ia sofrer através do deserto. Para a frente era preciso transportar a erva para os bois e a água, parte da qual ficaria guardada na pousada da Pedra Grande para ser consumida no regresso!

Do Vital à Pedra Grande o terreno subia e por isso o *Môrro Maluco* parecia mais baixo lá ao longe. Para a esquerda ficava a fazenda do Nestor José da Costa, afamado caçador de leões, homem de largas cavalarias, génio e coragem, capaz de afrontar todos os perigos do mato, quer êles vies-

ÁFRICA PORTENTOSA

sem das feras quer dos homens. Alto, de grandes barbas castanhas, avermelhado e de olhos azuis, bebendo e praguejando, punha-se à testa dos seus serviçais e levava a guerra até lá para o cimo da serra, batendo os *muilas* do Planalto. O seu nome era um pregão de terror e a fama das suas façanhas corria por todo o Sul. Com êle estiveram ainda Capêlo e Ivens antes de subirem a Chela, contando no livro *De Angola à Contra-Costa* algumas das suas proezas de caça.

Daqui em diante as étapes são longas e feitas em marchas forçadas. O gado dá tôda a sua energia. O unico fito é marchar, marchar, o mais rapidamente, para atravessar a fornalha do deserto. Nada se encontra: os accidentes do terreno são as pedras: a Pedra da Providência, a Pedra Grande, a Pedra Pequena, a Pedra Major! De resto é a areia, a areia infinita, onde rastejam as *welwitchias*, diante da qual os olhos se encerram irresistivelmente, deslumbrados de tanta luz! Não há que procurar outra coisa.

Através da planície rasa os carrões em fila avançam silenciosamente, sufocado o gado pela sede e pelo pó. Para um e outro lado estende-se o chão despido, onde, a lembrar a vida intensa dos outros lugares felizes, um arremêdo de arbusto, torturado e contorcido, mal agüenta a sua existência precária! Também os seres desapareceram: sòmente, às vezes, grupos de aves minúsculas correm desorientadas em busca de sombra ou de água.

Silenciosamente os carros avançam. O gado arqueja, de língua pendente, a cabeça baixa, a respiração ofegante. A dois passos, o horizonte parece fechar-se em barra esfogueada duma opacidade espessa de incêndio. Pedregulhos solitários e enegrecidos espalham-se sinistramente pelo deserto.

Não há brados de incitamento. O flagelo da sede emudece tôdas as vozes; a tristeza da paisagem trágica penetra tôdas as almas. À medida que o sol vai subindo — o sol verdadeiramente é uma chuva de luz e raios esbrazeados — à medida que o sol vai subindo, as sombras diminuem e as coisas tomam aspectos inesperados, anulado o relêvo pela desapareição dos contrastes.

Ao meio-dia,— porque é impossível aventurar mais um passo — pára-se junto da *Pedra da Providência*. O seu nome resume a sua história: alguns colonos vindos de Pernambuco meteram-se ao deserto, a caminho do Bumbo, mas os guias pretos abandonaram-nos no caminho e os pobres, já perdidos de sede e de cansaço, quási resignados à morte, encontraram salvação na água retida nas cavidades dessa pedra!

O gado come algum capim transportado nos carros. São distribuídas magras rações de água e alimento ao pessoal. Todos anseiam porém por sair depressa da fornalha em que estão mergulhados. A comida não corre na garganta e todo o organismo grita de sede. A aspiração da água torna-se quási em delírio, em alucinação dolorosa.

ÁFRICA PORTENTOSA

Não se sente outra necessidade, está anulada a própria fome. Água! água! é o grito de tôdas as células e os lábios, inconscientemente, como se o murmúrio da própria palavra oferecesse refrigério, repetem-na em silêncio, sòmente para o cérebro ouvir, sòmente para enganar o organismo estonteado!

E êsse tormento dura dois longos dias! No primeiro vai-se dormir à Pedra Grande, onde um cabo e alguns soldados indígenas estão de guarda à água das chuvas acumulada nos depósitos praticados na própria pedra.

Como quási sempre entre os passageiros há militares, o cabo desfaz-se em amabilidades e conta as notícias que lhe chegam de Mossâmedes. E à noite, enquanto o calor irradia do solo, naquele ponto maldito da terra, algumas almas estão reünidas a falar do mundo, a falar da vida! As palavras teem uma significação particular pela irrealidade torturante das coisas circundantes. Parece que a solidão abafa a alegria e que apenas os episódios dessa luta lancinante com o deserto interessam às imaginações.

— Uma vez, conta o cabo, no pino do calor, cheguei à porta por acaso e, que havia de eu ver? Um homem a cambalear, pálido como a morte, trazendo à rédea um boi-cavalo. Vinha quási morto de sede, de fome e de cansaço. Vou ao seu encontro, amparo-o, recolho-o aqui no casebre, dou-lhe água aos poucos com receio de que me morra se o deixo

beber quanto queria, e, depois de descansar e comer alguma coisa, conta-me a sua história. Vivia no Planalto, mas, pouco a pouco, foi-o tomando a saúde de Portugal. E, como não tivesse meios para mais, comprou um boi de sela, e, sòzinho, meteu-se ao caminho que mal conhecia! Andou, andou; por fim êle e o boi eram duas sombras perdidas... Se a Pedra Grande fôsse um quilómetro mais longe, nem a alma se lhe aproveitava!...

De então em diante as raras euforbiáceas e espinheiros que cresciam nas ravinas pedregosas desaparecem e sôbre a terra, cada vez mais plana e mais arenosa, brotam sòmente pequenos tufo de ervagens rasteiras, espécie de carapinha filamentosa que nem chega a pôr no chão uma linha de sombra. Êstes vegetais, pela sua conformação estranha, fazem pensar que a vida submarina existente nesta terra, quando ela era ainda fundo do mar, se amoldou à existência aérea, deformando-se ainda mais. E daí nasce o irreal aspecto que a miséria vegetal transmite a esta paisagem de pesadêlo.

De quando em quando encontram-se ossadas de bois escalonadas pelo caminho. É a documentação dos mil esforços iguais aos que os carreiros vão praticando.

Sôbretudo depois do descanso, os bois que se agüentavam ainda de pé enquanto eram atrelados,

A F R I C A P O R T E N T O S A

ao romper a marcha ajoelhavam no chão, mortos pela baceira! Metia-se em substituição o gado de reserva e a marcha prosseguia através da atmosfera de fogo!

Em geral êsse descanso era dado na Pedra Major. Daí o caminho começava a ser descendente. Uma aragem parecia vir do lado do mar, soprando a princípio como lufadas de lume e depois tornando-se mais persistente e mais fresca. Era como uma esperança deliciosa...

A descida tornava-se cada vez mais rápida. Um acidente novo vinha modificar inteiramente o aspecto do solo: caminhava-se para o vale do rio Giraul, sêco à data, mas em cujo leito havia a certeza de encontrar água, na *cacimba* praticada de propósito para os viandantes.

O terreno, de plano que era, escalvado agora em ravinas profundas, praticadas nas camadas espessas de gneiss e de grés, parecia revolvido por uma luta de gigantes, patenteando à vista as entranhas da terra, remexidas ao longo da trincheira formidável que o rio abriu a caminho do mar.

Dentro em pouco a própria estrada desaparecia, reduzida a dois sulcos praticados no extenso areal Binga. Uma hora sôbre a areia desagregada em que as rodas dos carros se afundavam e os membros dos pobres animais exaustos não encontravam o apoio necessário à marcha!

O acampamento era finalmente à beira do rio, junto de umas fazendas de cana de açúcar e algodão.

Quando a noite descia, sôbre animais e homens vinha pousar uma nuvem de mosquitos enormes, avermelhados, que deixavam os bois a escorrer em sangue. Ao flagelo da sede, seguia-se agora o do sono, permanentemente interrompido pelas ferroadas dolorosas dos furiosos dipteros. E logo de manhã, quando os mosquitos afugentados pela luz iam permitir um mingüado repouso, era necessário erguer e caminhar!

Sempre deserto: nem uma pedra se encontra para alterar a monotonia da areia. O caminho sobe um pouco. Pressente-se claramente o bafo do mar.

É certo que o deserto continua, aumentado até em aridez e inospitalidade. Mas qualquer coisa nova anima os viandantes. O seu tormento está prestes a terminar. O terreno continua movimentado, mas sempre de areia até ao horizonte!

E de repente, ao atingir o lugar chamado pelos carreiros *Boa Vista*, o mar desdobra-se lá à frente, esverdeado, anilado, encantador; e os olhos, ardidos de sol e de pó, deteem-se nêle, repousando, como se a sua superfície constituísse um deleitoso remanso. Mossâmedes, aconchegada num ângulo da enorme baía, aparece também lá em baixo, garrida e clara. Já se avista conjuntamente a verdura das *Hortas* na margem do rio Bero, antes do qual fica o forte de Quipola, destinado a defender a vila dos ataques da gente do *Nano*, que chegou até ao mar com as suas razias.

A F R I C A P O R T E N T O S A

O rio Bero também se chama *Rio dos Mortos*, lembrando o assassinio por parte do gentio de dois oficiais da fragata *Loanda*, que em 1785 procedia ao reconhecimento da *Angra do Negro*, o primitivo nome da Baía de Mossâmedes. Os dois oficiais haviam desembarcado e, tendo-se internado, entretinham-se, conforme dizem os velhos relatórios, a queimar as cubatas dos miseráveis negros que habitavam junto do rio e que, revoltados contra a rude diversão dos brancos, se vingaram tirando-lhes a vida.

Os carros acampavam no lugar da *Aguada*. No próprio dia da chegada os carreiros iam a Mossâmedes entregar as cartas que traziam do Planalto, contratar a carga de retôrno e fazer as compras para si e para as tendas do Lubango. Bons tempos aquêles! Com vinte mil réis podia-se comprar uma arroba de açúcar, outra de arroz, uma caixa de sabão, uma mala de peixe, um saco de sal, um quilo de café, dez tostões de pão, toucinho e chouriço!

Depois, no dia seguinte, os carros entravam na vila, puxados a quatro juntas, para distribuírem a carga e carregarem novamente.

Entretanto o gado descansava da viagem. Os bois não pareciam os mesmos: eram esqueletos em pé, emurchecidos e tristes. E, como estavam a alimentar-se ainda do capim transportado do Mu-

ninho, que ía acabando, forçoso era regressar, mettendo-se de novo ao deserto nu e ardente! Era uma lufa-lufa apressada a dêsses dias passados à vista do mar, por onde vinha à colonia incipiente do Planalto a torrente da vida, tal qual como se êsse núcleo humano fôsse um órgão longínquo, a que debilmente chegassem as pulsações do coração central, lá longe, afastado numa ponta da Europa, avançada sôbre o mar.

A marcha ia recommençar. Novamente a sêde, novamente o calor e o pó, novamente o caminho balizado de esqueletos sinistros!

— Raio de vida! praguejava o carreiro. Sempre o pão *havera* de ser regado de suor e mastigado com o travo da amargura!

X

MONGUA

À memória do tenente Álvaro Damião Dias, morto à frente dos seus cavaleiros, no combate do dia 18 de Agosto de 1915.

A QUINZE quilómetros a montante do forte de Roçadas fica o vau da Chímua, por onde as tropas da coluna Pereira de Eça, concentradas no Humbe, haviam de penetrar finalmente na região do Cuanhama.

O velho general, que pela figura sêca e hirta fazia lembrar um viso-rei da Índia, tendo aceitado o encargo do comando das fôrças e do govêrno de Angola, tomava sôbre os ombros as maiores e mais assustadoras responsabilidades, porque não só na província a situação era difficílissima desde o insucesso de Naulila, como também porque o comando de tropas numerosas em África constitui uma tormentosa preocupação, chegando o número dos homens só por si a formar uma das primeiras razões de aniquilamento, dada a impossibilidade de os

alimentar, vestir e hospitalizar quando doentes. A têmpera do general ficara definida pelo ânimo e prontidão com que aceitou tamanhas responsabilidades a-pesar-de ter a consciência plena da situação, pois bem sabia da deficiência de elementos com que  a defrontar-se e das resistências que teria de quebrar.

Todo o gentio de Além-Cunene e do Humbe estava em plena rebelião; as tropas enviadas para a Col nia achavam-se dispersas por todo o Sul, no planalto de Benguela e no planalto de Mossâmedes até Gambos, porque são assim dispersas encontravam os meios de viver. Uma extens ssima linha de étapes coalhada de obstáculos e a barreira formidável da serra da Chela dificultando a ligação das tropas com o litoral, tudo isso lhe havia de quebrar por vezes a f bre de actuar fulminantemente, processo tão querido ao seu temperamento rectilíneo.

No litoral de Mossâmedes achava-se o material exposto ao tempo, sem que tivessem sido préviamente preparados os depósitos para o receber. "Nós temos a preocupação das economias, a preocupação de tolher as iniciativas de quem comanda e   responsável". Os soldados haviam sido mandados sem material, sem víveres, sem prévia preparação dos meios de transporte. "Não se quer gastar, mas quando as ocasiões se apresentam críticas, há então o nervosismo, quere-se tudo depressa, sem um plano, sem método, resultando daí fazerem-se despesas improdutivas".

ÁFRICA PORTENTOSA

Quere actuar sem peias, chamando constantemente sôbre si a inteira responsabilidade dos acontecimentos, com a certeza plena de que o seu pulso firme será a determinante mais segura de tudo o que venha a suceder... «Em questões desta natureza tôda a gente apresenta alvitres, todos dão opinião, todos apreciam, todos criticam, mas um só é que é responsável, e êsse um seu eu, que quero assumir a inteira responsabilidade».

Antes de partir, após o estudo aturado da situação, formula o seu plano, que em nada terá de alterar durante a sua execução. Mas quere a situação bem definida e bem definida a esfera da sua acção, porque a sua rectidão severa de soldado não conhece o meio termo e tem horror às subtilidades. Tendo no seu plano formulado a intenção de «fazer face a qualquer nova investida dos alemães, ou mesmo penetrar no seu território vingando o insucesso de Naulila», o govêrno cautelosamente lhe quebra a impetuosidade, permitindo-lhe apenas «fazer face a qualquer incursão no território da Província e defender a sua integridade e a honra nacional».

Tal restrição incomoda-o profundamente. Êle não alcança muito bem, ou antes, à sua consciência de patriota afrontado repugna a nossa indecisa situação. Os especiosos argumentos pelos quais, a-pesar-de termos sido violentamente atacados em Naulila e nos postos marginaes do Cubango, continuávamos na situação de *não beligerantes*, não calavam na sua alma altiva. Que a acção das fôr-

ças alemãs, dizia-se, constituiria um simples incidente de fronteira, sem responsabilidade do govêrno local, nem do govêrno da metrópole alemã... "Tudo isto se apresentava ao meu espírito por uma forma pouco definida e exigia que me indicassem uma *maneira de proceder nítida, clara e franca.*"

Ninguém o esclarece, porque na verdade em todos os espíritos reina a confusão e o receio. Simplesmente o seu ânimo vai possuído de uma alta decisão: "Parti firmemente resolvido a não perder a menor oportunidade de desagrar o mais amplamente possível a honra nacional."

Ocupar o Cuanhama era o objectivo que o govêrno português insistentemente lhe marcava, dando-lhe a entender que deveria desinteressar-se do que se passava na Damaralândia, onde as tropas de Botha se haviam encarregado dos alemães. Mas êle ia firme nos seus intentos: "principalmente castigar a afronta sofrida em Naulila, recebendo condignamente os alemães se êles tornassem ao nosso território, ou passando as nossas tropas a fronteira para os atingir onde mais conviesse."

Já depois de estar em África as insistências continuavam, apontando-lhe como estando no primeiro plano a *questão indígena*. E êle teima sempre, afastando-a para plano secundário, lembrando-se do sangue português vertido, como de uma afronta a vingar inadiavelmente. "Se os alemães vierem pedir a nossa protecção como emigrados ou entregando-se como prisioneiros, hão-de ser

ÁFRICA PORTENTOSA

tratados com a humanidade que é uma característica da nobreza do povo português; se, porém, se apresentarem como inimigos, hei-de recebê-los com a energia devida.»

E nesta intenção, que inteiramente o tomara, sente a pressa de executar, a febre sagrada de bem merecer da pátria, que fôra duramente ferida no seu orgulho. Por isso o seu coração de filho, em face dos entraves que lhe coalham o caminho, sofre dolorosamente, tomado da inquietação febril de ver confiada na sua mão a dignificação do nome de Portugal. «Eu tenho de resolver uma questão de momento, não posso estar à espera do óptimo, não posso estar dependente de opiniões de altos técnicos com o seu estreito ponto de vista.»

As fôrças militares enviadas para a Província estavam distribuídas por Loanda, Benguela, Mossamedes, Lubango, Chibia, Capelongo, Cassinga, Pocolo, Gambos e Forno da Cal. Nunca em Angola se concentrara tamanho poder. Os indígenas diziam aterrados que «havia mais brancos do que folhas nas árvores.» Já no dia 29 de Maio as tropas avançadas do batalhão de marinha, estacionadas em Tchicusso, haviam iniciado as hostilidades, defendendo a missão de Tchipelongo atacada pelo gentio.

A ocupação do Humbe e da Donguena tinha sido feita em princípios de Julho com relativa fa-

cilidade e a seguir haviam começado os trabalhos para a constituição dos 4 destacamentos que iriam operar simultaneamente nas regiões de Além-Cunene. Após êstes preliminares, o general Pereira d'Eça regressou ao Lubango e, quando estava empenhado em quebrar os últimos obstáculos que se opunham ao seguimento das tropas para a zona de operações, uma notícia lhe chegou que o feriu no mais íntimo da sua alma de militar e de português: "Recebi no Lubango o telegrama participando que os alemães da Damaralândia se tinham rendido ao general Botha, e com verdade devo dizer que foi esta a notícia mais desagradável que em tôda a campanha me chegou!"

Restava agora apenas o objectivo por que de Portugal tanto instavam: a *questão indígena*, que só seria resolvida pela subjugação do aguerrido gentio do Cuanhama, onde se haviam ainda refugiado os gentios do Cuamato, Evale, alguns Cuambi e os foragidos do Humbe e da Donguena, que fatalmente haviam de aparecer — uns cem mil aproximadamente — mal os portugueses atravessassem a *borda da terra* do Cuanhama.

Ainda agora a luta foi tenaz. Os elementos materiais e a própria vontade dos homens pareciam querer opor-se aos seus determinados desígnios: os carreiros e os donos dos carros boers eram de uma ganância insaciável; o 2.º esquadrão de dragões, à falta de satisfação das requisições, andava rôto e quási descalço; no hospital de Mossâmedes

ÁFRICA PORTENTOSA

havia 185 doentes, sendo a capacidade para 50; as promessas feitas em Portugal, à cerca do envio dos recursos essenciais, haviam falhado quási completamente.

Mas iam partir. A febre de bem servir quási lhe empanava os olhos, desviando-o das realidades. « No meu dicionário não figura a palavra dificuldades. »

No dia de 12 efectivamente os destacamentos do Cuanhama, do Cuamato e de Naulila seguiam do Humbe aos seus destinos; o destacamento do Evale, tendo-se concentrado no Mulondo, partira em 11.

O general marcha com as tropas do Cuanhama. « O meu dever era expôr-me com as tropas do meu comando e, sobretudo, passar com os meus soldados tôdas as privações que as circunstâncias me forçavam a impôr-lhes. »

As quatro colunas atravessariam o Cunene e avançariam simultâneamente à reocupação de todos os territórios perdidos após Naulila, effectivando conjuntamente a ocupação do Cuanhama, que sempre até então se mantivera insubmisso e onde os alemães fomentavam livremente contra nós uma latente hostilidade, que um dia por ventura lhes havia de servir para satisfação completa dos seus reservados planos.

Ia finalmente tornar-se um facto a ocupação

dêsse lendário Cuanhama, de onde, quási anualmente, na época das colheitas, avançavam sôbre o nosso gentio pacificado as quadrilhas armadas que viviam parasitariamente da rapina do mantimento, do gado e dos homens. O acto último do nosso esforço no Sul de Angola, marcando a nova fase de civilização em que ia entrar a nossa acção administrativa, foi o da conquista do Cuanhama. Depois dêsse momento, a paz reinará completamente em tôda a Província, e lentamente se irá definindo o caminhar progressivo para um fim mais largo.

A obra que vai realizar-se não é sòmente o remédio para a situação humilhante que succedeu ao insucesso de Naulila: será o coroamento final de um esforço de séculos e a conclusão positiva dos compromissos de 1886. O nosso domínio atingirá de facto os limites prescritos pela letra do tratado e desde então em diante a nossa ocupação será efectiva.

A conquista do Cuanhama tornará possível o estabelecimento da administração civil, que é hoje o regimen de tôda a Província. Do sangue vertido resultará uma paz que já vai em dez anos, sem interrupção inquietante, fortalecendo pelo contrário, apesar dos erros e das desinteligências dos brancos, a fidelidade e confiança do gentio para com o nosso poder, de forma a permitir o tranqüilo progresso das povoações e o fomento crescente de todo o nosso território.

Costuma em Portugal haver, para apreciação

A F R I C A P O R T E N T O S A

dêstes factos, um desdém feito de snobismo, mas que é a-final uma crassa manifestação de ignorância e de derrotismo. Ignorância, porque da história colonial há no espírito do português uma vaga idea, confusa e elementar; derrotismo porque sôbre os acontecimentos desenrolados se lança invariavelmente a lama de torpes acusações, tendentes a aumentar a nossa infundada incerteza e o nosso doentio desalento. Sôbre o combate de Naulila criou-se a lenda de que tudo fôra vergonha, fuga e deserção; e a-final Augusto Casimiro, no seu admirável trabalho sôbre *Naulila*, provou claramente que *houve muita honra salva*; sôbre a expedição ao Cuanhama, propalou-se em tôda a parte, andou em tôdas as bôcas que o relatório da campanha se não publicava porque a linguagem do severo general iria denunciar vergonhas desonrosas: e a-final o relatório é de ponta a ponta um hino erguido às virtudes da raça e o velho general, fôrça viva de patriotismo e austeridade, nele confessa desvanecido que « tôdas as unidades cumpriram o seu dever por forma a justificar o grande orgulho que sinto em tê-las comandado », e ainda « que nada tinha amortecido o valor do soldado português e que só tinha de orgulhar-se pela sua attitude em tôdas as situações da dura campanha em que estávamos empenhados. »

Enquanto franceses e ingleses, numa guerra que lhes foi fértil em insucessos, procuraram sempre encobrir as suas vergonhas e misérias, exaltando

até aos céus, com um génio verdadeiramente patriótico, as suas vitórias, nós lançamos indistintamente sôbre tôdas as nossas acções a mesma onda de lama, transformando-as em outras tantas fontes de desalento e de tristeza.

Já Duarte Pacheco se queixava dos « murmuradores, mordedores e maldizentes, ... prasmadores do bem feito, que nenhuma coisa boa sabem fazer. »

O destacamento dirigido pelo general Pereira d'Eça, eixo de todo o movimento, que era constituído por duas baterias de artilharia de campanha, quatro baterias de metralhadoras, dois batalhões de infantaria e dois esquadrões de cavalaria, atingiu o vau da Chimbua no dia 13 de Agosto de 1915. O seu objectivo era a N'giva, capital do Cuanhama.

Como o vau não fôra previamente reconhecido para não denunciar ao inimigo o local da passagem, as tropas tiveram de esperar que nele se fizessem as reparações indispensáveis. O grande areal da margem direita foi coberto com caniços, único material de que se podia lançar mão, e na margem esquerda abriu-se uma rampa de saída. A brigada de condenados trabalhou afanosamente.

Era já noite quando as reparações acabaram e por isso a coluna só no dia seguinte passou o vau, levando três horas e meia a escoar-se, depois de

ÁFRICA PORTENTOSA

enormes esforços para safar os vinte camions e os cento e quarenta carros alentejanos que constituíam a sua impedimenta.

A passagem do rio fez-se sem que o gentio se manifestasse, indo a marcha da coluna nesse dia até à chana das Palmeiras, a sete quilómetros e meio do vau da Chimbua. Uma fôrça de infantaria n.º 19 ocupou o forte Roçadas.

Nos dias seguintes, a marcha em terreno arenoso tornou-se penosa. A brigada de condenados tinha de acudir a cada momento para ajudar a desenterrar os carros e a desobstruir o caminho.

Em plena chana, sob um sol de fogo, de cabeça baixa, a bôca emudecida e todo o organismo numa contenção de resistência, os soldados avançam. A cada passo os pés parecem tornar atrás na areia movediça. À frente dos olhos estendem-se as planuras rasas e nuas, no fim das quais, lá longe, recomeçam as brenhas de espinheiros e as árvores baixas, cheias de sombras enigmáticas, tão próprias para as emboscadas, mas onde a cavalaria se escondeu já audaciosamente. Areia, sempre areia, deixando elevar no ar uma onda de poeira, que já vem lá da frente e que é um flagelo a mais, dificultando a respiração e aumentando a sêde. O sol rebrilha no céu claro como uma explosão estralejante. Não há onde repousar os olhos, detendo-os numa mancha menos vibrante. A atmosfera e o próprio chão relumbram violentamente.

A cavalaria tem marchado sem opposição. Mas as pégadas na areia lá estão, denunciando os espiões que fogem da coluna...

Sucedem-se as chanas infindavelmente: é a chana Garrafa, é a chana do Enforcado... Está-se quási na *borda da terra* do Cuanhama, a meio caminho das cacimbas da Mongua. Silenciosamente, a coluna caminha... Ao cair da noite a cavalaria estacou! Tinha sido descoberto o inimigo. Uma excitação nova despertou as tropas fatigadas. Era mil vezes melhor a luta, do que aquele arrastar horrível do corpo martirizado, do que aquela solidão ameaçadora, que atravessavam há três dias.

Não eram porém horas de tentar combate, a-pesar de as cacimbas estarem a poucos quilómetros. Estabeleceu-se por isso o bivaque, na intenção de avançar logo na manhã seguinte à conquista da água.

Noite de ansiosa expectativa para as tropas que iam receber na manhã seguinte o seu baptismo de fogo! Nas trevas que as cercavam desenhava-se uma rude ameaça. O braço luminoso do projector parecia querer desvendar o mistério da noite. De quando em quando o silêncio era abalado pelo estampido da artilharia e a escuridão rasgada pela projecção rubra das granadas na direcção das cacimbas. E, após o ruído dos tiros, que se apagava reflectindo-se para longe, o quadrado caía em silêncios pesados, levemente interrompidos

ÁFRICA PORTENTOSA

pelo murmúrio das vedetas despertando-se mutuamente. Um frio intensíssimo regelava os ossos. Gôtas de cacimbo tombavam lentamente. Aqui e ali, em volta das fogueiras, acocoravam-se grupos duramente iluminados; os animais presos às cordas de bivaque aconchegavam-se contra o frio. Depois uma nova granada fendia o ar num uivo furioso. E o ar ficava a repercutir a explosão e a vibrar lá para longe indefinidamente.

Fora do quadrado os postos à cossaca velam pela tranqüilidade dos que repousam. Os auxiliares negros, fervilhando em volta do estacionamento, são como larvas rastejando na noite. No céu brilham milhares de estrêlas.

Até que no oriente começa a alvejar uma claridade pálida e as estrêlas vão desaparecendo pouco a pouco. No horizonte pousam névoas húmidas. Em tôdas as coisas, como se tivesse chovido durante a noite, há gotas grossas de cacimbo. O frio parece intensificar-se com a claridade. A vigilância redobra. Já o quadrado começa a despertar, agitando-se aqui e além o formigueiro dos soldados. Por entre o bocado comido à pressa tartamudeiam-se ordens, avivam-se recomendações.

O quadrado, mantendo a disposição em que passara a noite, vai iniciar a marcha para a conquista das cacimbas. Há dentro dêle a agitação própria do momento: atrelam-se as muares, carregam-se os carros, desarmam-se as tendas, os

homens equipam-se. Simplesmente êsse movimento, tantas vezes presenciado nos exercícios, tem agora um objectivo real. *O inimigo*, entidade abstracta que tantas vezes em tempo de paz foi evocado à imaginação do soldado, está ali a dois quilómetros, traçoeiro e vigilante, pronto a saltar como um tigre sôbre a presa receosa.

Já havia surgido o sol há bastante tempo; as tropas aguardavam com uma ansiedade viva a ordem de marcha.

Quando, de repente, o quadrado foi alvejado por uma certa fuzilaria. Protegidos pelos morros de salalé e escondidos com o arvoredado, os negros haviam avançado até perto do quadrado, varejando-o vivamente, tentando as suas tradicionais operações de envolvimento.

Num instante a artilharia rompe o fogo conjuntamente com as metralhadoras, a defesa organiza-se, as descargas de infantaria, passada a primeira excitação, regularizam-se, acalmam-se. As tropas, à excepção da marinha, que já havia combatido na defesa da missão de Tchipelongo, recebem o seu baptismo de fogo serenamente, em pé.

Desde então, sofrida a primeira prova, a coluna criara alma, fundira-se, transformara-se num organismo vivo... Tão vivo que até já derramara o seu sangue. Alguns portugueses, dos de mais alto espírito e nobre coração, dão nesse instante o seu quinhão de sacrifício pelo interesse e glória do seu

ÁFRICA PORTENTOSA

país, uns feridos rudemente, outros tombados de vez neste solo árido e impiedoso!

Há actos impressionantes de bravura e serenidade: o sargento porta-bandeira da marinha passeia tranqüilamente o estandarte desfraldado ao longo da linha de fogo, como que a mostrá-lo aos bravos marujos empenhados na luta!

Após duas horas e meia de fogo o gentio parece reconhecer a invencibilidade do quadrado. O seu furor abranda.

É o momento da cavalaria. Uma voz de commando vibra no ar enèrgicamente:

— Preparar para montar!

Embora os corações batam no peito nervosamente, nem por isso a manobra é menos pronta.

— A cavalo!

Estão os esquadrões em linha, prontos para saír. Quando a ordem chega, a face da rectaguarda abre-se para lhes dar passagem. Todo o quadrado suspende o fogo, de olhos fitos nos cavaleiros audaciosos.

Os esquadrões passam do passo ao trote, ainda em ordem unida. Depois ouvem-se vozes incitando, as espadas erguem-se no ar, uma gritaria corre pela linha que dispersa. É a carga desorganizadora, que tanto pode ser o último acto victorioso da peleja, como a chacina em regra, visto que a cavalaria, manobrando no campo de tiro do quadrado, quási não pode contar com o apoio dêste.

Mas a carga é a audácia, revelando ascendente moral da parte de quem a pratica, e por isso mesmo, quasi sempre, causadora do terror e da fuga.

Na verdade os negros estão em debandada. Alguns dos nossos ficam para sempre tombados no campo da refrega.

Estão feridos, do combate dêsse dia, o chefe de estado-maior da coluna, o comandante da artilharia, o comandante do trem de combate, dois subalternos da 15.^a indígena, um subalterno do esquadrão de cavalaria n.º 11, e 24 soldados; estão mortos, o alferes Álvaro Damião Dias, da mesma unidade, trucidado pelo inimigo durante a carga, e mais 15 soldados.

Tinha sido uma acção sangrenta. Os cuanhamas, armados durante muito tempo pelos alemães, apresentavam-se com espingardas finas e dotadas de abundantes munições. Já por si êles foram sempre os mais aguerridos negros do Sul de Angola; e os alemães aproveitaram essas qualidades para venderem largamente no Cuanhama armas e munições, mantendo a esperança de encontrar no ímpeto belicoso dessa raça, primeiramente o pretexto para comnosco romperem e depois o apoio que lhes facilitaria a vitória. « Confesso, diz Pereira d'Eça, que não esperava uma tão dura investida do gentio, nem que êste estivesse tão bem armado e municiado. »

Em face da rudeza do ataque e do número avultado de baixas, as tropas entrincheiram-se de

A F R I C A P O R T E N T O S A

baixo de fogo, para passarem a noite no local do combate, reservando para o dia seguinte a avançada sôbre as cacimbas. Ainda uma noite em que o sono repousado não re fará das fadigas e emoções sofridas, os valentes expedicionários portugueses!

Depois de se ter procedido ao enterramento dos mortos e quando se distribuía a primeira refeição, o gentio appareceu, atacando com o mesmo vigor. A sua coragem furiosa impelia-o contra a mole inquebrantável do quadrado. A sua coragem tocava as raias da loucura: houve negros tombados a cinquentá metros da nossa linha de fogo! No fim de algum tempo, o capitão de infantaria João Francisco de Sousa, que comandava a sua companhia na face oeste, foi mortalmente atingido por uma das balas que cruzavam o quadrado em tôdas as direcções.

Depois o ataque afrouxou e, por causa da sede que atormentava homens e animais, foi resolvido avançar para as cacimbas, na esperança de encontrar água. Duas horas levou essa avançada, lutando e marchando, sob o flagelo da sede.

No fim encontrou-se realmente água, que mal chegou para humedecer as bôcas resequidas. E logo todos se votaram indistintamente aos trabalhos de fortificação, na idea de defender o terreno conquistado.

A Mongua é uma pequena elevação a seguir à *chana de Mula*, a um têrço da distância entre o vau da Chimbua e a N'giva, notável pela presença da água em numerosas cacimbas. Ali se havia de travar a peleja mais renhida de tôda a campanha, a última em que a serenidade dos portuguezes seria posta à prova, quebrando definitivamente o poderio do temido Mandume, que a seguir procuraria a protecção das autoridades da Damaralândia, já então pertença da União Sul Africana.

O que foi o combate dêsse dia, começado logo de manhã e mantido durante dez horas conscutivas, só o podem calcular aqueles que à África teem ligada uma parcela da sua vida! O resto dos portuguezes ignora o sacrifício dos seus irmãos, deturpando-lhes a significação, amesquinhando-lhes o valor.

Quando, ao fim dessas horas de sêde e de fogo, o velho general manda saber com quantos cavalos pode contar para precipitar a carga, é-lhe respondido que apenas existem quatro! Mas êle não hesita: manda carregar a própria infantaria, lança sôbre o gentio as duas faces mais ameaçadas, marinha, infantaria 7 e landins! Lá vai à frente, de espada desembainhada, o heróico capitão-tenente Cerqueira; o médico Vasconcelos e Sá acompanha os seus marujos, com quem sempre acamaradara na linha de fogo; o tenente Humberto de Ataíde—essa figura lendária que mais tarde em Moçambique havia de sacrificar a vida à

ÁFRICA PORTENTOSA

limpidez do seu nome — arrasta os landins, caminhando para o seu quinto ferimento!

O ímpeto dos nossos infantes pulveriza a resistência do gentio. Milhares de negros debandam aterrados.

Alguns instantes passados, o general Pereira d'Eça percorre as faces do quadrado, felicitando oficiais e soldados.

Todos se erguem aclamando o velho militar, que nesse momento encarnava não só o sacrossanto país por que lutavam, mas ainda o valor e o sacrifício de quantos ali se achavam entregues, para a vida ou para a morte, na sua mão de ferro!

Triunfo magnífico, o dêsse general que, tendo sofrido com as suas tropas tôdas as privações, após um combate de dez horas, ainda lhes merece o entusiasmo de uma aclamação! A fôrça moral do exemplo ergue os homens à maior altura e nenhuma autoridade existe capaz de ombrear com aquela que é ganha dia a dia, sofrendo as mesmas misérias, afrontando os mesmos perigos que o pobre soldado humildemente sofre e afronta.

Eis os segredos dos grandes chefes que, para conquistarem a alma dos seus homens e arrastá-los atrás de si para a própria morte, nada mais fazem que descer à simples participação das suas dores.

À participação das suas dores, que somadas com preocupações superiores de comando eram

para afundar uma alma dèbilmente temperada! De facto, desde a véspera não chegava ao estacionamento uma única viatura de reabastecimento, uma única estafeta! Informações, prestadas pelos prisioneiros, davam como interrompida a linha de étapes, atacada àquem da Chímbuga! Quere dizer: estavam cortados!

O inimigo, que não conseguira desfazer o quadrado, deixara-o entretanto internar suficientemente e fôra caír sôbre o débil cordão umbilical que o ligava à base de abastecimento, cortando-o com a maior facilidade. Era uma temerosa perspectiva de fome e de luta, para, no fim de todos os esforços, se succeder a chacina em regra, uma vez esgotadas as munições com que poderiam conter em respeito o formigueiro negro espraiado em volta. Se as comunicações continuassem interrompidas, não escaparia um só homem!

Mas os actos valorosos não falham nesta crítica situação!

Em 21 o sargento marinheiro Araújo partira com uma pequena escolta, num automóvel, a caminho da Chímbuga. Dêsse gesto temerário nada resultara, porém, porque ao quadrado não chegara nova alguma; no dia seguinte, o tenente Bento Roma, tendo-se oferecido para tentar o restabelecimento das ligações, partiu com dois automóveis armados de metralhadoras, levando consigo o pedido de socorro. «Há três dias que o destacamento do Cuanhama não recebe coisa alguma da

ÁFRICA PORTENTOSA

rectaguarda. Só temos víveres até àmanhã e já não temos forragens. Munições ainda temos e a água vai dando para o consumo. Em vista da situação aguardamos a chegada dos camions como quem aguarda a salvação.»

Alta noite, enquanto as tropas repousam, num canto do quadrado vão-se reunindo um a um os oficiais da coluna. De que se tratava?

Era o general que queria saber a opinião dos seus oficiais, em face da situação crítica em que se achavam. E ainda então, para confirmar o juízo que formava dos seus subordinados, o parecer do velho militar foi secundado por quasi todos! A fórmula era «saber esperar». O corte das comunicações era seguramente conhecido na rectaguarda. Havia nos flancos três destacamentos, a essa hora sabedores da situação e o socorro pedido chegaria certamente.

Retirar seria caminhar para a morte!

A coluna do Cuamato, que, tendo tido notícia da apertada situação da Mongua, se pusera em marcha, está a caminho do forte Roçadas. São dez horas da manhã. Faz um calor infernal. Os homens, a-pesar de bem dispostos, sofrem horivelmente de sede.

Haviam marchado na véspera desde as sete horas da manhã e durante tôda a noite, impulsionados pelo aguilhão de salvarem os seus irmãos

em perigo. O sagrado empenho que os tomara a todos, desde o comandante ao último dos soldados, sustentara-os durante êsse esforço extraumano. Mas agora, a uma hora do forte Roçadas, o arranco é excessivamente penoso, porque o sol brilha no céu como fogueira estrajelante. É quasi impossível levar mais longe a marcha nesse dia.

Só se podia caminhar com os olhos fechados, mas mesmo assim, através das pálpebras, o clarão coava-se e ia até ao fundo do cérebro, como se fôsse um ferro em brasa perfurando a cabeça. E, a par dêste deslumbramento interior, a sêde redobrava, engrossando a gorja, encortiçando-a, tornando-a espessa; e, a par da sêde torturante, a respiração apressava-se, os pulmões, oprimidos pelo equipamento, esforçavam-se por extraír do ar parado a vitalidade indispensável ao organismo ameaçado!

Homens e animais caminham num silêncio trágico!

Às onze horas a coluna atinge o forte de Roçadas. Ao menos haverá água com fartura, poder-se há contemplar a superfície lisa do rio!

Mas a demora não será grande: passada a hora de maior calor, ao cair da tarde, a coluna recomeçará a marcha, para a continuar sem um momento de descanso, pela noite inteira!

Às 8 da noite foi vadeado o Cunene. Depois os guias perderam a orientação e os homens mar-

A F R I C A P O R T E N T O S A

charam, marcharam, numa contenção que parecia nunca mais acabar, em demanda do vau da Chím-bua. Por fim, exaustos e desesperados, estacionaram.

Lá longe, para lá do rio, os seus irmãos estavam sob a ameaça de um aniquilamento fatal!

Nestas circunstâncias, às vezes, o ânimo de poucos chega para transmitir alma a centenas. O comandante da coluna, o seu chefe de estado-maior e o comandante da cavalaria, continuavam *a querer*. E essas vontades transmitem-se magneticamente a todos os espíritos, numa transfusão milagrosa, arrastando corpos e almas, num prodígio de tensão volitiva. Para a frente, para a frente!

No dia seguinte o vau da Chím-bua foi atravessado às 11 horas. As tropas, que vinham marchando desde o romper da manhã, descansam além rio. Aí se encontram com o tenente Bento Roma, que conseguira transpôr o bloqueio com os seus automóveis e que põe o comandante ao facto da verdadeira situação da Mongua.

Para a frente, para a frente! Os irmãos do Cuanhama só teem víveres escassos para mais dois dias. Se o Mandumbe atacar o quadrado com as suas fôrças numerosas, será o aniquilamento...

Nesse dia a marcha prosseguiu até perto da meia noite, parando sòmente na chana do Enforcado, às portas do Cuanhama. Para a frente, para a frente!

Ah! que em Portugal ninguém sabe, ninguém

quere saber dêste martírio heróico sofrido por portugueses de todos os graus e de todos os cantos do país, que, uma vez reunidos para a execução de uma alta missão, se fundiram num querer único, pondo de parte os seus egoísmos, esquecendo as suas torturas físicas e morais, para caminharem, para se arrastarem, na certeza de encontrar, para além da chana árida, que é uma tormentosa miniatura do deserto, um inimigo traiçoeiro e belicoso, pronto à chacina e ávido de carnagem. Ninguém sabe, ninguém quere saber, como se realmente houvesse dois Portugais, um que se sacrifica, numa sêde ardente de idealismo construtor, outro contaminado de tôdas as verminas dissolventes, afundado numa crassa indiferença de prévia derrota! Mas o soldado não! Dentro de si há princípios de nobreza simples e plebeia, que o levam sempre para o lado do bem. Parece um paciente, de face chupada, coberta de barba, que vai prestes a tombar: já cambaleia, já a luz lhe cega os sentidos. Mas, em silêncio, a sua bôca repete: «Morra um home... morra um home!...» E caminha, a cambalear, caminha, arrastado pela noção do dever, que parece ter sido aberta no seu cérebro por um diamante vivo e transparente. O soldado não foi ainda trabalhado pelas abomináveis ideas da dúvida e do abatimento. Caminha arquejante, arrastando para a frente as pernas doloridas, cheio de sol, cheio de sêde, cheio de fome, mas repetindo em silêncio as

A F R I C A P O R T E N T O S A

palavras redentoras que alicerçam as pátrias, através dos perigos, através dos séculos: «Morra um home e fique a fama!...»

No acampamento das fôrças do Cuanhama reinava um silêncio de profundo abatimento. Há cinco dias que as comunicações estavam interrompidas e as apreensões da fome dominavam todos os espíritos. Aparentemente porém uma grande tranqüilidade pairava por sôbre as tropas adormecidas. Era meia-noite.

De repente, por um dêstes fenómenos inexplicáveis que mesmo durante o sôno fazem comunicar às criaturas as boas novas, o quadrado movimentou-se. Acabava de chegar uma estafeta enviada pelo comandante do destacamento do Cuamato anunciando a sua chegada no dia seguinte até às 15 horas, como escolta de um combóio de camions de reabastecimento!

A notícia espalhara-se como o fogo. Formavam-se grupos comentando alegremente a notícia.

A mutação inesperada tira o sôno a tôda a gente, as imaginações exaltam-se perante aquela audaciosa decisão, perante aquele heróico esforço, realizado por irmãos correndo em socorro de irmãos! Moralmente era um nobre gesto de solidariedade humana; militarmente era uma brilhante operação, pondo à prova tôdas as qualidades de um chefe. Decisão, audácia, amor da responsabi-

lidade, tudo tinha sido empregado para salvação dos dois milhares de portugueses, condenados a uma morte afrontosa, em pleno território inimigo, na aridez duma chana deserta!

O dia surgira já e a hora costumada dos assaltos passara sem que os negros tentassem sôbre o quadrado qualquer demonstração hostil. E o tempo ia correndo numa calma lenta, quando ao longe, para os lados de onde havia de surgir o destacamento de socorro, começaram a ouvir-se tiros de canhão! Era a coluna do Cuamato abrindo caminho a ferro e fogo, para cumprir a sua promessa!

Lentamente, enervantemente, as horas passam. Continua a ouvir-se o canhão! À sede e à fome vem juntar-se a ansiedade. Quási se esquece a rudeza dos próprios padecimentos, dominando o egoísmo pelo desespero de não poder acorrer em socorro daqueles irmãos generosos.

De mãos atrás das costas, a cabeça inclinada para terra, o velho general passeia nervosamente. A cada tiro de canhão detem-se, como que a escutar. Olha o relógio. Passeia de novo.

Que formidável tempestade moral irá na alma férrea do grande militar?

As ansiedades de dois mil e quinhentos homens esfomeados concentram-se no seu coração, como os raios luminosos se concentram no fóco duma lente cristalina.

Agora o canhão calou-se. Mas ouve-se distin-

ÁFRICA PORTENTOSA

tamente a fuzilaria, muito perto, já quasi na bôca da chana. De facto são quasi três horas.

O sol rebrilha luminosamente. O tiroteio parece abrandar. No quadrado está tudo em pé, olhando ansiosamente o ponto de onde deve surgir o destacamento.

Hora sagrada que redime uma Pátria! Quais são maiores: os que marcham abrindo caminho a tiro, em socorro dos irmãos perdidos, ou aqueles que esquecem os seus torturantes males para só pensarem nos que vêm para si?

Já se não ouvem detonações. Terá sido pulverizada a resistência do gentio ou o silêncio corresponderá a um desastre irremediável?

De repente, à bôca da planura, surgiu uma patrulha de cavalaria.

Em plena chana ouviu-se então um brado unísono. Era o quadrado em pêso, saudando, aclamando os irmãos que chegavam!

X

CRÓNICAS AFRICANAS

A MEU IRMÃO JOSÉ LÚCIO SOUZA DIAS

FINS de Setembro. O pão está ceifado e engabelado, alourando ao sol. Trabalha-se afanosamente na prepara da eira, ao centro da qual se perfila o *moirão*, para prender os bois que em volta hão de rodar incansavelmente. A superfície, depois de alizada, recebe uma camada de barro e bosta, e na circunferência coloca-se uma fila de adobes, constituindo as *mestras* da eira.

Está tudo pronto. E é aviar, que já andam pelo céu pequenas nuvens errantes e nada mais natural do que vir por aí alguma borrasca que inutilize tudo num momento!

De manhã, junto da eira, um preto prende com *piarças* as hastes de quatro bois que, embora inteiros, são de mansidão admirável. Êles próprios avançam o pescoço para a canga — simples pau desbastado à moda boer e por cujos buracos passam os quatro *canzís*, que hão de emparelhar os

animais — e de cabeça baixa esperam, ruminando, o comêço do trabalho. À canga vai articular-se a *sola*, haste de madeira que prende e arrasta o *trilho*.

Entretanto outros pretos vão lançando na superfície da eira, até razar as *mestras*, o trigo das gabelas.

— *Renkals! Renkals!* murmura para um boi inquieto o preto carreiro.

Pode começar a faina. Já os brancos vêm do lado da casa mastigando o pão do *mata-bicho* e, parando junto do grande tufo de madre-silva, olham o céu na adivinhação do tempo.

— Não chove; o vento vai limpar tudo... Obé! mete os bois na eira!

Estão postos os trilhos sôbre o pão, as duas juntas colocadas uma após outra, os pretos de forquilhas em punho para chegarem o trigo. Os brancos colocam-se em pé nos trilhos, segurando a piarça longa que vem do chifre exterior do boi da periferia.

— *Renkals, Renkals!*

Começou o trabalho. Pelo pêso e atrito exercidos sôbre as espigas, vão saltando os bagos de trigo, que se acumulam por baixo da palha fôfa no fundo da eira.

Caminham os bois presos ao centro no moirão, descrevendo continuamente os mesmos círculos, moendo a palha que reluz ao sol.

Os brancos falam ao gado, como se êle tives-

ÁFRICA PORTENTOSA

se entendimento, como se êle fôsse muito íntimo na sua vida. Cada animal tem o seu nome boer pois foi dos boers que colonos e pretos aprenderam a grande arte de carreiro. É o *Vit-foot*, o da perna branca, *Dauman*, o mosqueado, *Bokveld*, a cabra branca, *Chielbeck*, o da bôca amarela...

Os brancos equilibram-se aprumados sôbre os trilhos girantes; um preto elegante, pluma de aves-truz no velho chapéu derrubado, patrona de couro na cintura e grande chicote alçado, acompanha de fora, encostando simplesmente a pita do chicote nas ancas dos animais.

O calor vai apertando. O trabalho prossegue em silêncio. Apenas o chocalho de um dos bois tilinta monòtonamente. As forquilhas remexem a palha.

— *Renkals!* Não deixes saír os bois das mestras...

A palha parece gemer sob os trilhos pesados. Em cima dêstes vieram sentar-se também, encantados do movimento, alguns pretos. O esforço dos bois é cada vez maior. O apoio fôfo que encontram os pés é resvaladiço e móvel. À frente dos trilhos a palha acumula-se dificultando o andamento. É o homem que vai em cima que a mete para baixo à fôrça, enterrando-a com a vara...

Há uma pausa para trocar o lugar dos bois.

Novas gabelas entram na eira. Já tôda a palha está esmagada e no ar anda uma poalha miuda que o sol doura e embeleza.

— *Renkals! Renkals!*

De cabeça baixa, a língua pendente, arquejando em fundas inspirações de cansaço, os bois caminham. Na base das orelhas, nas rugas do peito, o suor começa brotando.

Porque será que êstes animais, mais livres nas pastagens imensas, mais entregues aos efeitos da natureza, estão todos domesticados e mansos, nada tendo de comparável à braveza dos touros da Europa?

Já há mais palha moída, mais poeiras louras. De quando em quando uma aragem, que traz do casal o aroma da madre-silva, levanta mais poeirada, envolve o quadro movimentado num esplendor de ouro, em que as figuras se desenhavam com a terna humildade das figuras de Millet. A aliança do boi bravio, do negro da floresta e do branco vindo de muito longe, todos reunidos no trabalho, atinge uma significação sagrada!

Cáem mais gabelas desatadas na eira circular. Os grãos de trigo, insensivelmente, um a um, vão-se juntando por sob a palha moída. O sol rebri-lha intensamente. O seu calor queima.

O velho colono, habituado a calcular em arrôbas o rendimento da colheita, anda sorridente e feliz. À porta de casa, as mãos cruzadas sôbre o ventre, a mulher contempla o trabalho.

Ah! mas êste é feito silenciosamente, sem uma cantiga, sem uma risada, sem um som de viola ou pandeireta. Onde é que ficou, morta e apagada, a alegria dos trabalhos agrícolas de Portugal?

ÁFRICA PORTENTOSA

É que, depois das grandes lutas, dos grandes sofrimentos, os homens emudecem... Aquele homem sêco, que anda de pé no trilho trazeiro e que já é filho da África, conta algumas biliosas, gemidas em leitos sem lençóis. Agora já a vida lhe sorri... Mas a princípio, ah! a princípio, passou as que os cães não querem... Vida de mato, que o próprio nome o diz, *mata* aqueles que se lhe entregam confiadamente.

— *Anau! Anau!*

Parou o trabalho. É meio dia. Os bois largam as cangas e dispersam procurando os magros ramos que já brotam dos troncos. Agora o silêncio é maior, mais largo, nesta hora culminante em que o sol é uma explosão ardente abrindo-se no céu.

Mas dentro em pouco a faina recomeçará, até ao cair da luz, enquanto houver gabelas para *engambar*.

De noite o trigo fica na eira, fora do casal, que aqui ninguém cubiça o alheio, ninguém mancha as mãos roubando o pão do semelhante. Fica na eira o trigo, até que pela manhã o trabalho recomece e durante o dia, aproveitando a aragem que sopra certinha, a palha moída seja atirada ao ar com as forquilhas e arrastada para longe, deixando no chão os grãos mais pesados. Bonito quadro para poetas, lindo quadro este, das palhas louras dansando e rebrilhando no ar e do trigo tombando em monte num recanto da eira!

E no dia seguinte, retirado o trigo — porque está escrito que Deus quando dá pão é para tôdas as criaturas — as rôlas caíram em bando sôbre a eira, para levantarem da mesa santa as migalhas que o homem nela deixou abandonadas.

II

Em Setembro, mesmo antes de caírem no solo pulverulento as primeiras gotas de chuva, começam a romper as folhagens novas pelo mato.

Nesta época acabam as flores em Portugal, as árvores deixam cair as fôlhas que, levadas pelo vento, galopam em redemoinhos girantes pelas estradas fora. e o outono, melancólico e silencioso, prenuncia a grande morte da Natureza.

Aqui, ao contrário, começa nêste mês a sentir-se a ressurreição das seivas. A Natureza revive — eterna Proserpina renascendo em cada ano maravilhosamente — e em tôda a extensão, por onde infinitamente se agrupam as copas escuras do arvoredo, se vão notando tons verdes.

Nos longes, para onde se prolonga a massa ininterrupta dos arbustos e lourejam as clareiras dos restôlhos, como se um pintor andasse lançando fantasiosamente largas pinceladas de verde, a vida vegetal começa a renascer. São as primeiras fôlhas rompendo em tufo do próprio chão. O ca-

ÁFRICA PORTENTOSA

pim ainda não surgiu, pois lançará fora da terra as suas pontitas de esmalte, quando, nos princípios de Outubro, do céu cair, como um miraculoso parto, a chuva bemdita. Efectivamente para que as primeiras lágrimas compadecidas caiam sôbre a terra martirizada de secura, é necessário que os trovões rujam no alto e os fusis rasguem o seio das nuvens violáceas.

Por ora apenas passam, de quando em quando, lufadas quentes que cheiram a água. E os animais inquietos e assedegados, aspirando a brisa húmida, gritam ciosamente. Vai chegar a época da fartura, do mel, dos frutos da floresta, a época da grande vida, a época do amor! E, como se na verdade debaixo da terra, ocultamente, misteriosamente, se operasse uma renovação imensa — aparentemente morta, Proserpina está adormecida nos braços de Plutão — ainda antes das chuvas, os vegetais se enchem de festões de folhagem e nos tufos dos espinheiros se abre docemente a linda flor do minhangôlo!

Com cinco pétalas brancas, levemente rosadas na face inferior, aguçadas, abertas em estrêla, a flor do *minhangôlo*, lembrando a flor do jasmim, é de um aroma doce e penetrante. Dispõem-se as flores em pequeninas umbelas no extremo dos ramos cuja folhagem arredondada é pintada de verde macio. A planta trepa aos tufos dos espinheiros,

atenuando-lhes a aspereza, florindo-os, dando-lhes uma vida que o espinheiro nunca tem.

A flor do minhangôlo é tão pequenina e tão fina, que o mato pela sua beleza mimosa se transforma em paisagem japonesa, cheia de exotismo elegante e singelo; a flor do minhangôlo é tão fortemente aromática, que a gente, quando passa junto de um tufo florido, pára encantada, evocando indecisamente aromas iguais, quadros iguais, lembranças que o cérebro ia deixando a pouco e pouco morrer; a flor do minhangôlo é tão artisticamente talhada e tão distinta e tão nobre, assim entremeada com os frutos já redondos como cerejas e um dia, mais tarde, vermelhos como elas, que só lhe falta uma lenda suave que bem se case com a sua côr de branco ensangüentado, com o leite que goteja das suas hastes cortadas, com a estrêla das suas cinco pétalas, com a baga rubra do seu fruto saboroso. Pois não é verdade que com sangue e leite, com estrêlas e gemas rubras, se podia criar para a flor do minhangôlo uma lenda encantadora?

Nas noites de Setembro a lua abre-se no céu com uma brancura de foco eléctrico. Desenhama-se na sua face as sombras nítidas das montanhas e das crateras. Em volta, as estrêlas anulam-se, sob o esplendor do luar. As silhuetas dos eucaliptos recortam-se em negro contra a claridade do céu. E há em tôda a natureza uma paz absoluta, unicamente interrompida pelo coaxar dos grandes batráquios nos charcos adormecidos.

ÁFRICA PORTENTOSA

De longe o côro vago de um batuque vem até nós como saüdação religiosa à lua plena que parece parada no céu a deixar-se adorar...

Passa uma brisa ligeira. E nela vem suavemente o aroma da flor do minhangôlo, como prenúncio de que a Natureza em breve ressurgirá do seio da Terra... Os vegetais sequiosos vão encher-se de flores, as aves vão cobrir-se de penas coloridas, no próprio céu as nuvens se incendiarão nos poentes rutilantes... O momento sagrado aproxima-se — foge Proserpina dos braços de Plutão! — a vida ressuscita pela mão do amor...

Bemvinda sejas tu, ó doce flor do minhangôlo!

III

É no mês de Maio que nascem os trigos, repuxados pelas águas das levaras e pelo calor do sol. O céu mantém-se dias e dias sem uma nuvem; e de noite, como a temperatura desce quási ao zero, deposita-se sôbre a terra o orvalho fresco e muitas vezes até a geada fria. São verdadeiras manhãs de Janeiro de Portugal.

Começam então a reverdecer as terras, primeiro de um verde tímido de ervagem fraca, depois carregando a pouco e pouco. É o trigo que enche os campos de manchas formosas, em volta das casitas dos colonos madeirenses.

— *Nos'senhor nos ajude, que vamos ter muito trigão!*

Era todo o santo dia o cuidado da rega, às horas em que a água vinha murmurando pela vala; depois o cuidado de manter os valados bem limpos e intactos; depois, durante a noite, a fiscalização da entrada da água no *dam*, que é o depósito onde ela se armazena para garantia da rega nos dias da semana em que anda lá por longe a murmurar pelos casais dos outros colonos.

A Mapunda parecia um canteiro de jardim, cheio da relva tenra e verde do trigo.

— *Nos'senhor nos ajude, que vamos ter muito trigão.*

As chuvas tinham caído abundantes, o vento mantinha-se firme dos lados da Chibia. Ia estar um *cacimbo* magnífico e farto!

Eis senão quando, uma tarde — Santo Deus, de que maneira tão perfeita tu ocultas a tua sabedoria! — quando o sol já ia caíndo para o poente, começou a aparecer uma coluna acinzentada, como de fumo ou poeira, tão alta e tão densa, que até dela se formou sobre a terra uma sombra move-dça. De longe começaram a vir gritos insistentes, um alarme cada vez mais inquieto se estabelecia em todo o vale; gente, munida de varas com panos ligados à ponta, batia o chão, gritando sempre, gritando! Aqui e além, de fogueiras espa-

ÁFRICA PORTENTOSA

lhadas, subiam já para o ar grandes massas de fumo. Entretanto a coluna cinzenta, cheia de pontos luminosos, avançava sussurrando sempre. Parecem aves, pela agitação, pelo murmúrio. Mas brilham como palhetas contra o sol. Já se distinguem melhor: são milhões de seres alados, voando entre a terra e o céu.

Nas terras lavradas, avisados pelos gritos que vêm de longe, os pretos e os colonos correm, agitando panos, juntando lenha para as fogueiras, batendo as culturas com ramos compridos. Parece que enxotam uma praga de bichos incontáveis que lhes ameaçam o mantimento.

E a nuvem cinzenta, palmo a palmo, caminha, qual redemoinho de pó, cada vez mais alta e mais densa e mais rumorejante.

Dela tombam insectos, aos centos, aos milhares. Já juncam o chão: é uma praga de infinitos gafanhotos, caíndo sôbre o trigo para o devorarem! No solo, sôbre as folhinhas tenras, andam, quási contíguos, sobrepostos nalguns sítios, movendo-se com uma lentidão enervante, devorando, roendo, eliminando. A superfície verde, macia como veludo, desapareceu, sob a avalanche viva. Quantos são? Um, dois milhões? Ninguém pode saber, ninguém pode explicar como a terra é capaz de gerar e agregar tanto ser, tanta vida impulsionada pelo mesmo instinto. Quem a conduz, quem a leva e arrasta, a essa turba incontável que num instante devorou as messes brotadas do chão?

Mas não são só êstes que pousaram. No ar continuam as colunas a passar, a empanar o sol, a zumbir, a brilhar, batidas pela luz poente. E não é só o fenómeno extraordinário do seu número, é também a inexplicável razão por que simples insectos vôam tão alto, onde só alcançam as aves do céu! Pelos campos cada vez é mais agitado o desespêro. Em cada pedaço onde a verdura se mantém vai uma ansiosa labuta. Colunas de fumo enchem o ar, gritos, assobios, um concêrto de alarme e desassocêgo na ameaça do pão de cada dia!

O pobre colono, cansado e com a alma agoniada, veio sentar-se no limiar do casebre. Escondeu a face nas mãos para não ver a desolação do seu trigo e para conter a incomensurável dôr que lhe roía o velho coração. Na sua bôca tinham parado as maldições contra os milhares de animais daninhos, que, num instante, lhe haviam destruído o trabalho e o sustento de um ano inteiro. Lembra-se que tudo quanto vem à terra é mandado por Deus e que blasfemar contra as suas criaturas o mesmo é que blasfemar contra Êle...

E, no seu cérebro embrutecido pelo trabalho de há quarenta anos contra êste sólo estranho, desfilaram as imagens das suas dores, a lembrança cruenta das suas lágrimas...

Ainda môço, viera na primeira leva, a bordo

ÁFRICA PORTENTOSA

do *Índia*, deixando lá longe, no mar, para sempre talvez — para sempre, sim, para sempre! — o paraíso encantado da sua *ilhã*; depois foi a chegada, a marcha através do deserto nos grandes carrões dos boers, puxados a dez juntas de bois, levantando ondas de poeira no ar ardente e iluminado a fogo; depois os primeiros trabalhos para desbravar o mato, para fazer a cabana, violentados ao trabalho, quási como condenados; depois, num dia risonho, o casamento com a companheira, que *já lá está* naquele outeiro cercado de muro de adobe, onde crescem as flores piedosas à custa dos que tombaram da canseira da vida; depois os filhos um a um, alegrando a pobre cabana, brincando com o cão pelos regos do *cará*; depois a chegada de mais gente de Portugal, de estrangeiros também, alargando a terra que êle começara a desbastar com o seu suor, criando a cidade ampla em que a sua humilde morada era tão minúscula e insignificante, que nem se avistava, sumida no tufo dos pessegueiros e das goiabeiras; depois, pouco a pouco, fôra envelhecendo, fôra-se isolando de todos, insociável, afincando-se cada vez mais aos primitivos costumes, enquanto as cãs iam uma a uma avassalando a sua barba escura... Quarenta anos! Chegara uma criança, desvairado pela aventura, a que se abalançara, arrastado pela lenda da bondade da terra... E a-final essa terra só servira para sua verdadeira escravização. A ela se agarrara, enredando-se-lhe a vida dia a dia,

a mulher, que também era da sua terra, os filhos, os netos! Nunca mais, nunca mais veria a sua ilha, lá longe, perdida no seio do mar azul!

Mar azul! Quando se punha a olhar em volta e só via montes bordando a bacia do vale, até parece que na sua alma se lhe atravessava uma espada de dôr, como aquelas que trespassavam o peito da *Senhora do Monte*, à qual êle e os seus companheiros iam levar as preces, por vezes angustiadas, das suas almas simples.

E a-final, ei-lo agora, passado tanto tempo, tão pobre como viera e velho, irremediavelmente velho, com o cemitério ali ao pé para alfinim descansar e esquecer, na paz infinita e doce da terra que o tomara! Nunca mais, nunca mais a veria, a sua *ilhãha* verde, perdida como um sonho na superfície azul do mar sem fim!

Sob o sol claro abriam-se as rosas brancas que bordavam o valado. A água murmurava frescamente. Na gaiola de cana, o *bigode* desenrolava o seu gorgoejo débil. Para longe soou o grito rouco de uma fábrica. Como tudo estava mudado e como no lugar, onde há quarenta anos era somente mato virgem, se elevavam agora casas, escolas, quarteis, lojas, palácios!

Por detrás do velho fêz-se ouvir um ruído de

A F R I C A P O R T E N T O S A

vozes pueris. Depois estalaram gargalhadas de crianças, tujindo e saltando. Eram louras, rosadas, formosas como esperanças, as esperanças em que assentava todo o futuro das largas terras que, a perder de vista, se estendiam para longe.

Ao verem o velho, estacaram, depois dirigiram-se a êle alvoroçadamente. Traziam as mãos cheias de gafanhotos e os seus olhos vinham animados de uma alegria inexprimível. Perante o movimento e o brilho das asas dos insectos, as suas gargalhadas estalavam perdidamente. Afastaram as mãos calejadas do velho. Mostraram-lhe os animais. E, ao verem que dos olhos do pobre colono as lágrimas rolavam para a barba encanecida, pasmaram e começaram a afagar a pobre cabeça amargurada.

— Não chora, bôsinho, não chora...

O sol mantinha-se refrangido acima do horizonte, avermelhado, enorme, como um globo de fogo. E quando a luz, de repente, caíu para trás dos montes, um raio soltou-se e ficou ainda a iluminar aquele quadro de dôr e riso, de velhice e infância, de desalento e fé, que é a-final o eterno drama da vida, avassalando e animando, passo a passo, os recantos mais ignorados da Terra.

IV

Acabou a trovoadá. Os ralos pelo campo espalham o seu concêrto monótono.

No céu ficaram as nuvens, e o sol, já abaixo do horizonte, ilumina-as por forma inverosímil e inesperada. Para leste, que é de onde costumam vir as tempestades mais retumbantes, há grandes massas de cúmulos, tão recompostos e emaranhados, como só se vêem nos quadros bíblicos, quando Deus, rasgando o véu do firmamento, aparece a Moisés para lhe ensinar a conduzir através do deserto o povo murmurejante. São enormes camadas de espuma, por detrás das quais claridades avermelhadas, como de explosão, bracejam em faixas luminosas, irradiando pela larga extensão do firmamento. Nessa imensidade, braços de luz, claros e opalescentes, abrem-se prolongadamente. Era no centro, de onde partem êsses braços, que a nossa imaginação queria ver surgir a face augusta de Jeovah, clamando em voz altissonante aos míseros da Terra...

As superfícies que separam os polos opostos do nascente e do poente são extensões de azul, tonalizadas opulentamente, desde o azul ferrete ao anil, desde o azul marinho às transições insensíveis para o verde do mar. De quando em quando, neste lençol quási transparente, estendem-se fios de cirros, marcando a referência de planos estaca-

ÁFRICA PORTENTOSA

dos, para trás dos quais, após um vácuo anilado, se agrupam e encastelam, em novelos escuros, as nuvens da tempestade. São densos volumes, impenetráveis e sinistros, que contêm em si cargas eléctricas, capazes de fulminar a vida mais possante, e dão ao céu o aspecto soberbo dos grandes scenários da velha mitologia. Vulcano fabricou naquela forja os raios com que Júpiter abateu a insânia dos titans.

Cabeças apocalípticas, corpos convulsionados de sêres irreais, que lutam e se destroem; gigantesas figurações que se modificam a cada instante, como se da sua luta renascessem novos monstros, cada vez mais fabulosos e mais transitórios; construções de sonho, palácios de maravilha, feitos de espumas, de pérolas e safiras, tudo diluído em complementos de tintas que fariam a loucura de um colorista, eis o que o céu apresenta à imaginação deslumbrada.

E além, o que é aquela massa que barra o poente, como um castelo roqueiro, tôda cinzenta, sòmente com os rebordos dourados pelo sol pôsto? Aquele ouro dá-lhe um singular relêvo. Dois minutos passados, o ouro é de fogo, o fogo é rosa! E dêsse fogo e rosa, em mil variedades inomináveis, em mil transições insensíveis, desce até ao horizonte, duramente recortada, a sinfonia fantástica da luz!

Minuto a minuto êste deslumbramento modifica-se. O sol, que projectava sôbre as nuvens um

tão rico concêrto de tintas, está já muito baixo do bôrdô do poente. Como imagem das vaidades do mundo, as maravilhas vão-se desfazendo a pouco e pouco, vão-se diluindo e anulando. Tudo enegrece, primeiro num cinzento uniforme, depois num azul cada vez mais escuro e finalmente num negro espêsso. Num instante o ouro rubro fêz-se carvão.

Aqui se percebe perfeitamente que o grau de religiosidade de um povo depende do meio por êle habitado. Numa região em que os fenómenos naturais se apresentem sem grandeza, o espírito naturalmente será distraído e descuidoso das coisas superiores, não subindo acima das preocupações do seu pequeno meio, sem lançar os olhos para cima, onde os mundos brilham aos cardumes... Em África a intensidade dos fenómenos atmosféricos apresenta-se com uma imponência tão magestosa, que, por menos larga que seja a mentalidade do habitante, êste não pode deixar de, por vezes, se sentir mergulhado na contemplação absorta dos aspectos magníficos com que a natureza se apresenta e afirma aos seus olhos.

E então um estranho sentimento de pequenez e humildade se derrama fatalmente no seu peito. Sente mais perto a gigantesca potência das cóleras eternas, a inflamada irritação dos desesperos do mundo! E a alma, humilhada e entristecida, experimenta, a-par da sensação da sua fraqueza, um infinito amor derramando-se por sôbre o mundo e envolvendo tôdas as coisas e todos os sêres,

ÁFRICA PORTENTOSA

como se a mesma vida universal a todos animasse com iguais insatisfações e iguais anseios.

Nas fendas das nuvens scintilam milhões de estrêlas e, de momento a momento, um relâmpago ilumina a barra negra do horizonte, como palpitação dessa mesma vida gigantesca, que enche e anima o seio infinito do mundo.

V

Ontem, ali perto, na casita do outeiro, escondida entre tufos de goiabeiras e madresilvas, morreu o colono velho, que há quarenta anos a construíra e a habitava. Tinha entrado já nos setenta e era casado com uma velha hedionda que lembrava a Tia Filomela do conto de Júlio Diniz. Era o levadeiro dos meus sítios e quantas vezes eu me cruzei com êle, sempre de enxada ao ombro, andando ao longo da levada, a fiscalizar a marcha das águas, cortando aqui, reduzindo ali, abrindo mais além! Era curiosa a sua fisionomia: bigode rapado, barba sob o queixo, os olhos azuis, claros e líquidos, e na face tranqüila um ar macerado, sinal certo da vermina que lhe andava já contaminando o sangue. Passava curvado, ao ombro a enxada, que parecia fazer já parte integrante do seu corpo:

— Boa tarde, meu senhor. Viva...

Um dia passou por mim sem a enxada, cabisbaixo, um lenço atado à face, a mão segurando o queixo, como se sofresse de uma grande dôr. Fiz-lhe o cumprimento costumado. Da sua bôca aflita saíu um murmúrio gutural incompreensível.

Sôbre o casebre parecia ter caído um silêncio de mistério. A morte andava rondando. Por entre as inúmeras árvores que o cercavam, goiabeiras, amoreiras, noneiras e cafezeiros, costumava girar sempre um bando de galinhas holandesas, guiadas por um galo branco, de crista escarlata e pescoço magestáticamente encurvado. E, dia a dia, o bando fôra diminuindo.

Furtivamente, como que a medo e à pressa, a mulher do colono, prodigiosamente velha, saía a arrancar alguns tubérculos de cará e escoava-se, descalça e com a sua saia rastejante, para dentro do casebre. E, como a velha era sempre acompanhada por um cão negro e esquelético, a minha imaginação, prenhe de literatura, detinha-se a architectar um quadro macabro, com o pobre colono a debater-se nas dores fulgurantes do cancro, a miséria avançando sôbre o casebre, e a velha, devorada de amargura, assistindo ao agonizar lento daquele que, em tempos também já mortos, a recebera nos braços robustos. Uma página de Coelho Neto...

Todos os dias, ao passar pela casa do colono, me parecia que o silêncio aumentava. Os tufos de arvoredos tomavam um ar misterioso e sinistro.

ÁFRICA PORTENTOSA

O cão dormitava tristemente no limiar da cabana. As folhas largas do inhame pendiam emurchecidas. Só os cosmos, brancos e vermelhos, tinham crescido às centenas e abriam as suas mil flores, como estrêlas de papel, entre a folhagem bravia que avassalara a terra.

Uma vez, ao passar, notei um milhafre pousado num ramo de pessegueiro. A sua imobilidade de ave de rapina, acostumada a manter-se horas em perfeita quietude aguardando a prêsa, causou-me um pressentimento doloroso.

Nesse mesmo dia, a bruxa octogenária saíu sósinha de enxada em punho, ao terreno de cará. Trazia um lenço preto em volta da grenha embranquecida. A morte — que como um milhafre se mantivera impassível durante dias, à espera — descera por fim sôbre o pobre colono.

Ei-lo que jazia estendido em cima da enxêrga, pálido como a cêra, a face roída pelo cancro minaz e a fronte infinitamente serêna e pacificada. À porta de casa, com a cabeça estendida ao longo das patas e os olhos fixos num ponto vago, o cão parecia humanizado na sua grande dor.

O entêrro saíu, deu volta à vala florida e entrou na estrada. Tinham-se juntado bastantes colonos, todos velhos, de barbas crescidas, humildes e graves como mujiks. Duas crianças, ao lado do caixão, levavam ramos de dâlias vermelhas. Era

quási meio dia. O sol, dardejando acima das cabeças descobertas, parecia jorrar poeiras de ouro por sôbre a terra. Caminhávamos devagar. Como os mocetões que transportavam o caixão arquejassem, o missionário tinha que parar de quando em quando à espera do morto. Junto de um casal, umas mulheres vieram pasmear, naquele ar interrogativo que todos temos quando por nós passa um entêrro.

O cemitério era ali já. Acima do muro apontava a agulha verde de um cipreste.

Ao atravessar a vala funda, o préstito silencioso roçou pelos roseirais dos muros. A porta estava aberta. Um preto indiferente trabalhava, remexendo a terra. Fizemos círculo em volta do coval. O padre rezou durante uns segundos. Algumas bôcas bichanavam também. Depois desceram o caixão e sôbre êle foram lançadas algumas mãos de terra.

Entretanto na casita do outeiro, ali perto, escondida entre tufos de goiabeiras e madresilvas, um vulto de mulher, voltado para os lados do cemitério, mantinha-se imobilizado. Uma amargura intensa devia roer-lhe o coração cansado, porque os olhos engrandecidos pareciam querer recolher àvidamente uma imagem que desaparecia. Uma tremura senil agitava-lhe a cabeça. E, junto dela, o cão negro, com o focinho estendido e a cauda abanando compassadamente, soltava um uivo dorida de amargura.

XI

O DISTRITO DA HUÍLA E AS CUBIÇAS ESTRANHAS

AO MAJOR FRANCISCO DE ARAGÃO

O DISTRITO da Huíla, que em Setembro de 1901 se separou do antigo Distrito de Mossâmedes, abrange uma superfície quadrangular de 127.220 quilómetros quadrados, compreendendo todo o grande planalto que das elevadas beiras da serra da Chela desce lentamente até ao rio Cunene, em cuja margem esquerda ainda conta os territórios de Cassinga, Evale, Cuanhama e Cuamato. Confina pelo norte com os Distritos de Benguela e Bié, pelo ocidente com o Distrito de Mossâmedes, que o separa do Atlântico, pelo oriente com o Distrito de Cubango e forma no sul o limite próprio da Província, determinado pelo rio Cunene, desde o rio dos Elefantes, até às magestosas cataratas de Ruacaná e daí para leste, em paralelo artificial, até ao pôsto do Cuangar, onde em 1914 foi pelos alemães trucidada a guarnição portuguesa.

Abrange o Distrito da Huíla as seguintes circunscrições: Lubango, Humpata, Chibia, Gambos, Humbe, Alto Cunene e a *circunscrição de fronteira* do Baixo Cunene.

A Chela, barreira que durante muito tempo deteve como uma muralha a penetração portuguesa no Sul de Angola, levanta-se a prumo até uma altitude de 2.320 metros, formando a orla oriental do Distrito, desde a Bibala até ao Cunene, apenas fendida incompletamente pelas gargantas da Quilemba, do Bruco e do Chacuto.

O rio Cunene é a longa faixa de água que, nascendo na serra do Huambo (distrito de Benguela), corre na direcção norte-sul (Alto Cunene) e se dobra para oeste a partir do Cafu (Baixo Cunene), para entrar no mar junto da Ponta de Ruy de Pina, recebendo das suas margens tôdas as águas que regam o Distrito. Atinge a largura de 100 a 150 metros, junto do antigo fortim de Quiteve.

O seu principal afluente é o Caculovar, importante rio nascido na Chela, linha de penetração portuguesa do Sul de Angola, nas margens do qual ficam as sedes das circunscrições dos Gambos e do Humbe. Foi perto da sua confluência que se estabeleceu o Forte Roçadas, primeiro ponto fortificado na região do Ovampo que serviu de base às nossas tropas para as rudes operações de Além-Cunene.

Quando rio volta para oeste, o seu leito começa a ser talhado em degraus, dando origem às quedas

ÁFRICA PORTENTOSA

de água de Cazambué, Iacavala, Nanguari e Ruacaná.

No Planalto da Huíla os terrenos que vão das cabeceiras do Caculovar até às origens do Chacuto (Lubango, Humpata e Chivinguiro) são formados por uma larga mancha de grés e schistos vermelhos, rodeada de granitos; entre o Caculovar e o Cunene existe uma grande faixa de depósitos lacustres muito antigos; a margem esquerda do Cunene, na direcção do sudeste, para o Cuanhama, é formada por extensas planuras (*chanas*) cobertas de graníneas, semelhantes às estepes da Rússia, de grande aridez e monotonia.

Além da significação histórica desta região, pois foi, pelo obstáculo quási insuperável da Chela, uma das últimas zonas de Angola em que a dominação portuguesa se estabeleceu (1915), tem o Distrito da Huíla, para Portugal, o interesse de ser nele que, verdadeiramente, se fez colonização portuguesa.

Efectivamente, sendo o clima do Lubango, da Humpata e da Huíla tão bom como o melhor de Portugal, aqui vieram estabelecer-se colónias nacionais, enviadas oficialmente para contrabalançar a má colonização feita pelos boers que, da Colónia do Cabo, haviam sido repelidos pelos ingleses.

Assim disposta, é esta larga terra habitada pelos colonos brancos que se acumulam nas beiras da serra, no Lubango, na Hunpata, na Huíla e na Chibia, por mestiços que têm nascido especial-

mente nestas duas últimas povoações e por negros aborígenes que da fase pastoril e guerreira, mercê da nossa intervenção benéfica, vão passando à fase agrícola, fixando-se à terra e abandonando, assim, a vida nómada e de aventura em que viemos encontrá-los, em permanente estado de rapina, de escravidão e de luta. Esta acção civilizadora, que o sistema de ocupação militar iniciou pela fôrça, mas que êle mesmo levou ao ponto de, sem reacções nem sobressaltos, se poder operar a passagem para a Administração Civil, marca, certamente, uma das mais reais afirmações das nossas faculdades colonizadoras e civilizadoras.

Na zona planáltica ocupada pelos brancos, tóda a riqueza é a agricultura; na imensa planura descendente que dá águas para o Cunene, a riqueza é o gado bovino. De forma que o problema administrativo, hoje que os cuidados da ocupação desapareceram, consiste em olhar, primeiro que tudo, por essas duas importantes fontes de riqueza. No planalto, nas pequenas granjas dos colonos, mau grado a orientação acanhada que êstes dão às suas pequenas empresas agrícolas, encontram-se quasi tôdas as frutas da Europa, as suas hortaliças e legumes, garantindo ao branco a continuidade dos seus hábitos domésticos europeus.

Em qualquer das povoações planálticas, o branco que chega da Europa pode, assim, montar a sua existência sem se desnacionalizar em coisa alguma.

A F R I C A P O R T E N T O S A

De tôda a Província de Angola é esta, sem dúvida, a zona mais saudável.

Com uma temperatura que oscila entre uma máxima média de 28°, 2 e uma mínima média de 12°, 4, durante todo o ano mantém-se nela uma permanente primavera, onde nunca se sentem os ardores nem os frios das regiões interiores de Portugal. Com duas estações, caracterizadas, uma pela ausência completa de chuvas (Abril e Setembro) e outra pela abundância das chuvas e trovoadas (Outubro a Março), nem por isso esta característica africana faz com que a salubridade do Planalto diminua ou nele se sinta falta de água, durante o meio ano de seca.

Já outro tanto não acontece nas regiões de Além-Cunene, onde, na estiagem, não corre um único veio de água, sendo a vida forçada a deslocar-se para as proximidades do rio. A caça grossa, constituída por gazelas, antílopes, zebras e elefantes, reüne-se, em bandos, em procura dos pastos marginaes do Cunene.

Nos seus recortes montanhosos oferece a Huíla notável variedade de aspectos e paisagens. A Chela é imponente em impressionantes panoramas, que vão desde as quebradas do abismo, como aquele que se disfruta da Quilemba sôbre a Humbia, até às gargantas de um alto pitoresco como no Bruco, e aos planaltos férteis, cheios de água, como são os da Humpata; estabelecendo o transição entre a serra e o rio, prolonga-se a *savana* até para lá da

Chibia, que se torna árida nos Gambos; depois, é a larga faixa de água que corre tranqüila e mansamente até se despenhar no precipício extraordinário do Ruacaná; e, finalmente, para além do rio, são as *chanas* despidas, que nas chuvas se inundam como lagos imensos, e nas secas são rasas e requeimadas como se fôsem já o comêço do deserto de Calaari, que se estende para sudeste.

Mas um dos maiores encantos do Distrito da Huíla é, certamente, o das suas cascatas. Será difícil encontrar região tão rica em quedas de água, umas magestosas pelo volume da sua corrente, outras, simplesmente, pelo inesperado pitoresco que a natureza compôs em volta delas.

Tôda a vasta rêde do rio Caculovar, descendo precipitadamente para a planura do Cunene, com o qual se funde perto do Humbe, é coalhada de pequenas cascatas ruídas e murmurantes. A cascata da Granja, no rio Nene, as cascatas da Huíla, próximo da povoação dêsse nome, e a cascata da Unguéria, são aprazíveis degraus em que a água se precipita, quási gotejante e pulverizada no cacimbo, colérica nas chuvas e rugindo com uma fúria de animal espicaçado.

Então a água espadana contra as rochas escalvadas, onde os vegetais se agarram, agüentando o impulso da torrente, que é atraída cegamente para o mar. Antes, porém, de chegar ao Oceano, tôda ela entra na toalha larga do Cunene e aí acalma, por algum tempo, a sua fúria embravecida.

A F R I C A P O R T E N T O S A

Mas, dentro em pouco, o próprio Cunene, que deslisa tranqüilo até ao Forte Roçadas, começa a ferver nos rápidos de Cazambui e Iacavala; depois, nos rápidos de Nanguari, para se precipitar, desamparadamente, na muralha vertical do Ruacaná, com o estrépido brutal da sua fôrça incomensurável.

*

*

*

Além do grande número de funcionários aqui fixados apenas durante as suas comissões, conta o Distrito com uma importante população branca, gente que se dedica ao comércio, colonos madeirenses e ainda os boers.

Os funcionários procuram em tudo continuar a sua vida europeia, sendo já importante o número daqueles que se fazem acompanhar de suas famílias, certos de que o clima em nada lhes prejudicará a saúde e de que podem, mercê da existência de numerosas Escolas Primárias e de uma Escola Primária Superior no Lubango, educar os seus filhos em condições idênticas às da Metrópole. Efectivamente, na parte planáltica, própria para a colonização branca, conta o Distrito com 12 escolas primárias em pleno funcionamento, dirigidas por professores diplomados pelas Escolas Normais da Metrópole, com a frequência total de 600 alunos.

Além das escolas primárias gerais e como seu

natural coroamento, funciona, em Sá da Bandeira, uma Escola Primária Superior, freqüentada por portugueses, boers e mestiços, certamente destinada a transformar-se, em breve, em estabelecimento secundário, cuja freqüência cresce de ano para ano e que já conta indivíduos dela saídos para o comércio e para o funcionalismo. A população fixa é, como dissemos, constituída por comerciantes, colonos madeirenses e boers.

Os primeiros encontram-se nos núcleos europeus e a sua actividade tem o duplo carácter de comércio com o branco e comércio com o indígena.

Sobretudo no Lubango e na Chibia já se encontram estabelecimentos montados com tôda a aparência europeia.

Os colonos madeirenses e seus descendentes formam, ainda, a parte agrícola da população.

Tendo falhado as tentativas de colonização militar ordenadas em 1857, chegou a Mossâmedes, em 19 de Novembro de 1884, a bordo do transporte *Índia*, uma colónia de madeirenses composta de 222 indivíduos, que se estabeleceram, nas margens do rio Lubango, a alguns quilómetros da Humpata. Nesta povoação havia-se fixado em 1881 um numeroso grupo de boers repelidos do seu país pelos ingleses, e, mais tarde, os colonos portugueses da extinta colónia de Pungo-Andongo.

Em 18 de Junho de 1885, novo grupo de colonos madeirenses chega no *África*, com destino

ao Lubango, *colônia de Sá da Bandeira*, juntando-se-lhe novo grupo, em Agôsto do mesmo ano. A insistência com que o govêrno de Portugal enviava colonos nacionais, para o então *concelho da Humpata*, tinha origem na necessidade de contrabalançar a má influência exercida, pelos boers, junto do gentio, e a sua inapagável aspiração de reorganizarem, em território português, a nacionalidade desfeita.

Tais foram, juntamente com a *colônia de S. Pedro da Chibia*, os fundamentos do desenvolvimento actual do Distrito da Huíla que, por todos os motivos, é de molde a provocar o nosso orgulho de portugueses.

Com tão precários começos, tendo de lutar com tôdas as dificuldades da opposição de um gentio aguerrido, com o isolamento ocasionado pelo deserto mortífero do litoral e pela barreira quási intransponível da cordilheira da Chela, a obra realizada, em 40 anos, deve causar legítimo desvanecimento aos portugueses que olham sem paixões o esforço realizado em África.

Ainda vivem alguns dos colonos iniciais, que mantêm a sua vida agrícola deficiente, nas pequenas herdades, sementeiras de *cará* (batata doce), cercadas de cana de açúcar e goiabeiras. Todos êles têm numerosa família, e os seus netos formam hoje a maior parte da população escolar do Planalto.

Por seu lado os boers mantêm-se, como de

início, insociáveis, afastados, encerrados em *farms*, enrustados na estreiteza da sua religião intolerante.

A mancha mais próxima do núcleo europeu português é a da Palanca, apontada à qual se iniciou já uma estrada e em cujo coração funcionam duas escolas portuguesas.

A fusão que se não obteve, por meio de cruzamento com os colonos portugueses, deve certamente conseguir-se por intermédio da escola, pois é notável a avidez com que o boer procura a instrução.

É vulgar fazerem exames nas escolas primárias portuguesas, boers que, pela diversidade da língua, se viram na necessidade de as frequentar, durante sete anos, para conseguir o seu diploma.

Pela proibição da caça procurou-se contrariar a tendência errante do boer que, no tempo da seca, se interna, esquecidamente, pelo mato, em busca do leão e do elefante, alimentando-se de carne seca e massa de milho, tal qual como o negro. É de crer que, em breve, o boer, privado da caça e com a instrução fácil, entre definitivamente no nosso domínio e nosso convívio, fixando-se à terra fértil que de nós recebeu, procurando tirar, exclusivamente dela, os recursos necessários à sua existência sóbria e simples.

Falta-nos falar do *gentio* para darmos por terminado êste esbôço àcerca da população do Distrito da Huíla.

Já Capelo e Ivens faziam menção de povos

ÁFRICA PORTENTOSA

errantes chamados *ba-cancalas*, evidentemente pertencentes ao grupo dos *boschjemans*, interessante modalidade humana que, na opinião da maior parte dos etnógrafos, constitui os restos da grande raça aborígene da África, miserável raça anã empurrada pelos vários invasores para as regiões quasi desérticas, onde vive miseravelmente dos reptis, das plantas dos areais. Exclusivamente caçadores, sem conhecerem sequer os primeiros rudimentos da agricultura, são dóceis e humildes, de pequena estatura, côr amarello-pálida, o nariz achatado, os olhos um pouco oblíquos, os beiços grossos, os queixos salientes, os cabelos lanhosos, constituindo, assim, as suas feições, um conjunto de repelente fealdade. Em via de desapareição fatal, pois somente junto do branco encontram protecção e abrigo, são, certamente, em todo o planeta, os mais baixos representantes da espécie humana. A restante população negra ou pertence aos invasores *bantus*, vindos do nordeste, da região dos lagos, ou é representada pelos cruzamentos destes com os *boschjemans*. Os *ba-nhanecas* e *ba-cumbi*, já agricultores, possuindo grandes quantidades de gado, habitam a região do Distrito que vai do alto da Chela até á margem direita do Cunene. São interessantes os tipos do Humbe. As mulheres usam bizzarros pentiados, grande quantidade de contas em volta do pescoço e da cintura; os homens trazem, como único vestuário, uma pele de boi em volta da bacia.

A sudeste ficam os *ba-cuamatui* e os *ba-cuanhama*, raças de guerreiros enérgicos e valentes, com a submissão dos quais concluímos, em 1915, a nossa dominação no Sul, e de vez terminamos com as *razzias*, quási anuais, feitas pelos ovampos sôbre os povos agrícolas de Aquém-Cunene. Quando se considera no esforço realizado para a dominação e civilização desta larga zona bem distinta do resto da Província, é impossível deixar de admirar, sobretudo, a tenacidade e continuidade do nosso esforço. Através de todos os insucessos, contrariamente a tôdas as dificuldades, uma vontade bem determinada e bem difinida se manifestou até ao acabamento dessa empresa. Os colaboradores da obra gigantesca, missionários, militares e colonos, juntaram os seus quinhões de acção, de tal forma seqüente, que a paz de todo o distrito tem, hoje, como garantia, três simples companhias de infantaria angolense.

Seria injusto, de facto, falar da vida e progresso da nossa colonização sem deixar uma referência respeitosa à acção dos missionários católicos, que no gentio têm exercido uma larga influência educadora e nacionalizadora, bem como deixar no esquecimento a administração militar até há pouco tempo seguida e sem a qual teria sido absolutamente impossível passar, sem perturbações, para a franca administração civil que hoje se exerce em tôda a Huíla. É que, na verdade, as *capitanias* estabeleceram com muito tacto e inteligência a tran-

ÁFRICA PORTENTOSA

sição para as *circunscrições*, de forma que, quando as autoridades civis tomaram conta das suas zonas de influência, encontraram a máquina montada, com o indígena pagando sem resistência o seu imposto, com as autoridades auxiliares indígenas, sobas e sobetas, investidas nos seus cargos e com a política indígena regulada de forma a garantir a tranqüilidade submissa do negro. Foram, sem dúvida, o missionário e o militar os *pioneiros* desta obra colossal, e é a êles que, inolvidavelmente, devemos votar a nossa gratidão pela soma infinita dos seus esforços, as mais das vezes realizados em face do desinterêsse e da ignorância da própria nacionalidade.

Foram êles que tornaram possível a criação dêste numeroso grupo de portugueses e a transformação dêsse jardim famoso que é o Planalto de Huíla, onde cabem muitos mais portugueses e para onde seria necessário canalizar sobretudo a emigração dos duros lavradores das nossas montanhas, que no Brasil vão encontrar a miséria e a morte.

*

*

*

Só em 1839 é que as atenções se voltaram decididamente para *as terras da Huíla*, mandando o Governador Geral D. António Manuel de Noronha uma dupla expedição, por terra, comandada pelo tenente Garcia, e por mar, na corveta *Isabel*

Maria, comandada pelo capitão-tenente Pedro Alexandrino da Cunha, que, cumprida a sua missão, vieram a reünir-se em Mossâmedes. A expedição terrestre explorou as terras de Caconda, Quilengues, Huíla, Jau e Bumbo. Idênticas viagens tinham sido realizadas, em 1785, por Pinheiro Furtado, na fragata *Loanda*, e pelo sertanejo Gregório José Mendes.

A história da Huíla está intimamente ligada á de Mossâmedes, pois esta última cidade foi, como era natural, a base de penetração para além da Chela e ainda, até 1901, a capital do destrito a que Huíla pertencia. Já depois de lançadas as bases de Mossâmedes (1845), foi fundada, pelo mesmo official que dirigiu a exploração por terra, a *feitoria da Huíla*. O interior da Huíla era já há tempos visitado por comerciantes, conhecendo-se suficientemente os Gambos, o Humbe e a Camba.

Em Novembro de 1857, o marquês de Sá da Bandeira mandava que a Huíla fôsse colonizada por soldados europeus que tivessem concluído o seu tempo de serviço, sendo-lhes dados auxílios em ferramentas, sementes, etc., para se poderem dedicar á agricultura. Logo, em Dezembro do mesmo ano, se organizou, em Lisboa, uma companhia de caçadores especialmente destinada á ocupação dos Gambos e do Humbe. Em 1859, realizava-se, efectivamente, a ocupação dêsses territórios do interior da Huíla, conquista que, acima de tudo, tinha em vista garantir a precária segurança dos colonos do

ÁFRICA PORTENTOSA

Planalto, mas que se fazia á custa de sangue e de muito esforço. O nosso domínio efectivo ia, porém, apenas até á fortaleza da Huíla, que, por vezes, sofreu ataques rudes, como aconteceu nesse mesmo ano de 1857, em que se viu cercada pela *gente do Nano*¹ e esteve quatro dias sob o cêrco de milhares de negros, até à aparição salvadora do capitão Godinho de Melo, que de Mossâmedes seguira, à pressa, com uma pequena fôrça em socorro da Huíla.

No ano de 1859, as colónias da Huíla são visitadas pelo Governador de Angola e nesse mesmo ano se começa a fortaleza dos Ganbos, protegendo-se, também, contra as ameaças do restante gentio, o soba do Humbe, onde foi construída uma fortaleza.

As investidas, porém, continuavam ameaçando a Huíla. A fortaleza foi de novo cercada e, ao major Silva, que organizou uma sortida, foi cortada a cabeça sôbre a própria peça com que saíra, à vista da fortaleza! E os negros do *Nano* seguiram daí a atacar o Jau e a Humpata, chegando a descer a Chela e a ameaçar Mossâmedes, onde fizeram prisioneiros!

Todavia, a-pesar-de tôdas as cotrariiedades, no ano seguinte, a nossa influência ia até aa Mulondo, no Alto-Conene.

¹*Ba-Nano* ou «Gente dos montes», opostos aos *Ba-Buero* ou «Gente das planicies»

Em 1863, são retiradas as guarnições do Humbe e dos Gambos, entrando a colonização numa fase de retrocesso, iniciando-se, todavia, em 1865, a estrada através de Mossâmedes, apontada à serra da Chela. Estabelecem-se relações com o Cuanhama; dois anos depois, reocupa-se o Humbe, sendo a Huíla visitada pelo Governador de Mossâmedes.

Amortece, com tudo, durante anos, o ardor da colonização, em grande parte pela retirada de muitos colonos e, ainda, pela dificuldade na construção da estrada de ligação com Mossâmedes. Só em 1884, com a chegada de colonos Madeira, é que êsse ardor se renova, fundando-se as colónias de *S. Januário* (Humpata), *Sá da Bandeira* (Lubango) e *S. Pedro da Chibia*, que deram origem às povoações actuais do Planalto.

É, a partir desta época, que começam os esforços sérios de ocupação do interior, não só por ser essa a única maneira de garantir a tranquilidade dos colonos do Planalto, como, também, para obedecer às decisões do Congresso de Berlim, que garantiam a posse territorial, sob a condição de manter autoridades que tornassem efectiva a liberdade de comércio e de trânsito. Em volta da nossa colónia rondavam sérias ameaças de estranhos. Uma expedição, partida do Planalto, ocupa Cassonga, em 1885, e o Alto Cubango, em 1886.

Os hotentotes, avançando, em *razzias* terríveis, comprometem o sossêgo dos colonos do Planalto. No Humbe, pretendendo o malogrado tenente An-

ÁFRICA PORTENTOSA

drade castigar o soba Chaungo, é sacrificado, com tôdas as praças do seu destacamento, para vingar o desastre do qual, penetrou no Humbe uma coluna que restabeleceu o nosso domínio.

Em 1891, iniciam-se, propriamente, as relações oficiais com o Cuanhama, onde os alemães procuravam estabelecer-se. As dificuldades no Humbe cresciam todavia. Para socorrer a fortaleza, ameaçada, avançou o major Padrel que, tendo dominado o Humbe, transpôs o Cunene, entrando no Cuamato e fazendo, em más condições, uma retirada brilhante.

Novamente os hotentotes repetem as suas *razias* e, em face desta nova rebelião do Humbe, os dragões retiram, dali, sendo chacinado um dos pelotões comandado pelo conde de Almoester.

Então o Humbe, em pêso, e os Gambos levantam-se em rebelião. Para dominar êsses povos, organiza-se uma coluna sob o comando de Artur de Paiva, que liberta a fortaleza do Humbe.

Afim de garantir as ligações com Cacondã, estabeleceu-se um pôsto no Quipungo e um outro em Capelongo (Alto-Cunene) para cortar a passagem dos cuanhamas que continuavam a ameaçar o Planalto.

Vai-se entrar na fase das tentativas enérgicas de domínio Além-Cunene, começando a parte mais cruenta do nosso determinado esforço. Logo em 1904, a coluna do major Aguiar, que havia passado o Cunene para a conquista do Cuamato e Cuanhama, sofre um desastre memorável no Vau do Pembe,

deixando, sôbre o campo, 300 cadáveres. A coluna retira, ficando o gentio inteiramente senhor do território que ia até à Chibia e a colonização à mercê das suas investidas, destruindo-se, assim, de uma só vez, a obra penosa de tantos anos.

Uma nova coluna se organizou, sob o comando do Governador Roçadas, a qual, tendo atravessado o Cunene, em Agosto de 1906, constrói o *Forte Roçadas*, base das futuras operações realizadas contra o Ovampo.

Uma nova coluna, ainda sob o comando do capitão Roçadas, inicia a marcha através do Cuamato, tendo de travar luta acesa nessa marcha vitoriosa, e atinge, em 4 de Outubro de 1907, a embala do Cuamato Grande. Estava, assim, esmagado um dos mais poderosos núcleos de resistência ao domínio português e, sobretudo, conseguia-se, pelo estabelecimento de vários fortes, implantar, no Além-Cunene, a nossa bandeira.

Faltava, porém, levá-la até ao Evale, ao Baixo-Cubango e até ao quasi lendário Cuanhama.

Entramos propriamente em acontecimentos dos nossos dias, constituindo, alguns destes, verdadeiras páginas de sangue que a nacionalidade lê com profunda dor e luto. O morticínio do Cuangar e o desastre de Naulila vêm acrescentar, aos sacrifícios feitos, mais aquela quantidade de martírio necessária para tornar os povos indiscutíveis senhores das terras.

O Evale e o Baixo-Cubango são ocupados em

ÁFRICA PORTENTOSA

1909; o Cuanhama é invadido e subjugado, pela coluna do general Pereira d'Eça, em 1915.

Para mais fáceis comunicações do Planalto com Mossâmedes, base marítima de todo o esforço realizado no Sul de Angola, lança-se finalmente sobre a Chela uma estrada da Humbia ao Planalto.

Em Maio de 1920 funda-se a Escola Primária Superior da Huíla. Em 1923 inaugura-se a estação de caminho de ferro da vila de Sá da Bandeira, que é elevada à categoria de cidade; no mesmo ano é aberta ao público a estação de telegrafia sem fios.

Estamos em plena administração civil. Parte das tropas de guarnição retiraram para Portugal.

Dêsse dia em diante o Planalto da Huíla, de que já Capelo e Ivens diziam «aí vivem os europeus como em plena Europa» e a que o naturalista Frederico Welwitsch chamava «o lugar mais belo, mais saudável e a todos os respeitos mais conveniente para a colonização europeia», o Planalto da Huíla será o que os filhos de Portugal desejarem que êle seja.

II

Em Fevereiro de 1885 realizava-se a Conferência Colonial de Berlim, da qual resultou o reconhecimento de que a África Equatorial era livre

para todo o comércio europeu, tomando as potências, que nela estiveram representadas, para si, o encargo de proteger as raças indígenas e de as impulsionar o mais brandamente possível no sentido da civilização.

Cinco anos depois, em Julho, na Conferência de Bruxelas, a Alemanha apresentando-se com o humanitário propósito de combater a escravatura e o alcoolismo, conseguia obter uma região africana de 322.450 milhas quadradas, a marcar em zona ainda não ocupada por europeus. O limite norte dessa zona fixara-o, a Alemanha, em Dezembro de 1886, com os nossos estadistas, fazendo recuar a nossa fronteira sul, do Cabo Frio para a foz ainda incerta do Rio Cunene. Mais uma vez, satisfazendo as cubiças da Alemanha, mascaradas em humanitarismo, Portugal era a rês inerme que, para acalmar o apetite do lobo, havia de arrancar a própria carne.

Assim se constituiu o *Sudoeste Alemão*. O seu limite norte ficava, segundo o Tratado de 86, determinado pelo Cunene, desde a foz até à primeira catarata abaixo do Humbe, junto da serra de Caná (catarata do Ruacaná), e daí por um paralelo até encontrar o rio Cubango (pôsto do Cuangar), seguindo êste rio até Andara (Libebe) e daí, em linha recta artificial, na direcção dos rápidos de Catim, no Zambeze, até cruzar com o rio Cuando.

Não tardou, porém, que a proverbial boa fé da Alemanha e o seu respeito pelos tratados se ma-

ÁFRICA PORTENTOSA

nifestasse. A sua vizinhança, em todo o mundo incómoda e perigosa, mais uma vez ia afirmar-se como fonte de tôdas as intrigas e ameaças.

O Governador Geral Guilherme Augusto de Brito Capelo, no seu relatório de 1887, diz: " O hotentote espalhou o terror por tôda a zona do sul e só pronunciar o seu nome faz tremer qualquer dos indígenas do distrito de Mossâmedes... Estas invasões começaram *pouco tempo depois do estabelecimento dos alemães em Angra Pequena*, e continuaram anualmente, cada vez com maior fôrça... Não se pode saber bem a razão por que, só da tal época em diante, aquela raça deixou a Damaralândia, para ocupar os territórios portugueses... O que, também, se pode apresentar como facto é que, *depois do estabelecimento dos alemães em Angra Pequena*, tem sido importado um grande número de armas de carregar pela culatra e respectivas munições, tudo por preços baixos... "

Também o nosso Cuanhama começava a receber armamento e munições de origem alemã e as missões renanas da N'giva, Ompanda e Namacunde, estabelecidas no nosso território, transformavam-se em postos de penetração e espionagem, ameaçando constantemente a nossa soberania.

Por outro lado a emigração do gentio do Ovampo português para a Damaralândia, a fim de trabalhar nos caminhos de ferro, nas minas de cobre de Otawi e de diamantes de Angra Pequena,

provocada por todos êsses falsos evangelizadores, era uma importante sangria na nossa população do sul.

Assim conseguia a Alemanha provocar uma corrente de emigração clandestina, provendo, à nossa custa, as suas necessidades de braços, agravadas pela hecatombe realizada sôbre a tribu dos hereros.

A posse, porém, da nossa importante catarata do Ruacaná, com a fôrça aproximada de 17.230 cavalos, era uma tentação para a Alemanha. E daí a invenção de grosseiros sofismas, torcendo a letra do Convénio de 86, procurando desviar o paralelo artificial, entre Cunene e Cubango, mais para norte, de modo a deixar ficar a célebre catarata, em território alemão. Que não existia serra alguma com o nome de Caná, argumentava-se, e que as cataratas ao sul do Humbe eram os rápidos de Cazamboé, ponto de onde devia partir o paralelo de delimitação ao encontro do rio Cubango.

Entre o paralelo adoptado pelos portugueses (Ruacaná-Cuangar) e o proposto pelos alemães (Cazamboé-Cubango), fica uma faixa de 12 quilómetros de profundidade, atravessando a região de Chimpôro, que ainda hoje constitui a célebre *zona neutra*, em litígio, entre Portugal e a União, tal como esteve entre Portugal e a Alemanha até à data em que fôrças do Sudoeste se renderam ao General Botha.

ÁFRICA PORTENTOSA

A má-fé dos alemães nessa questão ficou comprovada quando, tendo êles proposto dividir a *zona neutra* pela diagonal que vai de Cazamboé ao Cuangar, não quizeram aceitar a contra-proposta portuguesa de traçar a diagonal, em cruzamento com a primeira, partindo do Ruacaná.

Estas e outras questões eram originadas pela falta de ocupação efectiva da região portuguesa do Ovampo, onde os nossos direitos continuavam à mercê da boa-fé dos vizinhos, boa-fé não só duvidosa, mas, pelo que temos visto, de uma profunda falsidade.

Em 1907, a coluna Roçadas ocupou o Cuamato. O Cuanhama, porém, continuava campo aberto para a nefasta influência alemã. O governador da Huíla, João de Almeida, ao fazer a ocupação do Cuangar, encontrou-se com oficiais alemães que procuravam estabelecer um pôsto, em território português.

Os esforços notáveis de alguns bons portugueses, no sentido de efectuar a ocupação do Cuanhama, ficaram inteiramente perdidos. Ocasões excelentes de intervenção foram desprezadas, como, por exemplo, a da visita do Governador Geral ao Humbe, quando os cuanhamas foram ali solicitar a penetração dos portugueses nas suas terras, e depois a da morte do *Nande*, soba do Cuanhama, quando três pretendentes apareceram disputando a herança do sobado.

E a não ocupação do Cuanhama devia dar origem a acontecimentos deveras lamentáveis, dos

quais o brio nacional saíria, por vezes, bem mal ferido.

Em 1902, uma fôrça montada alemã penetra até perto do Humbe; os acontecimentos mais tarde desenrolados com o alferes Sereno, no posto de Naulila, têm origem igualmente na incursão armada de uma fôrça em território português; a chacina traiçoeira do Cuangar e o ataque aos postos marginais do Cubango, bem como por fim o sangrento combate de Naulila, indicam claramente a boa e fiel vizinhança que sempre nos ofereceram os alemães.

O Cuanhama era finalmente ocupado, em Agôsto de 1915. Mas, quando após o combate da Mongua, as operações prosseguiam, o general Pereira d'Eça recebeu, datado de 30 de Agôsto de 1915, um offício do encarregado dos negócios indígenas, do Protectorado do Sudoeste Africano, que já se achava em Namacunde, *limite norte da antiga zona neutra*, oferecendo-se para mediano entre as nossas tropas e o chefe da «*Ovakuanima Tribe of the Ovambo Nation*», que se acolhera à sua protecção. Pereira d'Eça respondeu imediatamente desfazendo o *equivoco*: «Não se trata de hostilidade entre as fôrças do meu comando e *as do chefe da nação Ovampo*, e sim do facto de as fôrças do meu comando, atravessando território incontestavelmente português, serem atacadas por gentio que tem como soba o Mandume.» E prosseguiu a marcha para a N'giva, capital do Cuanhama.

ÁFRICA PORTENTOSA

Todavia o soba do Cuanhama recebeu agasalho das autoridades da União, internando-se na Donga.

O encarregado dos negócios indígenas da U. S. A., major Pritchardt, propôs então o restabelecimento da *zona neutra*, com fixação dos residentes das duas nações litigantes em Namacunde, o que foi aceite.

O próprio Pritchardt foi o primeiro residente da U. S. A., na *zona neutra*, sendo notáveis a sua acção como agente de emigração, bem como os ensinamento legados aos seus sucessores.

Pereira d'Eça, enviando, para o Ministério das Colónias, cópia do ofício recebido do major Pritchardt, como medianeiro, fazia esta profecia: « *A nossa situação, no Sul de Angola, não melhorou com a rendição dos alemães; continuam os mesmos perigos, agora do lado da U. S. A. É indispensável que haja uma ocupação positiva e forte e que se procure desenvolver, por todos os modos, a acção colonizadora portuguesa, aliás o Sul de Angola será fatalmente perdido.* »

III

É assombroso o progresso efectuado pelos Estados da União Sul Africana, sob a administração da Inglaterra. Basta lançar os olhos sobre a carta

da África do Sul e ver o labirinto das suas linhas férreas, para suspeitar de quanta actividade, quanto trabalho, quanta vida fervilha naquelas imensas regiões.

A sua exportação cresce de ano para ano. Já, em 1917, o seu movimento comercial foi de 67 milhões de libras. A importação tem vindo a diminuir de ano para ano, procurando os governos insistentemente conseguir a sua redução, especialmente nos géneros alimentares, de forma a fazer viver o país dos próprios recursos. Hoje pode dizer-se que o único produto importado é o trigo.

Mas a riqueza da União calcula-se mais palpavelmente pelos fabulosos números da sua indústria.

Em 1917, os artigos fabricados dentro do território valiam 40 milhões de libras; em 1923, esse valor tinha já duplicado. Em 1915-16 funcionavam 3.998 fábricas; em 1917-18, 5.918; e em 1921-22 o seu número tinha chegado a 7.055, indicando que, terminada a guerra, o progresso industrial continua ininterruptamente. O ouro extraído do solo rendeu, até 1923, a quantia fabulosa de 791 milhões de libras; o carvão 61 milhões; os diamantes 228 milhões!

No mesmo ano, a exportação desses minérios foi respectivamente de 40.000.000, 3.825.000 e 7.200.000 de libras! A quantidade de ferro existente, nos jazigos da União, é calculada em 3.000.000 de toneladas!

ÁFRICA PORTENTOSA

No fim do ano de 1922, havia, no território, 31.000.000 de carneiros; 2.270.000 cabras ângoras, e 6.000.000 de outras cabras; 9.000.000 de bois; 2.000.000 de cavalos, mulas e burros; 1.000.000 de suínos e 268.000 avestruzes! Em 1923, a União exportou 26 milhões de libras de produtos agrícolas e pecuários!

Numa área de 473.089 km² distribui-se uma população branca de 1.500.000 habitantes e uma população de côm de 5.500.000 de habitantes. Na desproporção destes dois números se vê a grande capacidade que a União tem para admissão da emigração branca.

A acrescentar a estes elementos é necessário dizer que a sua rede ferroviária conta 11.500 milhas de via; que os portos do Cabo, Durban, Port Elizabeth e East London se apetrecham, dia a dia, com os mais modernos aperfeiçoamentos para tornarem possível uma tão formidável exportação.

Também os seus homens não descuraram o magno problema da instrução. Funcionam duas universidades no Cabo e uma no Transvaal, um conservatório de música em Stellenbosch, faculdades de engenharia, na cidade do Cabo e em Johannesburg, e uma escola agrícola em cada uma das quatro províncias.

Como centro de propaganda, na Europa, está instalada em Trafalgar Square uma *Agência* da União, habilitada a fornecer em Londres tôdas as

informações, àcêrca das fabulosas riquezas sul-africanas, e publicam-se, na capital do Império Britânico, os jornais: *British and South African Export Gazette*, *The African World* e *South Africa*.

Evidentemente que êste extraordinário progresso só se alcançou a poder de trabalho e o trabalho só se realizou à custa de braços. A questão fundamental para a União é pois a conquista do músculo e por isso ela procura ávidamente recrutar serviçais em tôda a parte da África. Os seus vizinhos mais próximos são Moçambique e Angola. Aí vai a União buscar êsse *deficit* de milhares de braços indispensáveis ao seu enriquecimento.

Não falando na importantíssima saída dos nossos pretos de Moçambique, para o Witwatersrand, a emigração dos indígenas de Angola, que, já no tempo em que a Alemanha era senhora do Sudoeste, era um êxodo alarmante, tem aumentado, de ano para ano, porque agora a Dámara constitui um Protectorado em continuidade territorial com a União, onde a angariação de serviçais é, como dissemos, uma questão fundamental. De 1915 a 1920, segundo o cálculo do residente português em Namacunde, a emigração para a Dámara andou por *cem mil indígenas*! A corrente estava estabelecida: foi só continuar a aperfeiçoar os processos postos em prática pela Alemanha. Nada de ocupação militar nem de pagamento de imposto: os próprios residentes acumulam as suas funções ofi-

ciais com as de agentes de emigração; por outro lado alguns negros emigrantes regressam bem vestidos, tilintando libras na algibeira do colete. Do lado de Angola está acontecendo, a pouco e pouco, o que acontece em Moçambique: são raros os pretos que não têm *ido ao John*, que não têm ido às minas. Enquanto Portugal difficilmente recruta trabalhadores no Cuanhama, a União faz aí o seu recrutamento anual por dezenas de milhar.

E, assim, era de esperar, prolongando-se o actual estado de coisas. A faixa neutra presta-se admiravelmente ao recrutamento dos trabalhadores, porquanto ela se vai tornando cada vez mais habitada por negros fugidos, da nossa coacção, ao trabalho e ao imposto. No dia em que se resolver a questão da fronteira e desaparecer a malfadada *zona neutra*, cada um estará definitivamente em sua casa, com direitos claros, o que não convém à União.

Só, assim, se explicam os insucessos das várias tentativas de delimitação. Em 1918, sendo ministro das Colónias Vasconcelos e Sá, estiveram entabuladas negociações nesse sentido, que abortaram; em 1920 a missão de delimitação encontrou-se no Cunene com a missão sul-africana. Por esta foi posta imediatamente a velha questão: o paralelo devia contar-se, não das cataratas do Ruacaná, mas sim do rápido de Cazamboé.

A missão portuguesa ia preparada para a contestação e, após ligeira discussão, os sul-africanos

puseram francamente *o jôgo na mesa*: reconheciam o nosso direito a Ruacaná, se nós permitíssemos que se praticasse uma vala através do Cuamato, levando água do Cunene para o pântano de Etocha.

As missões retiraram sem nada terem adiantado.

Vejamos a significação do pedido dos delegados sul-africanos, que tem todo o aspecto de filiar-se numa gigantesca empreza concebida pelos engenheiros da União, e de que temos conhecimento pelo *African World*. Trata-se, em resumo, do seguinte: existe no centro da África uma enorme depressão formada pelos lagos Etocha, N'gami e Makari-Kari, que se supõe ser o leito de um antigo mar interior. Além dêstes lagos, há, ainda, o Grande Pântano, onde vai desaguar o Cubango, e, ainda, aquele em que desagua o Cuando. Estes dois rios, juntamente com o Cunene, assumem, para a empresa em questão, uma excepcional importância, não só para conservação dessas águas exíguas do interior de África como para seu acrescentamento. Bastaria barrar o Cunene impedindo que as suas águas caminhassem para o Atlântico, lançando-as, através dessa rede de lagos, pântanos e linhas de águas, sôbre o Zambeze, com porta de descarga, na formidável catarata de Vltória Falls, para que, no coração da África, o deserto de Calaari se transformar numa imensa zona de pastagens e de agricultura, a mais rica e mais larga do mundo inteiro!...

ÁFRICA PORTENTOSA

Os elementos, que atrás deixamos esboçados, devem dar suficiente idea do que seja o progresso e, portanto, as aspirações dessa grande federação africana, que, por-certo, há de ter elaborado conjuntamente a sua evolução política. A nós, portugueses, convem-nos seguir essa evolução, porque, embora as duas correntes, nacionalista (Hertzog, actualmente no poder) e unionista (Smuts e Botha), nos sejam estruturalmente adversas, pois ambas entendem que nós somos um entrave impertinente ao seu progredimento, o facto é que, das duas correntes, a mais perigosa, para nós, é a nacionalista, que nos vê como a causa principal da sua derrota pela Inglaterra, e que não terá, a temperar a sua impetuosidade, os compromissos da velha aliança anglo-lusa. De resto, o próprio General Smuts já mais de uma vez advogou, com clareza, a necessidade *de atirar para o mar com êsses árabes...* Os árabes somos nós.

A corrente nacionalista, no dia em que se impuser encontrará nos boers actualmente estabelecidos no Distrito da Huíla e conhecedores, como ninguém, da região, que em busca de caça palmilham em tôdas as direcções, preciosos elementos para favorecerem e facilitarem os seus desígnios.

Não virá, aqui, fora de propósito dizer que os boers, primitivamente estabelecidos no planalto de Humpata, dali se têm deslocado para o Distrito de Benguela e, também, para o Otchinjau (Distrito da Huíla). Dêste último lugar, comunicam, facilmente

com a Dámara, pelo vau Schwarz-Boy, por onde têm chegado ao Planalto da Huíla, agentes da União Sul-Africana, que pretendem fugir à apresentação ao residente português de Namacunde.

Ora os alemães serão sempre vistos com simpatia, por esta gente, pois a voz do Kaiser foi a mais poderosa voz que, na Europa, se ergueu contra as violências dos ingleses, na guerra anglo-boer. E os boers verão, sempre, com bons olhos, todos os inimigos da Inglaterra...

Acrescente-se a isto que, em 23 de Setembro de 1923, foi assinada uma convenção entre a Alemanha e a União, permitindo a entrada livre de alemães nos territórios desta última.

A conquista da Dámara foi de um grande alcance para a União. Os seus productos, que saíam por Lourenço Marques, encontrarão na costa ocidental saída para mais rapidamente chegarem à Europa. Nem Canal de Suez, nem Mediterrâneo. Os productos achar-se hão logo em pleno Atlântico, com avanço de dias. Simplesmente se trata de encontrar, na costa ocidental, um pôrto de mar capaz de comportar tão grande movimento. Onde está êsse pôrto?

As únicas saídas de tôda a costa do Sudoeste, Walfish-Bay e Luderitzbuch (Angra Pequena), afluem já as linhas férreas que drenam os productos da parte setentrional do Sudoeste (Tsumeb e Grootfontein), da parte central (Windhuk e Gibeon) e da parte meridional (Keetmanshoop), pela qual ligam para a rede de malhas apertadas das linhas da União.

ÁFRICA PORTENTOSA

Essas duas saídas, para o Atlântico, são estreitas de mais para tão forte expansão.

Ora, ao norte, mais perto da Europa, fica, em território português, a esplêndida saída natural da Baía dos Tigres, que está destinada a desempenhar na costa ocidental o mesmo papel que Lourenço Marques tem desempenhado na oriental. Urge apetrechá-la, melhorá-la, fazê-la términus de uma linha férrea que ligue com as do Protectorado do Sudoeste. Se o não fizermos...

Medite-se em que o caminho de ferro que, vindo de Tsumeb, passa perto do lago Etocha, continua progredindo, a caminho da fronteira sul de Angola.

Em 1923, uma missã técnica estudava, por ordem do Alto Comissário de Angola, a ligação da Baía dos Tigres com o Otchinjau. Depois de muitos trabalhos e privações, a missão encontrava a passagem para a linha férrea projectada, à qual se ia dar imediato comêço. Por questões de ordem política, tal obra não foi iniciada, perdendo-se uma magnífica oportunidade de demonstrar que não só provemos às nossas necessidades mas, ainda, vamos ao encontro das necessidades alheias.

*

*

*

O facto de termos sido os primeiros a chegar à África, permitiu-nos a escolha dos postos mais importantes da costa. Já Lourenço Marques de-

sempenhou, na obra do progresso africano, um papel importantíssimo. Chegou a vez aos portos da nossa África Ocidental: a grande Baía dos Tigres, Mossâmedes, o magnífico pôrto do Lobito, Loanda e o Zaire, bôcas naturais de saída de todos os produtos da África Central e da África do Sul, vão, em breve, atingir um valor excepcional. O nosso interêsse e a nossa segurança estão em apetrechá-los convenientemente para poderem desempenhar, não só em relação ao nosso domínio, mas em relação, também, ao progresso geral africano, os serviços que a sua posição exige.

Portugal tem um grandíssimo futuro diante de si. O extenso domínio de Angola não é só rico pelas fabulosas possibilidades do seu solo; as grandes linhas de exportação africana atravessarão, forçadamente, o seu território. Amanhã, virão ter, naturalmente, aos seus portos todos os minérios da Catanga e as riquezas incalculáveis da União Sul Africana.

E, de repente, a um país que esmorecia à falta de destino, surge, mercê do esforço obscuro e anónimo dos seus antepassados, um brilhantíssimo futuro de trabalho e de opulência, indicando aos seus filhos o caminho a seguir e podendo assim verificar-se com Portugal a lei social de que a vida dos povos não pode ser definida por uma curva simples, com um único pôrto culminante, mas é sujeita a quedas múltiplas, a partir das quais

A F R I C A P O R T E N T O S A

novamente se erguem, para a realização dos seus papeis históricos.

O grande destino da raça não foi cumprido, ainda: falta-lhe acabar, na África, obra idêntica à que realizou na América. Só, então, terá direito a descansar, porque já, em tôdas as cinco partes do mundo, o seu nome será erguido e louvado, e a sua língua servirá para facilitar, entre homens de tôdas as raças, as nobres relações da paz, as fortes afirmações da justiça e as eternas lutas da liberdade.

A sua alma, dispersa por todo o mundo, renascerá no coração das gentes e, de geração em geração, ir-se há avivando, nos que forem surgindo para a vida, o culto dos que morreram de olhos fitos no futuro, devorados pelo incerto ideal de criarem, para os seus filhos, um mundo melhor e uma existência mais larga e mais fecunda.

África Ocidental Portuguesa.

Lubango, 14 de Agosto de 1925.

ÍNDICE

I — CARTA	II
II — NOTAS DE VIAGEM	21
III — NOS AREAIS DE MOSSAMEDES	57
IV — OS ENFORCADOS DE NAULILA	81
V — CRÓNICAS AFRICANAS.	93
VI — UMA PÁGINA DE HISTÓRIA	117
VII — O PADRE ANTUNES	135
VIII — DA SERRA AO MAR	149
IX — MONGUA	173
X — CRÓNICAS AFRICANAS.	201
XI — O DISTRITO DA HUILA E AS CUBIÇAS ESTRANHAS	223

ACABOU DE SE IMPRIMIR A
2.^a EDIÇÃO DÊSTE LIVRO A
CATORZE DE MARÇO DE MIL
NOVECENTOS E VINTE NOVE,
NA GRÁFICA, L.^{da}, R. DA AS-
SUNÇÃO, 18 a 24 — LISBOA

Pedidos aos distribuidores:

Editorial Organizações, L.^{da}

Largo Trindade Coelho, 9-2.º

L I S B O A

Telefone 2 7 5 0 7

Enderêço Telegráfico «EDITORIAL

DO MESMO AUTOR:

NO PLANALTO DA HUÍLA

ED. DA RENASCENÇA PORTUGUESA — PÓRTO — 1923

CARTAS DE ANGOLA

ED. DA «SEARA NOVA» — LISBOA — 1928

7

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL



00001946737